

III — A CIDADE E SEUS PÍCAROS

*Quando escrevo para todos
que não falo em cultos modos,
mas em frase corriqueira*

*Os doutos estão nos cantos
os ignorantes na Praça*

*Eu não me quero emendar,
pois faço versos em rimas,
e às unhas os sujeito
de quem os corta, e belisca.*

OS SEUS DOCES EMPREGOS

1 – ÂNGELA

Pretende o Poeta casar-se com esta Senhora, e por se achar alcançado em anos, e abatido em bens, Introduziu amizade com seo Irmão o Capitão Francisco Moniz de Souza fazendo especial menção dele na festa das virgens e depois com um soneto, e várias obras pretendendo assim introduzir-se naquela casa. Posto com efeito nela, viu uma manhã de Natal as três Irmãs, a cujas vistas fez as seguintes décimas

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*que digo eu? este mundo inteiro
namorei eu tão primeiro,
que nisto de namorar
podeis vós comigo estar
a soldada de Escudeiro.*

são feias, mas são mulheres

VIU UMA MANHÃ DE NATAL AS TRÊS IRMÃS, A CUJAS
VISTAS FEZ AS SEGUINTEs DÉCIMAS.

1 Numa manhã tão serena
como entre tanto arrebol
pode caber tanto sol
em esfera tão pequena?
quem aos pasmos me condena
da dúvida há de tirar-me,
e há de mais declarar-me,
como pode ser ao certo
estar eu hoje tão perto
de três sóis, e não queimar-me.

2 Onde eu vi duas Auroras
com tão claros arrebóis,
que muito visse dois sóis
nos raios de três Senhoras:
mas se as matutinas horas,
que Deus para aurora fez,
tinham passado esta vez,
como pode ser, que ali
duas auroras eu vi,
e os sóis eram mais de três?

3 Se lhes chamo estrelas belas,
mais cresce a dificuldade,
pois perante a majestade
do sol não luzem estrelas:
seguem-se-me outras seqüelas,
que dão mais força à questão,
com que eu nesta ocasião
peço à Luz, que me conquista,
que ou me desengane a vista,
ou me tire a confusão.

4 Ou eu sou cego em verdade,
e a luz dos olhos perdi,
ou tem a luz, que ali vi,
mais questão, que a claridade:
cego de natividade
me pode o mundo chamar,
pois quando vim visitar
a Deus em seu nascimento,
me aconteceu num momento,
vendo a três luzes, cegar.

AO MESMO ASSUNTO.

Debuxo singular, bela pintura,
Adonde a Arte hoje imita a Natureza,
A quem emprestou cores a Beleza,
A quem infundiu alma a Formosura.

Esfera breve: aonde por ventura
O Amor, com assombro, e com fineza
Reduz incompreensível gentileza,
E em pouca sombra, muita luz apura.

Que encanto é este tal, que equivocada
Deixa toda a atenção mais advertida
Nessa cópia à Beleza consagrada?

Pois ou bem sem engano, ou bem fingida
No rigor da verdade estás pintada,
No rigor da aparência estás com vida.

AO MESMO ASSUNTO.

Vejo-me entre as incertezas
de três Irmãs, três Senhoras,
se são três sóis, três auroras,
três flores, ou três belezas:
para sóis têm mais lindezas,
que aurora mais resplendor,
muita graça para flor,
e por final conclusão
três enigmas do Amor são,
mais que as três cidras do Amor.

PONDERA AGORA COM MAIS ATENÇÃO A FORMOSURA DE D. ANGELA.

Não vi em minha vida a formosura,
Ouvia falar nela cada dia,
E ouvida me incitava, e me movia
A querer ver tão bela arquitetura.

Ontem a vi por minha desventura
Na cara, no bom ar, na galhardia
De uma Mulher, que em Anjo se mentia,
De um Sol, que se trajava em criatura.

Me matem (disse então vendo abraçar-me)
Se esta a cousa não é, que encarecer-me.
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me.

Olhos meus (disse então por defender-me)
Se a beleza hei de ver para matar-me,

Antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DE SUA SENHORA A
IMITAÇÃO DE OUTRO SONETO QUE FEZ FELIPE IV À UMA
DAMA SOMENTE COM TRADUZI-LO NA LÍNGUA PORTUGUESA.

Se há de ver-vos, quem há de retratar-vos,
E é forçoso cegar, quem chega a ver-vos,
Se agravar meus olhos, e ofender-vos,
Não há de ser possível copiar-vos.

Com neve, e rosas quis assemelhar-vos,
Mas fora honrar as flores, e abater-vos:
Dois zéfiros por olhos quis fazer-vos,
Mas quando sonham eles de imitar-vos?

Vendo, que a impossíveis me aparelho,
Desconfiei da minha tinta imprópria,
E a obra encomendei a vosso espelho.

Porque nele com Luz, e cor mais própria
Sereis (se não me engana o meu conselho)
Pintor, Pintura, Original, e Cópia.

NO DIA EM QUE FAZIA ANOS ESTA DIVINA BELEZA; ESTE PORTENTO DE
FORMOSURA DONA ANGELA, POR QUEM O POETA SE CONSIDERAVA
AMOROSAMENTE PERDIDO E QUASE SEM REMÉDIO PELA GRANDE
IMPOSSIBILIDADE DE PODER LOGRAR SEUS AMORES: CELEBRA OBSEQUIOSA
E PRIMOROSAMENTE SUAS FLORENTES PRIMAVERAS COM ESTA LINDÍSSIMA
CANÇÃO.

1 Pois os prados, as aves, as flores
ensinam amores,
carinhos, e afetos:
venham correndo
aos anos felizes,
que hoje festejo:
Porque aplausos de amor, e fortuna
celebrem atentos
as aves canoras
as flores fragrantas
e os prados amenos.

2 Pois os dias, as horas, os anos
alegres, e ufanos
dilatam as eras;
Venham depressa
aos anos felizes,
que Amor festeja.

Porque aplausos de amor, e fortuna
celebrem deveras
os anos fecundos,
os dias alegres,
as horas serenas.

3 Pois o Céu, os Planetas, e Estrelas
com Luzes tão belas
auspiciam as vidas,
venham luzidas
aos anos felizes
que Amor publica.
Porque aplausos de amor, e fortuna
celebrem um dia
a esfera imóvel,
os astros errantes,
e as estrelas fixas.

4 Pois o fogo, água, terra, e os ventos
são quatro elementos,
que alentam a idade,
venham achar-se
aos anos felizes
que hoje se aplaudem.
Porque aplausos de amor, e fortuna
celebrem constantes
a terra florida,
o fogo abrasado,
o mar furioso,
e as auras suaves.

ROMPE O POETA COM A PRIMEIRA IMPACIÊNCIA QUERENDO
DECLARAR-SE E TEMENDO PERDER POR OUSADO.

Anjo no nome, Angélica na cara,
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
Ser Angélica flor, e Anjo florente,
Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara
De verde pé, de rama florescente?
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu custódio, e minha guarda,
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,
Posto que os Anjos nunca dão pesares,

Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

SEGUNDA IMPACIÊNCIA DO POETA.

Cresce o desejo, falta o sofrimento,
Sofrendo morro, morro desejando,
Por uma, e outra parte estou penando
Sem poder dar alívio a meu tormento.

Se quero declarar meu pensamento,
Está-me um gesto grave acobardando,
E tenho por melhor morrer calando,
Que fiar-me de um néscio atrevimento.

Quem pretende alcançar, espera, e cala,
Porque quem temerário se abalança,
Muitas vezes o amor o desiguala.

Pois se aquele, que espera sempre alcança,
Quero ter por melhor morrer sem fala,
Que falando, perder toda esperança.

FALA O POETA COM SUA ESPERANÇA.

Não te vás, esperança presumida,
A remontar a tão sublime esfera,
Que são as dilações dessa quimera
Remora para o passo desta vida.

Num desengano acaba reduzida
A larga propensão, do que se espera,
E se na vida o adquirir te altera,
Para penar na morte te convida.

Mas voa, inda que breve te discorres,
Pois se adoro um desdém, que é teu motivo,
Quando te precipitas, me discorres.

Que me obriga meu fado mais esquivo,
Que se eu vivo da causa, de que morres,
Que morras tu da causa, de que vivo.

AUSENTE O POETA DAQUELA CASA, FALECEU D. TERESA UMA
DAS IRMÃS, E COM ESTA NOTÍCIA SE ACHOU O POETA COM
VASCO DE SOUZA A PÊSAMES, ONDE FEZ O PRESENTE SONETO.

Astro do prado, Estrela nacarada
Te viu nascer nas margens do Caípe
Apolo, e todo o coro de Aganipe,
Que hoje te chora rosa sepultada.

Por rainha das flores aclamada
Quis o prado, que o cetro participe
Vida de flor, adonde se antecipe
Aos anos a gadanha coroada.

Morrer de flor é morte de formosa,
E sem junções de flor nasceras peca,
Que a pensão de acabar te fez pomposa.

Não peca em fama, quem na morte peca,
Nácar nasceste, e eras fresca rosa:
O vento te murchou, e és rosa seca.

EPITÁFIO À MESMA BELEZA SEPULTADA.

Vemos a luz (ó caminhante espera)
De todas, quantas brilham, mais pomposa,
Vemos a mais florida Primavera,
Vemos a madrugada mais formosa:
Vemos a gala da luzente esfera,
Vemos a flor das flores mais lustrosa
Em terra, em pó, em cinza reduzida:
Quem te teme, ou te estima, ó morte, olvida.

LISONJEIA O POETA A VASCO DE SOUZA FAZENDO EM SEU NOME ESTA LACRIMOSA NÊNIA.

Morreste, Ninfa bela,
na florescente idade:
nasceste para flor,
como flor acabaste.

Viu-te a Alva no berço,
a Véspera no jaspe,
mimo foste da Aurora,
a lástima da tarde.

O nácar, e os alvares
da tua mocidade
foram, se não mantilhas,
mortalha a teus donaires.

Oh nunca flor nasceras,
Se imitando-as tão frágil,
no âmbar de tuas folhas
te ungiste, e te enterraste.

Morreste, e logo Amor
quebrou arco, e carcases;
que muito se lhe faltas,
que logo se desarme?

Ninguém há neste monte,
ninguém naquele vale,
o cortesão discreto,
o pastor ignorante:

Que teu fim não lamente,
dando aos quietos ares
já fúnebres endechas,
já trágicos romances.

O eco, que responde
a qualquer voz do vale,
já agora só repete
meus suspiros constantes.

A árvore mais forte,
que gemia aos combates
do vento, que a meneia
ou do raio, que a parte,

Hoje geme, hoje chora
com lamento mais grave
forças da tua estrela
mais que a força dos ares.

Os Ciprestes já negam
às aves hospedagem,
porque gemendo tristes,
andam voando graves.

Tudo enfim se trocou,
montes, penhas, e vales,
o penedo insensível,
o tronco vegetável.

Só eu constante, e firme
choro o teu duro transe,
o mesmo triste sempre

por toda a eternidade.

Ó alma generosa,
a quem o Céu triunfante
usurpou a meus olhos
para ser lá deidade.

Aqui onde o Caípe
já te erigiu altares
por Deusa destes montes,
e por flor destes vales:

Agrário o teu Pastor
não te forma de jaspes
sepulcro a tuas cinzas
túmulo a teu cadáver.

Mas em lágrimas tristes,
e suspiros constantes
de um mar tira dois rios,
de um rio faz dois mares.

LISONJEIA OS SENTIMENTOS DE DONA VITÓRIA COM
ESTE SONETO FEITO EM SEU NOME.

Alma ditosa, que na empírea corte
Pisando estrelas vais de sol vestida,
Alegres com te ver fomos na vida,
Tristes com te perder somos na morte.

Rosa encarnada, que por dura sorte
Sem tempo do rosal foste colhida,
Inda que melhoraste na partida,
Não sofre, quem te amou, pena tão forte.

Não sei, como tão cedo te partiste.
Da triste Mãe, que tanto contentaste,
Pois partindo-te, a alma me partiste.

Oh que cruel comigo te mostraste!
Pois quando a maior glória te subiste,
Então na maior pena me deixaste.

LISONJEIA O SENTIMENTO DE FRANCISCO MUNIZ DE SOUZA
SEU IRMÃO FAZENDO EM SEU NOME ESTE SONETO.

Flor em botão nascida, e já cortada,
Tiranamente murcha em flor nascida,
Que nos primeiros átomos da vida,
Quando apenas sois nada, não sois nada.

Quem vos despiu a púrpura corada?
Como assim da beleza estais despida?
Mas ah Parca cruel! Morte atrevida!
Por que cortaste a flor mais engraçada?

Porém que importa, bem que me desvela
Na flor o golpe, se maior ventura
Vos prometo no Céu, bela Teresa.

De flor ao Céu passais a ser estrela,
E não perde de flor a formosura,
Quem no Céu melhor flor logra a beleza.

PRETENDE O POETA CONSOLAR O EXCESSIVO SENTIMENTO DE
VASCO DE SOUZA COM ESTE SONETO.

Sôbolos rios, sôbolas torrentes
De Babilônia o Povo ali oprimido
Cantava ausente, triste, e afligido
Memórias de Sião, que tem presentes.

Sôbolas do Caípe águas correntes
Um peito melancólico, e sentido
Um anjo chora em cinzas reduzido,
Que são bens reputados sobre ausentes.

Para que é mais idade, ou mais um ano,
Em quem por privilégio, e natureza
Nasceu flor, a quem um sol faz tanto dano?

Vossa prudência pois em tal dureza
Não sinta a dor, e tome o desengano
Que um dia é eternidade da beleza.

A VISTA DO EXCESSO DE VASCO DE SOUZA PONDERA O POETA,
QUE O VERDADEIRO AMOR, AINDA TIRADA A CAUSA NÃO CESSA
NOS EFEITOS, CONTRA A REGRA DE ARISTÓTELES.

Errada a conclusão hoje conheça
O Mestre, que mais douto na ciência
Nos deixou em prolóquio sem falência,
Que em a causa cessando, o efeito cessa.

Porque a dor de um Magoado nos confessa,
Que arrastou a Beleza com violência,
Que o que efeito causara uma assistência,
Apartado da causa então começa:

Apartada a Beleza inda lhe causa
Um efeito tão forte, que suspeito,
Que não tem inda a causa feito pausa.

Porque já em domínios de seu peito,
Se na vida a rendia como causa,
Hoje o vence na morte pelo efeito.

LINSONJEIA FINALMENTE O POETA COM ESTAS MORALIDADES TRISTES
DE UMA VIDA FLORESCENTE PELAS FRIAS VOCÊS DAQUELA SEPULTADA
BELEZA SUAS FORMOSAS IRMÃS, AVIVANDO-LHE OS MOTIVOS DA DOR.

MOTE

*Ya que flor, mis Flores, fui
Vuestro exemplo aora soy,
pues de flor a sol subi,
y oy de mi aun sombras doy.*

1. *En flor, mis Flores, se muere,
quien en la vida fué flor,
que es la muerte com rigor
de las Flores Malmequiere:
quien de vosotras se huviere
desconocido haste aqui,
su triste flor veyá en mi
como en un puro cristal,
que espejo soy de su mal,
ya que flor, mis Flores, fui.*
2. *Triunfar, Flores, en effecto
ya me visteis de la suerte,
si mal me quiso la muerte,
siempre he sido Amor perfecto:
desengañada os prometto
de la ceniza, en que estoy,
pues al sepulchro me voy,
Flores, para que nasci,
que si Perpetua no fui,
Vuestro exemplo aora soy.*
- 3 *de aqueste jardin de Flora,
que flagra oloroso aliento,
ya fui gallardo elemento,*

*ya fui bellisima aurora:
pero, mis Flores, aora
nada soy, de lo que fui,
bien que los habitos di,
con que a los astros llegué,
y en el cielo me quedé,
Pues de flor e sol subi.*

*4 Alerta Flores, que ayrada
la muerte usurpa las flores,
en quien colores, y olores
son exemplos de la nada:
alerta pues que prostada
mis brios llorando estoy;
lo que va de ayer a oy
aprended de um muerto sol,
que ayer candido arrebol,
y oy de mi aun sombras doy.*

ESTA VEZ SE DEIXOU O POETA ESQUECER NAQUELA CASA, ESPERANDO
OCASIÃO DE DECLARAR-SE E SEMPRE SE ACOBARDOU A VISTA DA CAUSA,
SEMPRE EM LUTAS COM O AMOR E RESPEITO.

MOTE

*Muero por dizir mi mal,
Va-me la vida en callar.*

*1 Dos vezes muerto me hallo
de los arpones de Amor,
una al dizir mi dolor,
y otra vez quando lo callo.
No sé como remediarllo,
pues su implicacion es tal,
que hazes mi dolor mortal,
y con peligro tan fiero,
que quando por callar muero,
Muero por dizir mi mal.*

*2 Aqui el contrario no es medio
de curar a su contrario,
porque el remedio ordinario
no es para mi mal remedio:
yo tengo un azar, um tedio
a todo, lo que es sanar,
porque todo es peligrar;
si callo, pierdo la vida,
y si digo, mi homicida,
Va-me la vida en callar.*

ADMIRÁVEL EXPRESSÃO QUE FAZ O POETA DE SEU ATENCIOSO SILÊNCIO.

Largo em sentir, em respirar sucinto
Peno, e calo tão fino, e tão atento,
Que fazendo disfarce do tormento
Mostro, que o não padeço, e sei, que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,
Dentro no coração é, que o sustento,
Com que para penar é sentimento,
Para não se entender é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;
Da tempestade é o estrondo efeito:
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!
Pois não me chegam a vir à boca os tiros
Dos combates, que vão dentro no peito.

TERCEIRA IMPACIÊNCIA DOS DESFAVORES DE SUA SENHORA.

Dama cruel, quem quer que vós sejais,
Que não quero, nem posso descobrir-vos,
Dai-me agora licença de argüir-vos,
Pois para amar-vos tanto me negais.

Por que razão de ingrata vos prezais,
Não pagando-me o zelo de servir-vos?
Sem dúvida deveis de persuadir-vos
Que a ingratidão a formosenta mais.

Não há cousa mais feia na verdade;
Se a ingratidão aos nobres envilece,
Que beleza fará uma fealdade?

Depois que sois ingrata, me parece
Torpeza hoje, o que ontem foi beldade
E flor a ingratidão, que em flor fenece.

ENCARECE O POETA A GRAÇA E A BIZARRIA COM QUE SUA
SENHORA DESEMBARCOU A SEUS OLHOS E FOI LEVADA
POR QUATRO ESCRAVOS.

1 Esperando uma bonança,
cansado já de esperar
um pescador, que no mar
tinha toda a confiança:
receoso da tardança
de um dia, e mais outro dia
pela praia discorria,
quando aos olhos de repente
uma onda lhe pôs patente,
quanto uma ausência encobria.

2 Entre as ondas fluando
um vulto se divisava,
sendo, que mais fluava,
quem por ela está aguardando:
e como maior julgando
o tormento da demora
como se Leandro fora,
lançar-se ao mar pretendia,
quando entre seus olhos via
quem dentro em seu peito mora.

3 Mora em seu peito uma ingrata

tão bela ingrata, que adrede
pescando as demais com rede,
ela só com a vista mata:
as redes, de que não trata
vinha agora recolhendo;
porque como estava vendo
todo o mar feito uma serra,
vem pescar almas à terra,
de amor pescadora sendo.

- 4 Logo que à praia chegou,
tratou de desembarcar,
mas sair o sol do mar
só esta vez se admirou:
tão galharda enfim saltou,
que quem tão galharda a via,
justamente presumia,
para mais abono seu,
que era Vênus, que nasceu
do mar, pois do mar saía.
- 5 Pôs os pés na branca areia,
que comparada cos pés
ficou pez, em que lhe pes,
porque em vê-la a areia areia:
pisando a margem, que alheia
de um arroio os dois extremos,
todos julgamos, e cremos
Galatéia a Ninfa bela,
pois bem que vimos a Estrela,
fomos cegos Polifemos.
- 6 Toda a concha, e toda a ostrinha,
que na praia achou, a brio,
mas nenhum aljôfar viu,
que todos na boca tinha:
porém se em qualquer conchinha
pérolas o sol produz,
daqui certo se deduz,
que onde quer, que punha os olhos,
produz pérolas a molhos
pois de dois sóis logra a luz.
- 7 Em uma portátil silha
ocaso a seu sol entrou,
e pois tal peso levou,
não sentiu peso a quadrilha:
vendo tanta maravilha
tanta luz de monte a monte,
abrasar-se o Horizonte,
temi com tanto arrebol,
pois sobre as Pias do sol
ia o carro de Faetonte.

OUTRA VEZ O ASSALTAM NOVOS PENSAMENTOS DE DECLARAR-SE E TEMER.

MOTE

*Ay de ti, pobre cuydado,
que en la carcel del silencio
has de tener tu razon,
porque lo manda el respeyto.*

1. *Si por fuerça del respeyto,
ou floxedad de alvedrio
nasciste, cuydado mio,
tan captivo, y tan sugeto:
y aun eres tan indiscreto,
que de nescio, y porfiado
quieres por lo bien hablado
librar tu innocencia mucha,
con quien te riñe y no escucha,
Ay de ti, pobre cuydado.*

- 2 *Cessa y serás escuchado,
que en la quexa de un tormento
las voces se lleva el viento,
no el alivio, que es passado:
calla, y no hables deslumbrado
al dueño, à quien reverencio,
y sien la quietud, que agencio,
conviene, que mi razon
se prenda, que mas prison,
Que en la carcel del silencio*

- 3 *Mi consejo esto contiene,
y porque mejor se entienda,
antes la razon se prenda,
que quien la rason se tiene:
la prudencia lo previene
con viva demonstracion:
tener quieres duracion?
luego debes entender,
que para rason tener
Has de tener tu rason.*

- 4 *Y pues dizirla es perderla,
porque hablada va perdida,
tenla en tu pecho escondida,
que assi vendras a tenerla:
no temas el no entenderla
de tu silencio el objecto:
pues callando te prometto,
que en prueba de mis lealdades
sepan, que callé verdades,*

Porque lo manda el respeto.

A VISTA DE UM PENHASCO QUE VERTENDO FRIGIDÍSSIMAS ÁGUAS LHE
CHAMAM NO CAÍPE A FONTE DO PARAÍSO, IMAGINA AGORA
O POETA MENOS TOLERÁVEL À SUA DISSIMULAÇÃO.

Como exalas, Penhasco, o licor puro,
Lacrimante a floresta lisonjeando,
Se choras por ser duro, isso é ser brando,
Se choras por ser brando, isso é ser duro.

Eu, que o rigor lisonjear procuro,
No mal me rio, dura penha, amando;
Tu, penha, sentimentos ostentando,
Que enterneces a selva, te asseguro.

Se a desmentir objetos me desvio,
Prantos, que o peito banham, corroboro
De teu brotado humor, regato frio.

Chora festivo já, ó cristal sonoro,
Que quanto choras, se converte em rio,
E quanto eu rio, se converte em choro.

COM O EXEMPLO DO LACRIMOSO PENHASCO ENTRA A SUSPIRAR,
FAZ PAUSA E RESOLVE ULTIMAMENTE A PROSSEGUIR, RESGATANDO
O SILÊNCIO À NOBREZA DA CAUSA.

Suspiros, que pretendeis
Com tanta despesa de ais,
Se quando um alívio achais,
todo um segredo rompeis?

Não vedes, que a opinião
sente o segredo rompido,
quando no alívio adquirido
Consta a sua perdição?

Não vedes, que se acompanha
o desafogo do peito,
mais se perde no respeito,
do que no alívio se ganha?

Não vedes, que o suspirar
diminui o sentimento,
usurpando ao rendimento
tudo, quanto dais ao ar?

Mas direis, que uma tristeza
publica a sua desgraça,
porque o silêncio não faça
inútil sua fineza.

Direis bem, que o padecer
da beleza é pundonor,
e guardar segredo à dor
será agravar seu poder.

Eia, pois, coração louco,
suspirai, dai vento ao vento,
que tão grande sentimento
não periga com tão pouco.

Quem disser, que suspirais
por dar à dor desafogo,
dizei-lhe, que tanto fogo
ao vento se acende mais.

Não caleis, suspiros tristes,
que importa pouco o segredo
e jamais me vereis ledos,
como algum tempo me vistes.

EM CONTRAPOSIÇÃO DO QUE RESOLVEU, SE ENTREGA O POETA
NOVAMENTE AO SILÊNCIO, RESPEITANDO, A QUE OS SUSPIROS
POSTO QUE CONSOLAM, NÃO ALIVIAM POR MENOS NOBRES.

MOTE

*Ay de ti, que en tus suspiros
has de lograr el consuelo,
no el alivio, que es culpar
la atención del rendimiento..*

*1 Coração: siente tu anhelo,
que quien gime en su tormento,
no haze agravio al sentimiento,
si hallo en sentir consuelo:
gime dentro en tu desvelo,
que ni te oigan tus retiros,
mas si la nota haze tiros,
ay de ti, que en tus razones
faltas a las submisiones?
Ay de ti, que en tus suspiros!*

2 Ay de ti, pobre cuydado,

*que en un suspiro sentido
si ganas lo divertido
no pierdes lo desdichado!
ay de ti, que desahogado
al ayre vital del cielo
no creyo, que en tu desvelo
algun alivio consigas,
ni pienso, que en tus fadigas
Has de lograr el consuelo.*

*3 Si el consuelo se quedó,
en quien suspira, en quien llora,
quede el consuelo en buen hora,
mas el alivio esso nó:
el consuelo podrè yo
en un triste assegurar
que el dar suspiros al viento
es culpa del sentimiento
No el alivio, que es culpar.*

*4 No se alivia, el que suspira,
si gimiendo se consuela,
que como el gimir anhela,
del alivio se retira:
ten pues, cuydado, la mira,
en que no floxa el tormento,
viva intacto el sentimiento,
que bien el de coro observa,
quien siente, calla, y reserva
la atencion del rendimiento.*

PORFIA O POETA EM LOUVAR SEU NECESSÁRIO SILÊNCIO, COMO
QUEM FAZ VIRTUDE DA NECESSIDADE.

MOTE

*Sentir por solo sentir
es el sentir verdadero,
que en saber sentir está
el premio del sentimiento.*

*1 Coraçõ: sofre, y padece,
que quien alivia el tormento
el premio del sufrimiento
nesciamente desmerece:
siente, y en tus dolores cresce:
sofre, que solo el sufrir
sera el medio de luzir:
calla, que la causa es tal,
que está mandando a tu mal
Sentir por solo sentir.*

- 2 *Sentir, sufrir, y callar
medio será de salvar-te:
pero no sientan llorar-te
porque es arte de aliviar:
el sufrimiento hade estar
sugeto al arpon severo,
evitando el ser grossero
con silencio, o con rason,
que sentir sin reflexion
Es el sentir verdadero.*
- 3 *No suffras, por mas sufrir,
que en sufrir por merecer,
la atencion hecha a perder,
quando llega a competir:
nada intentes conseguir,
que es vana gloria, y quisá
que todo se perderá:
la mudez no es meritoria?
Sabe sentir por la gloria,
Que en saber sentir está.*
- 4 *Sabe, que ay indignacion,
en quien te puede ultrajar,
que ay aborrecer, y amar,
mas no sepas la rason:
siente tu injusta passion,
mas no sepa el sufrimiento
la causa de tu tormento:
discurre sin discurrir,
que hallarás en tu sentir
El premio del sentimiento.*

PRETENDE AGORA PERSUADIR A UM RIBEIRINHO A QUE NÃO CORRA,
TEMENDO, QUE SE PERCA: QUE É MUI PRÓPRIO DE UM LOUCO
ENAMORADO QUERER QUE TODOS SIGAM O SEU CAPRICHOS E RESOLVE A
COBIÇAR-LHE A LIBERDADE.

Como corres, arroio fugitivo?
Adverte, pára, pois precipitado
Corres soberbo, como o meu cuidado,
Que sempre a despenhar-se corre altivo.

Torna atrás, considera discursivo,
Que esse curso, que levas apressado,
No caminho, que emprendes despenhado
Te deixa morto, e me retrata ao vivo.

Porém corre, não pares, pois o intento,
Que teu desejo conseguir procura,

Logra o ditoso fim do pensamento.

Triste de um pensamento sem ventura!
Que tendo venturoso o nascimento,
Não acha assim ditosa a sepultura.

SOLITÁRIO EM SEU MESMO QUARTO À VISTA DA LUZ DO CANDIEIRO
PORFIA O POETA PENSAMENTEAR EXEMPLOS DE SEU AMOR NA BORBOLETA.

Ó tu do meu amor fiel traslado
Mariposa entre as chamas consumida,
Pois se à força do ardor perdes a vida,
A violência do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim hás encontrado,
Essa flama girando apeteçada;
Eu girando uma penha endurecida,
No fogo, que exalou, morro abrasado.

Ambos de firmes anelando chamas,
Tu a vida deixas, eu a morte imploro
Nas constâncias iguais, iguais nas chamas.

Mas ai! que a diferença entre nós choro,
Pois acabando tu ao fogo, que amas,
Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.

RATIFICA SUA FIDALGA RESOLUÇÃO TIRANDO DENTRE SALAMANDRA E
BORBOLETA O MAIS SEGURO DOCUMENTO PARA BEM AMAR .

Renasce Fênix quase amortecida,
Borboleta no incêndio desmaiada:
Porém se amando vives abrasada,
Ai como temo morras entendida!

Se te parece estar restituída,
No que te julgo já ressuscitada,
Quanto empreendes de vida renovada,
Te receio na morte envelhecida.

Mas se em fogo de amor ardendo nasces,
Barboleta, o contrário mal discorres,
Que para eterna pena redivives.

Reconcentra esse ardor, com que renasces,
Que se qual Borboleta em fogo morres

É melhor, Salamandra, o de que vives.

AO RIO DE CAÍPE RECORRE QUEIXOSO O POETA DE QUE SUA
SENHORA ADMITE POR ESPOSO OUTRO SUJEITO.

Suspende o curso, ó Rio, retrocido,
Tu, que vens a morrer, adonde eu morro,
Enquanto contra amor me dá socorro
Algun divertimento, algun olvido.

Não corras lisonjeiro, e divertido,
Quando em fogo de amor a ti recorro,
E quando o mesmo incêndio, em que me torro,
Teu vizinho cristal tem já vertido.

Pois já meu pranto inunda teus escolhos,
Não corras, não te alegres, não te rias,
Nem prateies verdores, cinge abrolhos.

Que não é bem, que tuas águas frias,
Sendo o pranto chorado dos meus olhos,
Tenham que rir em minhas agonias.

IMAGEM SINGULAR DE SUA DESESPERADA PAIXÃO, VENDO QUE SUA
SENHORA SEM EMBARGO DE RECEBER-LHES SEUS AMOROSOS DIVERTIMENTOS,
ACEITAVA EM CASAMENTO UM SUJEITO MUITO DA VONTADE DE SEUS
PAIS: MAS NEM ESTAS, NEM OUTRAS OBRAS, OUSAVA ELE A CONFIAR MAIS
QUE DO SEU BAÚ.

Enfim, pois vossa mercê
não ignora, que é forçoso
acomodar co'as desgraças,
e desbaratar ao gosto:
Ouça os últimos suspiros,
de quem no extremo amoroso
fala com língua de mágoas,
sente com vozes de fogo.
Que nestas minhas ofensas,
e nestes termos suponho,
que fez dita o meu afeto,
do que você fez estorvo.
Pois adorando excessivo,
o que não logrou ditoso,
só da esperança fez caso,
sem dar ousadia ao logro.
Parecia-me, que nunca
chegasse a ser perigoso
venerar no pensamento
falsas idéias de um gosto.
Mas conhecendo mentiras,

quanto me disse o alvoroço,
repito agora, o que quis
fazendo negaça ao gosto:
Que como em você conheço,
que lhe será mui custoso
sem fazer da pena opróbrio:
Vendo, que minha esperança
acha o bem dificultoso,
e se encontra coas desgraças
na observação do decoro.
Advirto a minha razão
nos extremos de queixoso
com a raiva da fineza
como refúgio do choro.
Porque limitando a pena
àquele afeto amoroso,
cuja firmeza eterniza,
por alívio o desafogo!
Quero, se é, que pode ser
querer, quem por tantos modos
nem para querer lhe deixa
ação tão tirano afogo!
Que veja você sepulta
a presunção do alvoroço,
que na esperança da posse
era o caminho do logro.
Para que em mudos suspiros
melhor segurem meus olhos,
que a influência de estrela
só neste estado me há posto.
E assim só dela me queixo,
porque fora lance impróprio
clamar contra as divindades
nesta queixa, que a Amor formo.
Com que advertir-lhe é preciso,
que de tudo, o que me dóo,
na execução do agravo
as glórias julgo por sonho.
Pois se cheguei a adorar,
foi preciso tão notório
do destino, a que rendido
para este fim nasci logo,
E o pertender suspirando
com um desvelo, e com outro
foram protestos do incêndio,
foi do excessivo acordo.
Idolstrar um prodígio,
não foi prodígio, nem noto,
que o rendimento, e desvelo
ficassem acaso opostos:
Porque advertindo, que o céu,
e o Planeta Luminoso
juraram pleito homenagem
na beleza desse rosto:
O conhecer Liberdade
à vista de tanto assombro
fora, perdendo os sentidos

ser indiscreto e ser louco.

CHORA O POETA A ÚLTIMA RESOLUÇÃO DE SEU IDOLATRADO
IMPOSSÍVEL TÃO MERECEDORA DESTES DELICADOS VERSOS.

Alto: divino impossível,
de cuja dificuldade,
formosura, e discrição
qual é maior, não se sabe.
Se impossível pelo estado,
a dificuldade é grande,
pois casada, e a teu gosto
que força há de conquistar-te?
Se impossível na dureza,
a ser pedra incontrastável,
basta ser de lavradora,
para que nunca se lavre.
Se impossível pelo estorvo
da família vigilante
é o impossível maior,
que ao meu coração combate.
Mas se és, divino impossível,
de tão alta divindade,
creio, que esperanças mortas
ressurgirás a milagres.
Se és um milagre composto
de neve incendiada em sangue,
e sempre o Céu de teu rosto,
mostra dois astros brilhantes:
As mãos umas maravilhas,
um par de jasmíns as faces,
o corpo um garbo vivente,
os pés um vivo donaire:
Se são milagres divinos,
Francelinda, as tuas partes,
para viver, quem te adora,
que farás, senão milagres!
Dá-me por milagre a vida
na esperança de lograr-te,
verás ressurgir com glória
uma esperança cadáver.
E se és enigma escondido,
eu sou segredo inviolável,
pois ouves, e não percebes,
quem te diz, o que não sabes.
De que serve a discrição,
com que o teu nome ilustraste,
sendo a Palas destes tempos,
Minerva destas idades.
Discorre em tuas memórias
os dias, manhãs, e tardes,
que foste emprego de uns olhos,
que mudamente escutaste.
Porque uns olhos, que atrevidos
registam a divindade

são sempre d'alma rendida
emudecidas linguagens.
Lembra-te, que em tua casa,
onde cortês me hospedaste,
não me guardaste o seguro
das leis da hospitalidade.
Por que matando-me entonces
traidoramente suave
me calei eu, por guardar
essas leis, que tu violaste.
Se inda não cais, em quem sou,
porque me estrova explicar-me
de uma parte o teu decoro,
e o meu temor de outra parte.
Terei paciência por ora,
té que me tire os disfarces
Amor, que com se vendar,
me deu lições de vendar-me.
E se penetras, quem sou,
porque já o conjeturaste,
e escolhes de pura ingrata
não crer-me, por não pagar-me:
Recorre à tua beleza,
que sei, que ela há de obrigar-te
a crer, que em minhas finezas
corto por muitas verdades.
E pois me toca pesar
as tuas dificuldades,
e a ti tua formosura
e discrição pesar cabe.
Julguemos ambos de dois,
qual dá cuidado mais grande,
formosura, e discrição,
ou tantas dificuldades.

CHORA O POETA DE UMA VEZ PERDIDAS ESTAS ESPERANÇAS.

A Deus vão pensamento, a Deus cuidado,
Que eu te mando de casa despedido,
Porque sendo de uns olhos bem nascido,
Foste com desapego mal criado.

Nascestes de um acaso não pensado,
E cresceu-te um olhar pouco advertido,
Criou-te o esperar de um entendido,
E às mãos morreste de um desesperado:

Ícaro foste, que atrevidamente
Te remontaste à esfera da luz pura,
De donde te arrojou teu vôo ardente.

Fiar no sol, é irracional loucura,

Porque nesse brandão dos céus luzente
Falta a razão, se sobra a formosura.

VAGAVA O POETA POR AQUELES RETIROS FILOSOFANDO EM SUA
DESDITA SEM PODER DESAPEGAR AS HÁRPIAS DE SEU JUSTO SENTIMENTO.

Quem viu mal como o meu sem meio ativo!
Pois no que me sustenta, e me maltrata,
É fero, quando a morte me dilata,
Quando a vida me tira, é compassivo.

Oh do meu padecer alto motivo!
Mas oh do meu martírio pena ingrata!
Uma vez inconstante, pois me mata,
Muitas vezes cruel, pois me tem vivo.

Já não há de remédio confianças;
Que a morte a destruir não tem alentos,
Quando a vida empenar não tem mudanças.

E quer meu mal dobrando os meus tormentos,
Que esteja morto para as esperanças,
E que ande vivo para os sentimentos.

AO PÉ DAQUELE PENHASCO LACRIMOSO QUE JÁ DISSEMOS PRETENDE
MODERAR SEU SENTIMENTO E RESOLVE, QUE A SOLEDADE Ó NÃO ALIVIA.

Na parte da espessura mais sombria,
Onde uma fonte de um rochedo nasce,
Com os olhos na fonte, a mão na face,
Sentado o Pastor Sílvia assim dizia.

Ai como me mentiu a fantasia!
Cuidando nesta estância repousasse!
Que muito a sede nunca mitigasse,
Se cresce da saudade a hidropisia.

Solte o Zéfiro brando os seus alentos,
E excite no meu peito amantes fráguas,
Que subam da corrente os movimentos.

Que é tirana oficina para as mágoas
Ouvir nas folhas combater os ventos,
Por entre as pedras murmurar as águas.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

2 — COTA

*Por nome Maria Viegas, falava fresco e corria
por conta do Capm. Bento Rabelo*

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*Meus recados à Velhinha,
outros tantos à Mulata,
à Negrinha da corrente
e às vossas Damas pintadas*

A UMA DAMA POR NOME MARIA VIEGAS, QUE FALAVA FRESCO E
CORRIA POR CONTA DO CAPITÃO BENTO RABELO SEU AMIGO.

Senhora Cota Vieira,
Deus me não salve a minha alma,
se vós não me pareceis
uma linda, e gentil dama.
Tão risonha como a Aurora,
tão alegre como a Páscoa,
mais belicosa, que o fogo,
e mais corrente, que a água.
Picará como nascida
na picardia da França,
e assim francesa nas obras,
Portuguesa nas palavras.
Tudo chamais por seu nome
tão propriamente, tão clara,
que ao cono lhe chamais cono,
chamais caralho à caralha.
Malditas da maldição
de Deus sejam as tavascas,
que de surradas nas obras
põem de bioco as palavras.
Há cousa como chamar,
o que uma cousa se chama,
porque sirva de sustento
à luxúria, que desmaia.
Há cousa como falar,
como o Pai Adão falava,
pão por pão, vinho por vinho,
e caralho por caralha.
Quem pôs o nome de crica
à crica, que se esparralha,
senão nosso Pai Adão
quando com Eva brincava?
Pois se pôs o nome às cousas
o Pai da nossa prosápia,
porque Deus lho permitiu,
nós por que hemos de emendá-las?
Mas tornando ao vosso garbo,
sois, Maricas, tão bizarra,
que estive nem mais nem menos
por vos dar a piçalhada.
Tive debaixo da língua
o pedir-vos uma lasca
da nata do vosso cono,
se é, que tem côdea essa nata.
Quando a culatra vos vi
tão tremenda, e rebolada,
meti logo a mão à porra,
e estive saca, não saca.
Mas reverente adverti,
que ali o Capitão estava
senhor das minhas ações
e dono da vossa casa.
Porque inda que sempre diz,

que assentou convosco a espada,
eu creio, no que Deus disse,
não no que um berrante fala.
Quem, o que deve a um amigo
em respeitos lhe não paga,
não é amigo, nem homem,
é uma besta assalvajada.
Mas andar, foda ele embora,
isso não importa nada,
teremos amores secos,
seco é o biscouto, e campa.
Falaremos sempre aos molhos,
e riremos às canadas,
folgaremos, que amor seco
sem molhar beijo se passa.
Irei conversar convosco,
e a reverenda Madrasta
entre os pontinhos que der
meta sua colherada.
Assim se passa uma vida
tão santa, e tão ajustada,
que ganharemos o céu
na sacra via às braçadas.
Meus recados à Velhinha,
outros tantos à Mulata,
à Negrinha da corrente
e às vossas Damas pintadas.

ANATOMIA HORROROSA QUE FAZ DE UMA NEGRA CHAMADA MARIA VIEGAS.

1 Dize-me, Maria Viegas
qual é a causa, que te move,
a queres, que te prove
todo o homem, a quem te entregas?
jamais a ninguém te negas,
tendo um vaso vaganau,
e sobretudo tão mau,
que afirma toda a pessoa,
que o fornicou já, que enjoa,
por feder a bacalhau.

2 Se tu sabes, o que é
o teu vaso furta-fogo,
como tens tal desafogo,
que te pespegas em pé?
dizem, para Marapé
fugira o triste Silveira
está tão correspondente
ao vaso, que juntamente
serra uma, e outra fronteira.

3 Tu, me dizem, que fretaste

ao galante de antemão,
e que na tal ocasião
também foste, a que o chamaste:
o teu intento lograste:
mas podias advertir,
que não era bem dormir
(sendo tu ruim) com quem
te cataneasse bem,
como podes inferir.

- 4 Vendo-se tão perseguido
o pobre do pecador,
não deixou de ir com temor
por ver, que tens vaso ardido:
e assim de pouco sofrido,
vendo-se quase atolado
se safou desesperado,
e diz, que tem grande mágoa,
que havendo nele tanta água,
sempre esteja emporcalhado.
- 5 Diz, que achou tal apicu
tão tremendo, e temerário,
que só membro extraordinário
abalaria esse cu:
com guelras de Baiacu
(diz) que se farta o teu Tordo,
e assim que vaso tão gordo,
tão grande, e com tal bocaina
busque maior partezaina,
que eu por isso é, que vos mordo.
- 6 Diz, que sois como um champrão
que nem esporas de pua
farão bolir tal charrua
com vezos de galeão:
se fincas o cu no chão,
como, puta, te ofereces?
e se a todos ruim pareces,
deixa já de fornicar,
que se eles te vão buscar,
é porque os favoreces.
- 7 Diz mais, que quando acabaste,
deste peidos tão atrozes,
que começou a dar vozes
por ver, que te espeidorraste:
e que também lhe rogaste,
depois de se ter tirado,
te fornicasse virado,
pois de costas não podia,
porque, quem tanto bolia,

era força estar cansado.

- 8 Saíste toda com susto,
e vendo ao triste queixar,
te puseste a escutar,
pois se queixava tão justo:
nada tem ele de injusto,
antes a metade cala,
e só a mim me regala
dizer, que atolava inteiro,
se a um ramo de araçazeiro
se não pegara por gala.
- 9 Guardaste triste merenda
para o triste do coitado,
que ficou tão enjoado,
que promete ter emenda:
e com tão grande Calenda
se veio de ti queixando,
que toda a gente pasmando
está de ver, que o teu vaso
é a fonte do Parnaso
nas águas, que está manando.
- 10 Ao burlesco será cono,
ao tudesco chancarona,
c'uma crica de azeitona,
onde encrica todo o mono:
daqui a razão entono
para te satirizar,
e se outra vez pespegar
quiseres, busca, garoupa,
quem no vaso entupa a roupa,
se a roupa o pode entulhar.
- 11 Anda a triste fralda tal,
tão hedionda, e molhada,
que só pode ser coroada
com fogo de São Marçal:
considere cada qual,
o que o Moço passaria
ao ver-se na estrebaria
daquele tremendo vaso,
que joga rasteiro, e raso
tão nojenta artilharia.
- 12 Não terás vergonha, puta,
de com tão ruim pentelho,
sobre seres vaso velho,
tomes a capa de enxuta?
és puta tão dissoluta,
que diz o Moço enjoado,
que já ficou ensinado,

e nunca mais te veria,
porque sempre d'água fria
há medo o gato escaldado.

A MESMA MARIA VIEGAS SACODE AGORA O POETA EXTRAVAGANTEMENTE,
PORQUE SE ESPEIDORRAVA MUITO.

1 Dizem, que o vosso cu, Cota,
assopra sem zombaria,
que parece artilharia,
quando vem chegando a frota:
parece, que está de aposta
este cu a peidos dar,
porque jamais sem parar
este grão-cu de enche-mão
sem pederneira, ou murrão
está sempre a disparar.

2 De Cota o seu arcabuz
apontado sempre está,
que entre noite, e dia dá
mais de quinhentos truz-truz:
não achareis muitos cus
tão prontos em peidos dar,
porque jamais sem parar
faz tão grande bateria,
que de noite, nem de dia
pode tal cu descansar.

3 Cota, esse vosso arcabuz
parece ser encantado,
pois sempre está carregado
disparando tantos truz:
arrenego de tais cus,
porque este foi o primeiro
cu de Moça fulieiro,
que tivesse tal saída
para tocar toda a vida
por fole de algum ferreiro.

3 — PANÇA FARTA E PÉ DORMENTE

Descreve o Poeta as festas ...

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*Que bem bailam as Mulatas,
que bem bailam o Paturi*

DESCREVE A CONFUSÃO DO FESTEJO DO ENTRUDO.

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,
Galinhas, porco, vaca, e mais carneiro,
Os perus em poder do Pasteleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas.

Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o Taverneiro,
Com réstias de cebolas dar pancadas.

Das janelas com tanhos dar nas gentes,
A buzina tanger, quebrar panelas,
Querer em um só dia comer tudo.

Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,
Despejar pratos, e alimpar tigelas,
Estas as festas são do Santo Entrudo.

DESCREVE A JOCOSIDADE, COM QUE AS MULATAS DO BRASIL BAILAM O PATURI.

Ao som de uma guitarrilha,
que tocava um colomim
vi bailar na Água Brusca
as Mulatas do Brasil:
Que bem bailam as Mulatas,
que bem bailam o Paturi!

Não usam de castanhetas,
porque cos dedos gentis
fazem tal estropeada,
que de ouvi-las me estrugi:
Que bem bailam as Mulatas,
que bem bailam o Paturi.

Atadas pelas virilhas
cuma cinta carmesim,
de ver tão grandes barrigas
lhe tremiam os quadris.
Que bem bailam as Mulatas,
que bem bailam o Paturi.

Assim as saias levantam
para os pés lhes descobrir,
porque sirvam de ponteiros
à discípula aprendiz,
Que bem bailam as Mulatas,

que bem bailam o Paturi.

DESCREVE O POETA UMA JORNADA, QUE FEZ AO RIO VERMELHO
COM UNS AMIGOS E TODOS OS ACONTECIMENTOS.

- 1 Amanheceu finalmente
o Domingo da jornada
co'a mais feia madrugada,
que viu nunca o Oriente:
bufava o Sul de valente,
de soberbo o mar roncava,
ninguém a briga apartava,
e eu perplexo, mudo, e quedo
entre valor, e entre medo
en salgo, y no salgo estava.

- 2 Resolvi-me, e levantei-me,
posto que o quente da cama
com Gonçalo, e com sua ama
dizendo estava, comei-me:
vesti-me, e aderecei-me:
batem os pais de ganhar,
mandei-lhes abrir, e entrar,
estava a rede à parede,
e em pondo o vulto na rede,
comecei de caminhar.

- 3 Cheguei a São Pedro, e em vão
busquei os mais companheiros,
que devendo ir os primeiros,
não tinham ido até então:
entrei na imaginação
de se acaso me enganassem,
e acaso as bestas faltassem,
que havia eu de fazer,
e foi fácil resolver,
que por bestas lá ficassem.

- 4 Assim o cri, e era assim,
pois o pouco espaço andado
veio o Jardim esbofado
mais rosado, que um jardim:
não vem mais outro rocim?
lhe perguntei com desdém:
ele respondeu, não vem;
estive aguando os canteiros,
e não acho os companheiros,
pois não me cheira isto bem.

- 5 Isto dito, assoma o Freitas,
e eu disse entre duvidoso,

o Gil é-me belicoso
mas tem cara de maleitas:
chegou, e as minhas suspeitas
veio tanto a confirmar,
que disse, que o seu tardar
fora causado, e nascido
de o rocim lhe haver fugido,
indo ao Tororó parar.

6 Quem deu tão ruim conselho
(disse eu) a esse catrapó,
pois quer ir ao Tororó,
antes que ao Rio Vermelho?
mas um cavalo tão velho,
que já por cerrado perde,
que muito, que se deserde
do vermelho, e seus primores,
se deixa todas as cores
um cavalo pelo verde.

7 Que é do Gil? não aparece.
E o Guedes? fica sem besta.
Eia pois, vamo-nos desta,
que o sol trepa, e a calma cresce;
quem não aparece, esquece;
vamo-nos sem conclusão;
com que eu na rede um cação,
e os dous nas duas cavalas
fazíamos duas alas,
e as alas meio esquadrão.

8 Assim fomos caminhando
sobre os dous cavalos áscuas
alegres como uas páscoas,
ora rindo, ora zombando:
eu que estava perguntando
pela viola, ou rabil,
quando ouvimos bradar Gil,
que recostado à guitarra
garganteava a bandarra
letrilhas de mil em mil.

9 Olá, ô! chegou o Tudesco:
e já ele entre nós vinha
posto sobre uma tainha,
feito Arião ao burlesco:
riu-se bem, falou-se fresco,
e eu da viola empossado
cantava como um quebrado,
tangia como um crioulo,
conversava como um tolo,
e ria como um danado.

- 10 Apertamos logo o trote,
e em breve fomos chegados,
onde éramos esperados
pelo ilustre Dom Mingote:
ali o nosso sacerdote,
vendo a nova arquitetura
da casa da Virgem pura,
se apeou por venerá-la,
os mais puseram-se em ala,
passei eu, e houve mesura.
- 11 Tornamos a cavalgar,
e vendo tão pouco siso,
tomou o dia tal riso,
que se pôs a escangalhar:
parou tudo em choviscar,
e os malditos cavaleiros
picaram tanto os sendeiros
que eu mesmo não entendia,
que sendo cavalaria,
fugissem como piqueiros.
- 12 Eu fiquei com minha mágoa
solitário, e abrasado,
dando-me pouco cuidado,
que a rede nadasse em água:
por seu officio se enxágua
toda a rede n'água clara,
e se esta se não molhara,
com abalo, ou sem abalo
nem eu vira o São Gonçalo,
nem também jantar pescara.
- 13 Orvalhado um tanto, ou quanto
o santo me agasalhou,
e logo a chuva passou,
que foi milagre do santo:
tratava-se no entretanto
da missa, e estando esperando,
ali vieram chegando
duas belezas ranhosas,
sempre à vista bexigosas,
e feias de quando em quando.
- 14 Para a missa do Santinho
mui pouco vinho se achou,
e ele fez, que inda sobrou,
porque é milagroso em vinho:
tomamos dali o caminho
para o porto das jangadas
ver as casas afamadas
do nosso Domingos Borges,
que sem levarmos alforjes

nos pôs as panças inchadas.

- 15 O Gil, que é tão folgazão
se foi ao pasto folgar,
e se outra cousa há de achar,
achou um camaleão:
lançou-lhe intrépido a mão,
e com pulsos tão violentos
cortou ao bruto os alentos,
que depondo o bruto a ira
disse, que depois o vira,
pelo Gil bebia os ventos.
- 16 Deu-nos gosto, e prazer arto
um caçador tão gentil,
porque vimos, que era o Gil
mais lagarto, que o lagarto:
e assim como estava farto
de vento o camaleão,
Gil assim de presunção
tão inchado estava, e duro,
que foi força dar-lhe um furo
para ter evacuação.
- 17 Sopas de leite almoçamos,
e logo o Guedes chegou,
que nem pão, nem leite achou,
e achou, que o apregoamos:
mas todos depois jantamos
uma olha imperial,
e houve repolho fatal
ensopado, e não de azeite
com pratos de arroz de leite,
e vontade garrafal.
- 18 Já levantados da mesa
se quis cantar, senão quando
a pança me estava impando
a goela entupida, e presa:
eu tenho esta natureza,
que depois de manducar
não me é possível piar:
será, porque certamente
pança farta, e pé dormente,
como é adágio vulgar.
- 19 Sesteamos no areal
onde o mar por mazumbaia
refrescando estava a praia
com borrifos de cristal:
a onda piramidal,
que nos ares se desata,
descaindo em grãos de nata

pedia por bom conselho,
que em vez de Rio Vermelho
lhe chamem Rio da Prata.

20 O Sol vinha já descendo
por graus, ou degraus do Céu,
e a todos nos pareceu
o irmo-nos acolhendo:
foram-se os rocins prendendo,
e selados, e enfreados,
allons dissemos a brados
já postos nos cavalinhos,
e alvoroçando os caminhos
chegando, fomos chegados.

SEGUNDA FUNÇÃO QUE TEVE COM ALGUNS SUJEITOS NA ROÇA DE UM
AMIGO JUNTO AO DIQUE, ONDE TÃO BEM SE ACHOU O CELEBRADO ALFERES
TEMUDO E SEU IRMÃO O DOUTOR PEDRO DE MATTOS, QUE ENTÃO
ANDAVA MOLESTO DE SARNAS.

- 1 Fez-se a segunda jornada
da comédia, ou comedia,
que inda nos deu melhor dia,
do que a jornada passada:
vimos a mesma selada,
e de vinho a mesma cópia,
de ovos maior cornucópia
que a de Almatéia florida,
e sendo a mesma comida,
contudo não era a própria.
- 2 Já Pedro esperava adrede
da culatra tão sarnento,
que embalançando-se ao vento
era um cação em rede:
versos a matéria pede,
me disse a sua lazéria,
e se os faço com miséria,
não se espante, quem os lê,
de que tanta sarna dê
(se é podre) tanta matéria.
- 3 Cantou-se galhardamente
tais solos, que eu disse, ô
que canta o pássaro só,
e os mais gritam na semente:
tocou-se um som excelente,
que Arromba lhe vi chamar,
saiu Temudo a bailar,
e Pedro, que é folgazão
bailou com pé, e com mão,
e o cu sempre num lugar.

4 Pamei eu da habilidade
tão nova, e tão elegante,
porque o cu sempre é dançante
nos bailes desta cidade:
mas em tal calamidade
tinha Pedro o cu sarnudo,
que dando de olho, ao Temudo
disse pelo socarrão,
assim tivera o cu são,
como tenho o cu sisudo.

5 Pôs-se a mesa, e escabelos,
foram seguindo-se os pratos,
que eram tanto à vista gratos,
como ao gasnate eram belos:
Pedro se pôs a lambê-los,
e dando-se a Berzabu
de não beber com Jelu
o licor, que o entorpeça,
porque o que dá na cabeça,
temeu, lhe desse no cu.

6 Não quis o cu inflamar,
por isso bebeu só água,
do que nós com grande mágoa
nos pusemos a chorar:
este fim teve um folgar
de tanto gosto, e alinho,
de que eu colho, e esquadrinho
a exemplo da vida breve,
que quem rindo o vinho bebe,
chorando desbebe o vinho.

DESCREVE A CAÇADA QUE FIZERAM COM ELE SEUS AMIGOS NA
VILA DE S. FRANCISCO À UMA PORCA REBELDE.

1 Amanheceu quarta-feira
com face serena, airosa
o famoso André Barbosa
honra da nossa fileira;
por uma, e outra ladeira
desde a marinha até a praça
nos bateu com tanta graça,
que com razões admirandas
nos tirou dentre as holandas
para levar-nos à caça.

2 O lindo Afonso Barbosa,
que dos nobres Francas é,
por Filho do dito André
rama ilustre, e generosa:
já da campanha frondosa
os matos mais escondidos

alvoroçava a latidos,
quando nós de mal armados
à vista dele assentados
nos vimos todos corridos.

- 3 Rasgou um porco da serra,
e foi tal a confusão,
que em sua comparação
menino de mama é a guerra:
depois de correr a terra,
e de ter os cães cansados
com passos desalentados
à nossa estância vieram,
onde casos sucederam
jamais vistos, nem contados.
- 4 Estava eu de uma grimpã
vendo a caça por extenso,
não a fez limpa Lourenço,
e só a porca a fez limpa:
porque como tudo alimpa
de cães, e toda a mais gente,
Lourenço intrepidamente
se pôs, e ao primeiro emborco
mão por mão aos pés do porco
veio a cair sujamente.
- 5 Tanto que a fera investiu,
tentado de valentão
armou-se-lhe a tentação,
e na tentação caiu:
a espada também se viu
cair na estrada, ou na rua,
e foi sentença comua,
que nesta tragédia rara
a espada se envergonhara
de ver-se entre os homens nua.
- 6 Lourenço ficou mamado,
e inda não tem decidido
se está pior por ferido
da porca, se por beijado:
má porca te beije — é fado
muito mau de se passar,
e quem tal lhe foi rogar,
foi com traça tão sutil,
que a porca entre Adônis mil
só Lourenço quis beijar.
- 7 Lourenço, na terra jaz,
e conhecendo o perigo
deu à porca mão de amigo,

com o que se punha em paz:
a porca, que é contumaz,
e estava enfadada dele,
nenhuma paz quis com ele,
mas botando-lhe uma ronca
por milagre o não destronca,
e inda assim chegou-lhe à pele.

- 8 Ia Inácio na quadrilha,
e tão de Adônis blasona,
que diz, que a porca fanchona
o investiu pela barguilha:
virou-lhe de sorte a quilha,
que cuidei, que o naufragava:
porém tantos gritos dava,
que infeliz piloto em charco
a vara botava o barco,
quando o porco a lanceava.
- 9 Inácio nestes baldões
teve tanto medo, e tal,
que aos narizes deu sinal
de mau cheiro dos calções:
trouxe na meia uns pontões
tão grandes, e em tal maneira,
que à guerra hão de ir por bandeira,
onde por armas lhe dão
em escudo lamarão
uma porca costureira.
- 10 Miguel de Oliveira ia
com dianteira alentada,
de porcos era a caçada,
e o que fez, foi porcaria:
quando o bruto o investia,
ele com pé diligente
se afastava incontinenti,
com que o julgas desta vez
por mui ligeiro de pés,
e de mãos por mui prudente.
- 11 Pissarro sobre um penedo
vendo a batalha bizarra
era Pissarro em piçarra,
que val medo sobre medo:
nunca vi homem tão quedo
em batalha tão campal;
porém como é figadal
amigo, hei de desculpá-lo,
com que nunca fez abalo
do seu posto um General.
- 12 Frei Manuel me espantou,
que o demo o ia tentando,

mas vi, que a espada tomando
logo se desatentou:
incontinenti a largou,
porque soube ponderar,
que ficava irregular
matando o animal na tola,
de que só o Mestre-Escola
o podia dispensar.

13 O Vigário se houve aqui
cuma tramóia aparente,
pois fingiu ter dor de dente,
temendo os do Javali:
porém folga, zomba, e ri
ouvindo o sucesso raro,
e dando-lhe um quarto em claro
os amigos confidentes,
à fé, que teve ele dentes
para comer do Javaro.

14 Cosme de Moura esta vez
botou as chinelas fora,
como se ver a Deus fora
sobre a sarça de Moisés:
tudo viu, e nada fez,
tudo conta, e escarnece,
com que mais o prazer cresce,
quando o remedo interpreta
Lourenço, a quem fez Poeta
um amor, que o endoudece.

15 O Silvestre neste dia
ficou metido num nicho,
porque como a porca é bicho,
cuidou, que sapo seria:
mas agora quando ouvia
o desar dos derrubados,
mostrava os bofes lavados
de puras risadas morto,
porque sempre vi, que um torto
gosta de ver corcovados.

16 Bento, que tudo derriba,
qual valentão sem receio,
pondo agora o mar em meio,
fugiu para a Cajaíba:
não quis arriscar a giba
nos afilados colmilhos
de Javardos tão novilhos,
e se o deixa de fazer,
por ter filhos, e mulher,
que mau é dar caça aos filhos?

17 Eu, e o Moraes as corridas
por outra via tomamos,
e quando ao porco chegamos,
foi ao atar das feridas:
co as mentiras referidas
de uma, e outra arma donzela
se nos deu a taramela;
nós calando, só dissemos,
se em taverna não bebemos,
ao menos folgamos nela.

DESCREVE O PERIGO EM QUE O PÔS NA ILHA DE ME. DE DEUS UMA
VACA FURIOSA CHAMADA CAMISA, INDO DIVERTIR-SE AO CAMPO
COM UM IRMÃO DO VIGÁRIO.

- 1 Tem Lourenço boa a taca,
fomos tourear ao pasto,
e depois de tanto gasto
o tourinho era uma vaca
Lourenço na sombra opaca
de um pé de limões grosseiro,
eis a vaca pelo cheiro
deu com ele, e ele então
por não morrer na prisão
arrombou o Limoeiro.
- 2 Tomou da praia o retorno,
porque o morrer melhor é
na reponta da maré
do que na ponta de um corno:
eu com notável sojorno
numa capoeira estava,
vendo, em que o caso parava,
e a vaca com seu focinho
me tratou como a ratinho;
pois qual gato me miava.
- 3 Temi logo a malquerença
da vaca tão marralheira,
e o medo me deu em reira,
que é melhor do que em corrença:
rompi pela mata densa,
e dei com meu envoltório
de um vale no território,
tomando por meu sossego,
não las de Villa Diego,
mas as de Vila Gregório.
- 4 Subi num monte comprido,
que do vale é Polifemo,
que quando uma vaca temo,

subo mais do que um valido:
vim à casa espavorido,
achei Lourenço pasmado,
mudo, e desassissado,
e eu disse: se escapo, vaya,
que quem fugiu pela praia,
força é que esteja areado.

5 Deu-se-nos grande matraca,
e com ser dia de peixe,
sem que a consciência se queixe,
todos gostamos da vaca:
o Padre aguçou a faca,
e afeiçoou um bordão,
e tais ralhos disse então,
que me convidou enfim
para diante de mim
dar na vaca um bofetão.

6 Mas eu não tornei ao mato,
e ao Padre, que me chamava,
respondi, que não gostava
de vaca, senão no prato:
e terei por insensato,
a quem com pau, ou com faca,
brigar com rês tão velhaca
a quem razão não convence,
nem terá prêmio, quem vence
um touro, se o touro é vaca.

7 O Custódio, que é prudente,
pacífico, e sossegado,
topou na costa co gado,
e entre ele a vaca nocente:
e em se pondo frente a frente
a vaquinha, que o aguarda,
e em dar carreiras não tarda,
disparou como uma seta,
com que lhe deu a vaqueta
mais susto, que uma espingarda.

8 Tomou o monte de um pulo,
e deu consigo no vale,
sem dar jeito, a que o iguale
a ligeireza de um mulo:
mas o meu Mestiço fulo
o emparelhou no correr,
donde veio a suceder,
que Custódio um pé retorce,
sendo pé, que se não torce,
quando o dono o há mister.

- 9 A vaca é terror da aldeia,
pois faz armada de sanha
praça de armas a montanha,
e a praça veiga de areia:
todo o mundo se receia
de inimiga tão comua,
porque armada a meia-lua
parece pelo cruel
talvez Fatimá de Argel,
talvez de Salé Gazua.
- 10 Não vi vaca tão ousada
de mais brio, e fantasia,
pois traz toda a freguesia
corrida, e envergonhada:
murmura a gente pasmada,
que uma vaca parideira
nos pusesse em tal fraqueira,
e eu tal medo lhe concebo,
que, quando o leite lhe bebo,
me dá logo em caganeira.
- 11 Senhor Estêvão, que é dono
da rês, que o branco divisa,
já que lhe deu a camisa,
faça-a mansa como um sono:
e se não em alto tono,
quando a vaca se remangue,
tirei morto ao pé de um mangue,
que se trata de a manter
para o leite lhe beber,
isso é beber-nos o sangue.
- 12 O Senhor Domingos Borges,
que é sujeito de feição,
se resistir seu Irmão,
responda-lhe logo: alforjes:
e tu, vaca, não me forjes
outra traição mais precisa,
a passada passe em risa,
mas se vens noutra ocasião
a furar-me o casacão,
hei de rasgar-te a camisa.

DESCREVE O DIVERTIMENTO QUE TEVE COM
ALGUNS AMIGOS INDO AOS CAJUS.

Valha o diabo os cajus,
que a todos tem degradado,
uns vão caminho das ilhas,
outros caminho dos campos.

Assim me coube por sorte
ir um dia degradado
para a de Jorge de Sá,
que é ilha dos meus pecados.
Saímos com vento em popa,
mas no mais triste pangaio,
que nasceu de embarcações,
de que foi Eva a Nau Argos.
Desembarcamos em terra,
e querendo registrar-nos
com nossas cartas de guia,
que nos deu o saibam quantos:
Achamos deserta a ilha
sem câmara, nem senado,
que os cajus são restringentes,
não houve câmara este ano.
Tornamo-nos a embarcar
no mesmo triste pangaio
em demanda de outra ilha,
em que o degredo compramos.
Não pudemos tomar terra
porque era o vento contrário,
assoprava pelo olho,
e era o tal olho o do rabo.
Porque vento tão maldito,
e tão despropositado
só por tal olho saíra,
para nos ir espeidando.
Tomamos porto na pátria
depois de tantos trabalhos,
fomes, que em terra curtimos,
sustos, que no mar tragamos.
Fomos mui bem recebidos,
porque o passado passado,
e sobre os cargos da culpa
nos deram logo outros cargos.
Todos saímos com vara,
como meirinhos do campo
sobre os pobres dos cajus
prendendo, e executando.
Indo a eles uma tarde,
prendemos quase um balaio,
outros deixamos pendentos,
que é o mesmo, que enforcados.
Os maduros se prenderam,
que era a ordem, que levamos,
mas os verdes se enforcaram,
por serem cajus velhacos.
O Meirinho-mor do Reino,
que é Custódio Nunes Daltro,
não larga a vara, e os cajus
andam como homiziados.
Tem uns alcaides pequenos,
que andam correndo esse campo,
e vão ligeiros de pé
por vir pesados de papo.
Este castigo merece

Cururupeba afamado,
porque os engenhos não moem,
e o rio é, quem paga o pato.
Em se acabando os cajus,
as varas vão co diabo,
salvo formos meirinhar
aos airus por esses campos.

DESCREVE A VIAGEM, QUE INTITULOU DOS ARGONAUTAS DA CAJAÍBA PARA
A ILHA DE GONÇALO DIAS, ONDE COM SEUS AMIGOS IA DIVERTIR-SE.

Era a Dominga primeira
desta quaresma presente,
já eu estava na praia,
seriam seis para as sete.
Estava o dia formoso
por ser hora, em que se veste
a esfera de azul, e ouro
com seus renglaves de neve.
A aurora teve bom parto,
pois botou em tempo breve
um menino como um sol
para alegria das gentes.
Gritei eu: ah Sor Gregório,
ele desperto gritou,
aqui estou, e Sor Silvestre.
Só falta o Pissarro moço:
já foi chamá-lo o moleque,
e em se juntando conosco
estamos prestes, e lestes.
Toda a noite não dormi
com pensamento no beque,
que há de levar-nos à ilha,
onde façamos um frete.
Não tem, que me despertar,
que eu escuso, me despertem,
porque para esta viagem
estive de acordo sempre.
Os três à praia chegaram,
e eu no bergantim co'a gente
mandei embarcar a todos
um por um, ele por ele.
Botamos a Nau no mar
um bergantim excelente
nos nossos mares nascido
obra do estrangeiro mestre.
O alforje lá me esquecia,
disse eu, e a vocês lhes esquece:
mandei logo um negro à casa,
que fosse num pé, e viesse:
Veio logo carregado
o negro com uma serpe
de bananas, e farinha,
e al não disse o tal negrete.
Fomos, e dobrando o mangue

encontramos um banquete,
em que vem Miguel Ferreira
cercado de muita gente.
Allons, allons, lhe dissemos,
e ele nos disse: salvetes,
trespassamos o saveiro,
que ia então vendendo azeite.
Fomos à costa correndo,
e ajudados da corrente
de Chico o porto tomamos,
que estava manso, e alegre.
Tocou-se logo a trombeta,
que um búzio era potente,
um sinal de haver chegado
a capitânia do Ostende.
Deu-nos uns poucos de apupos,
e vendo, que Chico desce,
embarcou-se, e socorreu-nos
com China, e melado quente.
Fomos seguindo a viagem
tão folgazões, tão alegres,
que até as duas guitarras
iam folgando de ver-se.
Assim chegamos à Ilha,
e sobre areias de neve
dezoito chancas saltavam,
com que a Ilha se estremece.
Perguntei por Esperança,
e soube, que estava ausente,
Chico, que entonces servia
de guia dos nossos fretes.
Quis-me eu então repelar,
tendo pouco, que repele,
disse mal da minha vida,
de mim mesmo maldizente.
Corremos a Ilha toda,
por sinal, que o bom Silvestre
fez um leteiro na areia,
cuja letra isto refere.
“O Senhor da Ilha é um Asno”
e foi disto tão contente,
como se no tal leteiro
uma asneira não fizesse.
Nós lhe estranhámos a asneira,
e ele arreganhando os dentes,
a celebrou como sua,
por não ter, quem a celebre.
Achamos uma Mulata,
que estava ali num casebre,
que eu não fretei, por ser Nau
já carregada por prenhe.
Tornamo-nos a embarcar
algum tanto descontentes,
porque em toda a Ilha achamos
dois maracujás somente.

DESCREVE ESTANDO NA CAJAÍBA UMA CAVALHADA BURLESCA,
QUE ALI FIZERAM PELO NATAL, UNS FOLGAZÕES.

- 1 Veio a Páscoa do Natal,
primeira, e segunda oitava,
quando Araújo assentava,
uma festa garrafal:
mas a Cajaíba é tal,
este monte tão mesquinho,
que para um festim de alinho
veio Araújo famoso,
Paulinho com João Cardoso,
Carvalho, e Falcão Marinho.

- 2 Só cinco em cinco rocins
foi visto, que em meu sentido
para o pasto andar corrido
poucos bastam, se são ruins:
mas não faltaram malsins,
entre os quais foi mui notado
este número apoucado:
e eu tive os homens por loucos,
pois bons são cavalos poucos
para o pasto andar folgado.

- 3 O Araújo coitado,
para que nada lhe sobre,
andou sem freio, que ao pobre
sempre lhe falta o bocado:
mas por isso avantajado
andou à outra parelha,
mais que aos mais arnês brilhante,
que Araújo é rocinante,
que val muito pela ovelha.

- 4 João Cardoso à mourisca
pela encolhida pernetta,
tanto mais lustra a gineta,
quanto mais nela se arrisca:
e bem que de todos trisca,
porque com juízo, e brio
nunca paga de vazio
os altos, na refestela
pagou de vazio a sela
três vezes, ou quatro a fio.

- 5 Paulinho não há alcançá-lo:
era da festa o enigma,
e alguém a dizer se anima,
que indo em mula, ia a cavalo:
deu-lhe tão pequeno abalo
o festim burlesco, e rude,

que nunca obrigá-lo pude
a fazer largas entradas,
porque em verdes laranjadas
era o Juiz da saúde.

- 6 O meu cavaleiro foi
(por me dar maior regalo)
Carvalho, que ia a cavalo,
e dava passos de boi:
mui preñado “yo no voy,
estos me lleban” dizia;
tão pouco, e tão mal corria,
que nem ele se correu,
nem o pasto floresceu,
mas sem florescer se ria.
- 7 O Marinho andou galhardo,
tal, que teve desta vez
o pasto por Aranguês,
que quer sempre o dia pardo:
como é Marinho bastardo,
desprezou seu coração,
gineta, e bastarda então:
mas em osso o coitadinho
nadava como um Marinho.
voava como um Falcão.
- 8 Nas laranjadas folgou-se
muito bem no meu sentir,
ia Araújo a cair,
e por não cair, deitou-se:
caiu, porém levantou-se
bizarro, e mui animoso,
para que o povo invejoso
veja em seu mesmo rencor,
que se caiu pecador
se levantou virtuoso.
- 9 João Cardoso não quis
crer, que fora a queda leve,
e dando uma volta breve,
a foi medir co nariz:
achou, que, o que se lhe diz,
era mentira esbrugada,
porque de uma laranjada
quem vai desde a sela ao chão,
achou pela medição,
que era a queda mui pesada.
- 10 Bem do Marinho se riu,
quando fez co'a terra escambos,
porém sendo a terra d'ambos,

o Marinho não caiu:
o rocinante, que viu
com as costelas quebradas
Araújo às laranjadas,
rindo não se pôde ter,
e assim em vez de correr
se espojou em carcajadas.

11 Inácio não me lembrou,
que branco do sobressalto
antes que entrasse no assalto
coitadamente arribou:
no princípio começou
num cavalo inteiriçado,
e vendo-se mal parado,
não quis mais parar ali,
e dando um homem por si,
partindo o deixou soldado.

12 Depois houve laranjadas
com todos os circunstantes,
e o que eram laranjas antes,
vi em risco de punhadas:
com várias calamocadas
saiu mais de algum mirão,
e foi tal a confusão,
que sendo o Falcão previsto,
e corredor mui bem visto,
hoje está cego o Falcão!

DESCREVE UMAS COMÉDIAS, QUE NA CAJAÍBA FORAM REPRESENTADAS
PELOS MESMOS OU PARTE DELES COM OUTROS
DA MESMA CONDIÇÃO.

1 As comédias se acabaram
a meu pesar, e desgosto,
pois para ter, e dar gosto
tomara eu, que começaram:
bem os mirões se admiraram,
e por caminhos umbrosos
iam dizendo saudosos,
e cheios de admiração,
bem haja esta geração
de Pissarros, e Cardosos.

2 Não me esquecera em meus dias
a boa arte, e disciplina,
com que a Madre Celestina
fazia as feitiçarias:
nas suas astrologias
usava de tais cautelas,
que diziam as Donzelas,

o Gregório em todo o caso
por evitar um fracasso
domina sobre as estrelas.

- 3 Dizem, formosas, e feias
mulheres de todo o estado,
que o Carvalho no tablado
chove-lhe a graça às mãos cheias:
ele é velhaco de meias,
ora santo, ora velhaco,
e eu, que o vi vestido em saco,
disse logo espavorido,
basta, que foi Deus servido
fazer um santo de um caco?

- 4 Não me esqueça o Azevedo,
porque posto no tablado
rebertolou de atinado,
porque ora é manso, ora azedo:
a nenhum outro concedo
ser homem tão peregrino,
tão geral, e tão divino,
pois a dizer me provoca,
que traz por língua na boca
as folhas do calepino.

- 5 Ninguém o pode entender,
e eu muito menos o entendo,
e só ele compreendo,
que o não posso compreender:
o que tem, que agradecer,
é o prazer, e o bom ar,
com que se vem ofertar,
porque em todas as jornadas
quer, que lhe dêem as pancadas,
porém não as quer levar.

- 6 Ele é um lindo rapaz,
e o primeiro filho de Eva,
que dá gosto, quando leva
muito mais que quando traz:
mas o Carvalho sagaz,
que lhe sabe das manqueiras,
lhe sacode as costaneiras,
porque quando desentoa,
dá-lhe uma má, e outra boa
com talos de bananeiras.

- 7 Inácio é grande estudante,
e nos mostrou tão bom fio,
que do seu jeito confio,
que há de ser grande farsante:

para moço principiante
nos deu bastante regalo,
e nas comédias, que falo,
como nas mais, que hão de haver,
a muitos há de exceder
sim por vida de Gonçalo.

- 8 Veio a festa a se acabar,
e eu, que lhe vim assistir,
estou cansado de rir,
mais do que de trabalhar:
agora entendo passar
à Catala, que é buçaco,
porque em lugar tão opaco
a todos dê, que entender,
depois das comédias ver,
ir vê-las por um buraco.

DESCREVE OUTRA COMÉDIA QUE FIZERAM NA CIDADE OS PARDOS
NA CELEBRIDADE COM QUE FESTEJARAM A NOSSA SENHORA
DO AMPARO, COMO COSTUMAVAM ANUALMENTE.

- 1 Grande comédia fizeram
os devotos do Amparo,
em cujo lustre reparo,
que as mais festas excederam:
tão eficazes moveram
ao povo, que os escudou,
que eu sei, quem ali firmou,
que se ainda agora vivera
Viriato, não pudera
imitar, quem o imitou.
- 2 O Sousa a puro valor,
e a puro esforço arrojado
não pode ser imitado,
de quem foi imitador:
e bem que a arte maior
não chega, por ser ficção,
a natural perfeição,
tanto a arte aqui o fazia,
que o natural não podia
igualar a imitação.
- 3 As Damas com galhardia
altivas, e soberanas
muito excedem as Romanas
na pompa, e na bizzaria:
cada qual me parecia
tão Dama, e tão gentil Dama,
que quando Lucinda em chama
de amor fingida se viu,

eu sei, que se não fingiu,
quem por ela então se inflama.

- 4 Mais airosa do que linda
Laura no toucado, e pêlo
não foi pouco parecê-lo,
sendo à vista de Lucinda:
tanto me namora ainda
a idéia do seu ornato,
que em fé de tanto aparato
meu requebro lhe dissera,
e ciúmes lhe tivera
de afeição de Viriato.

- 5 O Inácio a puro sal
tanta graça em si acrisola,
que podem pedir-lhe esmola
marinhas de Portugal:
nele a graça é natural,
naturalíssima a cara,
e eu de riso arrebentara,
se me não fora mister
toda a tarde ali viver
porque dele me lograra.

- 6 O nosso Juiz passado,
que Salema aqui se diz,
como foi mui bom Juiz,
também foi mui bem julgado:
em passos, gasto, e cuidado
se houve com tanto fervor,
que merece em bom primor
não ser só Juiz do Amparo,
mas por único, e por raro
ser do Amparo Julgador.

DESCREVE COM ADMIRÁVEL PROPRIEDADE OS EFEITOS, QUE CAUSOU
O VINHO NO BANQUETE, QUE SE DEU NA MESMA FESTA ENTRE
AS JUÍZAS E MORDOMAS ONDE SE EMBEBEDARAM.

- 1 No grande dia do Amparo,
estando as mulatas todas
entre festas, e entre bodas,
um caso sucedeu raro:
e foi, que não sendo avaro
o jantar de canjirões,
antes fervendo em cachões,
os brindes de mão em mão
depois de tanta razão
tiveram certas razões.

- 2 Macotinha, a foliona,
bailou rebolando o cu
duas horas com Jelu
mulata também bailona:
senão quando outra putona
tomou posse do terreiro,
e porque ao seu pandeiro
não quis Macota sair,
outra saiu a renhir,
cujo nome é Domingueiro.

- 3 Por Macotinha tão rasa
de putinha, e mais putinha,
que a pobre Macotinha
se tornou de puta em brasa:
alborotando-se a casa
as mais se foram erguendo,
mas Jelu, ao que eu entendo,
é valente pertinaz,
lhe atirou logo um gilvaz
de unhas abaixo tremendo.

- 4 A mim com punhos violentos
(gritou a Puta matrona)
agora o vereis, Putona,
zás, e pôs-lhe os mandamentos:
e com tais atrevimentos
a Jelu se enfureceu,
que indo sobre ela lhe deu
punhadas tão repetidas,
que ficando ambas vencidas,
cada qual delas venceu.

- 5 Acudiu um Mulatete
bastardo da tal Domingas,
e respingas, não respingas
deu a Mulata um bofete:
ela, fervendo o muquete,
deu c'o Mulato de patas,
eis aqui vêm as Sapatas,
porque uma é sua madrinha,
e todas por certa linha
da mesma casa mulatas.

- 6 Chegou-se a tais menoscabos
que segundo agora ouvi,
havia de haver ali
uma de todos os diabos:
mas chegando quatro cabos
de putaria anciana,
a Puta mais veterana
disse então, que não cuidava,
que tais efeitos causava

vinhaça tão soberana.

- 7 Sossegada a gritaria
houve mulata repolho,
que, o que bebeu por um olho,
pelo outro o desbebia:
mas se chorava, ou se ria,
jamais ninguém compreendera,
se não se vira, e soubera
pelo vinho despendido,
que se tinha desbebido,
quanto vinho se bebera.
- 8 Tal cópia de jeribita
houve naquele folgado,
que em nada se tem segredo,
antes tudo se vomita:
entre tantas Mariquita
a Juíza era de ver,
porque vendo ali verter
o vinho, que ela comprara,
de sorte se magoara,
que esteve para o beber.
- 9 Bertola devia estar
faminta, e desconjuntada,
pois vendo a pendência armada,
tratou de se caldear:
bebeu naquele jantar
sete pratos não pequenos
de caldo, e sete não menos
de carne, e é de reparar
que a pudera um só matar,
e escapar de dois setenos.
- 10 Maribonda, minha ingrata
tão pesada ali se viu,
que desmaiada caiu
sobre Luzia Sapata:
viu-se uma, e outra Mulata
em forma de Sodomia,
e como na casa havia
tal grita, e tal contusão
não se advertiu por então
o ferrão, que lhe metia.
- 11 Teresa a da cutilada
de sorte ali se portou,
que da bulha se apartou,
porque era puta sagrada:
da pendência retirada
esteve num canto posta,
mas com cara de Lagosta

trocava com muita graça
o vinho taça por taça,
a carne posta por posta.

12 Enfim, que as Pardas corridas
saíram com seus amantes,
sendo, que no dia d'antes
andavam elas saídas:
e sentindo-se afligidas
do já passado tinelo,
votaram com todo anelo
emenda à Virgem do Amparo,
que no seu dia preclaro
nunca mais bodas al cielo.

DESCREVE OUTRA FUNÇÃO IGUAL, QUE NO SEGUINTE ANO ESTAS E OUTRAS
MULATAS DA MESMA CONDIÇÃO FIZERAM A. N. SENHORA DE GUADALUPE.

1 Tornaram-se a emborrachar
as Mulatas da contenda,
elas não tomam emenda,
pois eu não me hei de emendar:
o uso de celebrar
àquela Santa, e a esta,
com uma, e com outra festa
não é devoção inteira,
é papança, é borracheira
dar de cu, cair de testa.

2 Bebeu Pelica, um almude,
e não faltou, quem notasse,
que mil saúdes tragasse;
e ficasse sem saúde:
caiu como em ataúde,
sendo mortalha as anáguas,
e eu entrei num mar de mágoas
vendo a casaca, que era
finíssima primavera,
ficar chamalote d'águas.

3 Vomitou toda a casaca,
e as Mulatas desconvinham
que umas por vômito o tinham
outras o tinham por caca:
levou sobre isto matraca
entre riso, e murmurinho,
e a carinha com focinho
lhe armou de grande altivez,
mas resvelando-lhe os pés
nadou em mares de vinho.

4 Angelinha aquela posta
manjuba de palafrens,

jogando fortes vaivéns
ao vômito estava posta:
com máscara de lagosta
ora arrotava, ora impava;
tomando puxos estava
até que a hora chegou,
não pariu, mas vomitou,
porque tudo então trocava.

- 5 A Filha da Mangalaça
de cuxambre tão maldito
indo a parir; o Hermanito
viu que o parto era vinhaça:
chorou tão grande desgraça
a triste da Macotinha,
vendo, que a sua Madrinha
ao botar o tal monstrinho
parira como com vinho,
porém não como convinha.

- 6 Anastácia a dos corais,
que fornicando a gandaia
para botar uma saia
mete sete oficiais:
bebeu tanto mais que as mais
borrachas desta folia
que cada qual lhe dizia
que os oficiais chamava
quando uma saia botava,
chamasse, quando bebia.

- 7 Brazia, que a meu entender
por bonita, e por galharda
excedia a toda a Parda
em cara, como em beber:
depois de muito comer
bebia com tanto afinco,
que dando às demais um trinco,
constou, que de seis frasqueiras
mui cheias, e muito inteiras
só ela bebera as cinco.

- 8 Helena, o cu de borralho,
asmática, porém gorda,
se ensopou como uma torda
na sorda de vinho, e alho:
tiveram grande trabalho
as mais em a levantar,
sem poder-se averiguar,
se era odre, ou se penedo,
e estando neste segredo
ela o veio a vomitar.

- 9 A Agueda do Michelo,
que tampouco se recata,
nem merece ser Sapata,
que entre todas é chinelo:
assentada no tinelo
dava aos sorvos tal carreira,
que disse uma companheira,
que a tirassem com presteza,
por não haver em tal mesa
azeitona sapateira.
- 10 Tomou a Garça no ar
a Sapata incontinenti,
e indo arreganhar-lhe o dente,
não teve, que arreganhar:
porém por se desquitar
foi-se bailar o cãozinho,
e como sobre o moinho
levou tantas embigadas,
deu em sair às tornadas
a puro vômito o vinho.
- 11 Ninguém com Marta Soares
quer trocar odre por odre,
porque de podre, e mais podre
não há distinção de azares:
os copos de vinho a pares
e aos nones a água bebia,
que Deus para ela não cria
água de rios, nem fontes,
e havendo de andar por pontes,
pelas de vinho andaria.
- 12 Vem Luzia sacrifício
Juíza de refestela
Agrela, que já não grela,
por ser puta d'abinitio
deu um jantar, que era vício
rodava o Santos licor,
e a negra serva do amor
gritava com saia verde,
aqui-d'El-Rei, que se perde
a roupa de meu Senhor.
- 13 Assim pois se embebedaram
a Mestiça, e a Mulata,
todos tomaram a gata,
só as Gatas não tomaram:
bem fizeram, bem andaram
em não irem à função:
porque se me caem na mão,
(como as outras que beberam)
então viram, e souberam
que sou para um gato, um cão.

- 14 A Gaguinha celebrada
se afastou desta folia,
dizendo que não queria
com Marinículas nada:
entendida, e engraçada
respondeu, por vida minha,
por saber que não convinha,
que a vinhaça moscatel
graduasse em Bacharel
quem fora sempre Gaguinha.
- 15 Inácia, chamada Ilhoa
para cada beijarrão
não bastava um canjirão
com sopas de pão, e broa:
bebeu vinho de Lisboa,
bebeu do Porto, e Canárias,
e vendo, que em copas várias
outras o bebem do Beja,
disse picada de inveja,
ó Virgem das Candelárias!
- 16 A Surda, que gaga é,
escutando estas plegárias
da Virgem das Candelárias,
chamou a de Nazaré:
que licor é este, que
converte esta mulatinha?
bendita seja esta vinha,
que deu tão santo licor,
que para dar-lhe o louvor
se esgotou a ladainha.
- 17 Acabado o tal banquete
sem mais, nem mais dilação
foi-se um, e outro putão,
atrás do seu pontalete:
deixaram saia, e traquete,
dentro na casa fechada;
e lá pela madrugada,
veio a negra da Juíza
e não achando a camisa
gritou que estava roubada.
- 18 Voto solene fizeram
ouvindo da negra os brados
dizendo foram pecados,
que na festa cometeram:
porque a virgem a quem disseram,
que aquela festa faziam,
lhe ouviram, quando bebiam
dizer a senhora então;

que não se servia, não,
do modo com que serviam.

- 19 Elas já em seu juízo
(se de seu juízo têm)
dizem, que o ano que vem
haverá festa de siso:
que hão de olhar seu prejuízo,
sua honra, e opinião;
de putaria, isso não,
mas, eu por certas seqüelas
não me ficarei mais nelas
nem na sua devoção.

DESCREVE O POETA AS FESTAS DE CAVALO QUE SE FIZERAM NO TERREIRO
EM LOUVOR DAS ONZE MIL VIRGENS, SENDO ESCRIVÃO EUSÉBIO DA COSTA
REIMÃO FILHO DE MARIA REIMOA;³⁶⁵ EM QUE ASSISTIRAM ESTES DOUS
PRÍNCIPES PAI, E FILHO COM O MAIOR DA NOBREZA NO COLÉGIO DE JESUS.

- 1 Clóris, nas festas passadas
que às virgens são prometidas
houve quadrilhas corridas
parentas de envergonhadas:
porém estas realçadas
vi neste ano derradeiro:
pois na esfera do Terreiro
aparecia um Brandão,
que correndo exalação,
acabava cavaleiro.

- 2 Com estas aparições
de cometas tão luzidos,
nos mirões espavoridos
eram tudo admirações:
em máximas conjunções
de ouro, de prata, e de cores,
notei que os Festejadores
faziam com graças sumas
no ar um jardim de plumas,
e na terra um mar de flores.

- 3 Sua Excelência assistia,
o Conde, e toda a Nobreza,
e os padres por natureza
lhes faziam companhia:
estava sereno o dia,
a esfera toda anilada,
a água do mar estanhada,
brando o vento e lisonjeiro,
e contudo no Terreiro
houve muita carneirada.

- 4 Enfim a festa passada
tão cheia de cavaleiros,
se a fizeram dois Barbeiros,
não seria mais sangrada:
ali vi dar cutilada,
que todo o vento dissipa,
do bruto, que a participa,
e eu disse, pasmado e absorto,
que a catana era do Porto,
por rilhar sempre na tripa.
- 5 Logo e da primeira entrada
houve jogo de manilha,
que para isso a quadrilha
pêlo lindo era pintada:
quem lhe dava uma encontrada,
tudo então nos agradava,
pois conforme ouvi julgar
ali entre dar, e levar
pouca vantagem se dava.
- 6 Cada qual sem mais tardança,
à dama a quem mais se aplica,
levou na ponta da pica,
o que ganhou pela lança:
até o Padre Hortolança,
digo, o Cônego Gonçalo,
se logrou deste regalo:
eu só na baralha ingrata,
não vi manilha de prata,
que na de ouros já não falo.
- 7 Ao Marinho generoso
o dia franco, e escasso
concedeu-lhe o Galanaço
recatando-lhe o ditoso:
e visto que por airoso
é o Adônis da quadrilha
Zundu se lhe rende, e humilha,
dando-lhe (porque o conforto)
no cravo a primeira sorte,
a segunda na manilha.
- 8 Barreto alheio do susto,
que não implica amostrado
nem ao forte o asseado,
nem ao galante o robusto:
luzimento a pouco custo,
bom ar sem afetação,
foi julgado, em conclusão,
que a destreza o não desvela,

pois sem cuidado na sela,
caía no capressão.

- 9 Muito Eusébio se desvela
em correr mais que ninguém,
e por correr sempre bem
nunca se assentou na sela:
como há de sentar-se nela,
se correr só pretendia
tão propriamente o fazia,
que se assentar, e correr
não podem juntos caber,
não se assentava, corria.
- 10 O valeroso Muniz
em gala, cavalo, e arreio,
quanto ganhou pelo asseio,
o perdeu pelo infeliz:
o que eu vi, e a terra diz,
é que de muito adestrado,
andou tão avantajado,
que a voz do povo levou,
com que desde então deixou
o Povo mudo, e pasmado.
- 11 Outro Muniz valentão
o fez tão perfeitamente,
que sendo em sangue parente,
era na destreza Irmão:
pelo forte em conclusão
deixou de si tal memória,
que por sua, e nossa glória,
(deixando aos demais em calma)
fez pouco em levar a palma,
sendo filho da Vitória.
- 12 Do Bolantim a cavalo
dizia o Povo gostoso,
que era da festa o gracioso,
e eu digo que era o badalo:
quem chegou a ponderá-lo
correndo sobre a Rucina,
revirar a culatrina,
perniaberto para o ar,
a que o pode comparar
mais que a um sino que se empina?
- 13 Ao Araújo famoso
no princípio da carreira,
resvelou-lhe a dianteira
o cavalo furioso:
cego, arrojado e fogoso,
entre uns baetas meteu-se:

quem sentado estava, ergueu-se:
porém o baixel violento
como ia arrasado em vento,
deu nuns bancos, e perdeu-se.

14 Caído o moço infeliz,
houve grita e alarido,
sendo que cai o entendido
em tudo, que se lhe diz:
ergueu-se em menos de um triz,
e pondo-se na vareda
correu com cara tão leda,
que causou admiração
em todos; porque já então
tinha ele com todos queda.

15 Um sobrinho do Frisão
ao cheiro acudiu dos patos,
porque é em públicos atos
mui ousado um patifão:
presa a rédea a um arpão,
nos estrivos dois arpéus
pus eu os olhos nos céus,
e disse que bem podiam
louvar a Deus, os que viam
a cavalo um Louva-Deus.

16 Uma aguilhada por lança
trabalhava a meio trote,
qual o Moço de Dom Quixote,
a que chamam Sancho Pança:
na cara infame confiança,
na sela infame pernetta,
e com tramóia discreta,
ia sobre o seu jumento
pelo arreio, e nascimento
à bastarda e à gineta.

17 Ele andou tão desastrado,
que para dar-lhe sentido
o cavalo era o corrido,
e ele o desavergonhado:
estava o Frisão pasmado
de gosto babando o freio,
por ser de razão alheio
ver-se com tão pouco abalo
não no centeio a cavalo,
mas no cavalo o centeio.

18 A este filho universal,
com três Pais e três Padrastos
todo vestido de emprastos,

se emprastado o mesmo val:
se seguia um cirragal,
de quem tomavam modelos
para a corcova os camelos,
cuja perna dobradiça
sempre a memória me atiça
da rua dos cotovelos.

19 No Menino Ascânio falo,
que o Pai Enéias a murro
devendo de o pôr num burro
o deixou pôr a cavalo:
este menino ia ao galo
e encontrou-se co'a galhofa,
onde servira de mofa,
os dias, que ali gastara,
se um braço lhe não quebrara,
e o mandaram numa alcofa.

20 Lá vem o Chico às carreiras
dando esporadas cruéis,
numa sela de arambéis
vestido de bananeiras:
nas Laranjadas primeiras
teve tão adversa estrela,
que caiu na esparrela,
não como Rola, em verdade,
porque a queda foi de frade,
pois logo agarrou da sela.

21 Às festas não deu desmaio
nenhum destes entremezes,
que não há ouro sem fezes,
nem comédia sem lacaio:
qualquer correu como um raio
e fez sua obrigação,
exceto o boi do sertão,
sendo, que alguém lhe cobiça
o resistir à justiça,
e dar co'a força no chão.

22 O lindo Eusébio da Costa
escrivão das onze mil,
por assombrar o Brasil
fez tudo de sobreaposta:
cos passados deu à costa,
e excedeu a toda a lei:
e assim eu sempre direi
hoje e em toda a ocasião,
que o ser por Costa Reimão
lhe vem por ter mão de Rei.

AS FESTAS DE CAVALO QUE FEZ NO TERREIRO ESTRONDOSAMENTE
GONÇALO RAVASCO CAVALCANTE SINGULAR JUIZ DAS ONZE MIL
VIRGENS COM ASSISTÊNCIA DESTE PRÍNCIPE, A QUEM O
POETA OBSEQUIA, REMOQUEANDO A SEU ANTECESSOR: COMO
TAMBÉM OBSEQUIA A ANDRÉ CAVALO E OUTRAS PESSOAS NOMEADAS.

- 1 Foi das Onze mil Donzelas
Juiz o Juiz mais nobre
de quantos no Brasil cobre
o manto azul das estrelas:
nesta festa sem cautelas
gastou com liberal mão,
e para mais devoção
usar de Escrivão não quis,
sendo o primeiro Juiz,
que serviu sem escrivão.

- 2 Bem mostra, que de Bernardo
tem herdado o natural,
além de ser principal
o seu ânimo galhardo:
aplausos grandes aguardo,
e de Camena melhor,
que publiquem seu primor,
que a minha Talia nova
hoje admirações aprova
por mais heróico louvor.

- 3 Seis dias de cavaleiros
houve com bastante graça,
foram bons, e maus à praça
em ginetes, e sendeiros:
também houve aventureiros,
prêmios, e mantenedor,
touros, que foi o melhor,
porém sem ferocidade,
que os touros nesta cidade
não são de muito furor.

- 4 E pois coronista sou
desta grã festividade,
tenho de falar verdade,
e dizer, o que passou:
agaste-se, quem andou
mal, que a mim se me não dá:
sem saber, não foram lá,
e se lhe der isto espanto,
quando eu fizer outro tanto,
também de mim falará.

- 5 Bem sei, que é culpa fatal,

e contra a razão soçobra
dizer mal, de quem bem obra,
e bem, de quem obra mal:
mas nesta festa cabal
com meu fraco entendimento
aos cavaleiros intento
julgar sem ódio nenhum,
aplaudindo a cada um
conforme o merecimento.

- 6 Nestes dias festivos
com suma gala, e grandeza
assistiu toda a nobreza
dos homens mais principais:
Ministros, e Oficiais
de guerra e Damas mui belas,
que em palanques, e janelas
mostravam com arrebol,
que estando ali posto o sol,
bem podiam ser estrelas.
- 7 Posto o sol ali se via
porém com notável gosto,
quando vi, que era o sol posto,
mais o Terreiro luzia:
dois sóis postos na Bahia
vi com diferença atroz,
um Saturno, que se pôs
outro posto na janela,
Sol de luz mais clara, e bela,
que hoje nasce para nós.
- 8 Desterrando sombras mil
de um sol, que causou desmaios,
nasce com benignos raios
este Sol para o Brasil:
oh quem tivera a sutil
de Apolo Lira discreta,
da Fama aguda Trombeta,
para que pudesse ousado
sem temor, nem perturbado
descrever este Planeta.
- 9 Mas é fraco o meu engenho,
para de um Sol sem desmaios
querer ventilar os raios,
quando olhos d'águia não tenho;
e se a tão sublime empenho,
(onde o mais sábio delira)
meu pensamento subira,
logo dessa esfera clara
como Faetonte rodara,
ou como Ícaro caíra.

- 10 Quando o Planeta maior
à vista humana se expõe,
é, que a seus raios se opõe,
atrevido algum vapor:
e se neste sol melhor
 nenhuns eclipses se vêem,
 não se atreverá ninguém
(sem ter de néscio desmaios)
querer contemplar os raios
esclarecidos, que tem.
- 11 Quando da estéril Mulher
nasceu o maior do mundo,
admirações, e profundo
pasma veio a gente ter:
e se com João nascer
houve tanta admiração:
à Bahia outro João
sol de claro nascimento
nasce com merecimento
para a mesma suspensão.
- 12 E como não pasmarei
eu, e este Povo também
de ter por General, quem
cetro merece de Rei?
pois a ventura, e a lei
divina dispôs, Senhor,
o seres Governador,
contudo sabemos nós,
que um foi dos vossos Avós
de Pedro progenitor.
- 13 Daquele em tudo primeiro
João, em nada segundo
sois, e bem conhece o mundo,
descendente verdadeiro:
também da casa de Aveiro
muita nobreza alcançais:
Alencastro vos chamais
de Duarte Inglês potente
claríssimo descendente,
Silva sois, e nada mais.
- 14 Com branca, e encarnada pluma
galã vestido de verde,
que inda a esperança não perde
do neto da clara espuma:
Capitão de graça suma
André Cavalo saiu:
logo o Povo se sentiu,
porque de incidente novo

os olhos levou do Povo,
quando no Terreiro o viu.

- 15 Num branco bruto corria
mais ligeiro do que o vento,
tanto que co pensamento
correr parelhas podia:
veloz desaparecia
das pernas ao leve abalo,
e não podia julgá-lo
o Povo, que ali se achava,
se era vento, que levava
pelos ares o Cavalo.
- 16 Pôs André com bizzarria
todas as lanças mui bem,
e inda assim não faltou, quem
murmurasse todavia:
soube ele da zombaria,
que se fez, e persentiu,
quem fora, o que ali se riu,
e no outro dia com brio
um cartel de desafio
pôs, mas ninguém lhe saiu.
- 17 No cartel, que pôs, mostrava,
que a qualquer que julgassem
três lanças, que se tirassem,
mil cruzados ofertava:
o delinqüente aceitava
o desafio esta vez,
porém que sem interês
com gosto perder queria
nesta contenda, e porfia
não só mil cruzados, três.
- 18 Pede licença, ao Senhor,
que no nome a graça traz:
mas ele como sagaz
o aconselha com primor:
diz-lhe, que fora melhor
esta contenda escusar;
porém o Mancebo alvar
fiado em ser cavaleiro,
e fiado em ter dinheiro
não quis o pacto aceitar.
- 19 Porque se não vence não
(dizia o Moço Magnata)
nem por ouro, nem por prata
o seu sangue de Aragão:
e vendo o Senhor D. João,
que se a licença negava,

a André Cavalu ultrajava,
pois podiam presumir,
se ao campo o não vissem ir,
que o dinheiro lhe faltava:

- 20 Lhe disse, que não só três
(se corressem) mil cruzados,
senão que depositados
tinha André Cavalu dez:
mas o moço Aragonês
vendo esta resolução,
por temer a perdição,
a que punha o seu dinheiro,
toma conselho primeiro
co reverendo Frisão.
- 21 O Padre, que sem estudo
as Leis entende civis,
e com manhosos ardis
obra mal, e sabe tudo:
lhe diria mui sisudo
com aspecto venerando,
rindo-se de quando em quando,
que assim seus enganos lavra,
não se lhe dê da palavra,
diga, que estava zombando.
- 22 Assim foi, que o desafio
veio a parar em burrada,
que a palavra não val nada,
se na ocasião falta o brio:
e para que com desvio
não fossem mais inimigos,
evitando alguns perigos
em boa paz os chamou
o General, e tratou,
de que fossem muito amigos.
- 23 Depois das pazes enfim
lhes pediu, que cavalgassem,
e um par de lanças tirassem
cada qual em seu rocim:
ele lhe disse, que sim,
e de improviso avisou
ao Irmão, que não tardou
em trazer-lhe bons arreios,
cavalos, selas, e freios,
e com eles se embarcou.
- 24 Num dia dos derradeiros
ao Terreiro os dous chegaram,
e ambos se separaram,
logo dos mais cavaleiros:
cuidam, que são os primeiros

Fidalgos, que a terra tem,
e néscios não antevêm,
que diz o Povo, e não erra,
se são Fidalgos da terra,
na terra há outros também.

25 Empinou-se-lhes a ruça,
e de quatro companheiros
sem mais outros cavaleiros
fizeram a escaramuça:
o General se debruça
para metê-los bem nela
na janela com cautela,
porém usou de revoltas,
porque metendo-os nas voltas,
mandou cerrar a janela.

26 A escaramuça acabada
fizeram a cortesia,
e todo o Povo se ria
vendo a janela fechada:
nas voltas não viram nada,
que com notável trabalho
no ay hombre cuerdo a cavalo,
porém depois que acabaram,
e o General não acharam,
ficaram de vinha-d'alhos.

27 Cos rostos descoloridos,
desesperados agora
iam por dentro, e por fora
da própria cor dos vestidos:
os que são desvanecidos,
e de néscia presunção
presumem mais, do que são,
emendem seus pensamentos,
que para seus desalentos
é vivo o Senhor D. João.

28 Não presumam, porque têm,
que são mais que os pobres nobres,
pois há muitos homens pobres,
mui bem nascidos também:
ao pequeno não convém
por pequeno desprezar,
que se este quiser falar,
achar pode algum defeito
que nenhum há tão perfeito,
em quem se não pode achar.

29 Seguia-se um cavaleiro
ao famoso André Cavalo,
que levou sem intervalo

de cada golpe um carneiro:
também foi aventureiro
de um prêmio: mas com defeito
dava ao corpo um grande jeito,
e ficou passado, e absorto,
de que fosse ao prêmio torto,
e o prêmio a outro direito.

- 30 Ao famoso Brás Rabelo
razão é de mestre o apode,
que dar dias santos pode
nesta arte, ao que for mais belo:
e se com louco desvelo,
do que digo, algum se abrasa,
escute a razão, que é rasa,
e verá, se faz espantos,
que dar possa os dias santos,
quem tem Domingos de casa.
- 31 Nas lanças, que pôs mui bem,
teve de prêmios ganança,
e certo, que pela Lança
não o há de vencer ninguém:
dos cavaleiros, que tem
modernos hoje a Bahia,
leva Brás a primazia,
porque não há nesta praça,
quem se ponha com mais graça,
fortaleza, e bizarria.
- 32 Também aquela fatal
emulação de Mavorte,
para os inimigos forte
para os amigos *Leal*,
aplauso merece igual,
pois nesta cavalaria,
se aos mestres não excedia,
por mais antigos na arte,
aos Modernos desta parte
ele leva a primazia.
- 33 Também no Machado falo,
que é razão por ele acuda,
pois sempre ao cavalo ajuda,
mas não o ajuda o cavalo:
inda assim posso louvá-lo,
dando-lhe vários apodos,
porque conheço em seus modos,
e mui bem posso afirmar,
que nisto de cavalgar
leva vantagens a todos.
- 34 Em mau cavalo corria,

mas um prêmio mereceu;
veja-se, quem o perdeu,
que cavaleiro seria:
aposto, que alguém diria,
vendo, que as carreiras passa
sem fortaleza, nem graça,
que o Moço com seu sendeiro
é nos fumos cavaleiro,
porém não cá para a praça.

- 35 Outro cavaleiro airoso
andou na festividade,
e vi na velocidade,
com que corre, ser *Veloso*:
por cavaleiro famoso
o Povo o aclamou de novo,
eu só admirando o louvo,
e acho discricção calar,
que é escusado falar,
quando por mim fala o Povo.
- 36 O Ripado valeroso
andou bem, porém sem sorte,
porque tem pouco de forte,
se bem tem muito de airoso:
perdeu pouco venturoso,
mas sem nenhum sentimento,
um prêmio, que Brás atento
ganhou, porque não se atreva
a aquilo, que também leva
com as palavras o vento.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

4 — MARIA

Divertia o Doutor Gregório de Mattos aquelas tristes

memórias de seu desprezo em casa de Vicente da Costa Cordeiro Senhor de engenho em Marapê, onde casualmente viu, para perder-se outra engraçada Formosura. Chamou-se Maria de Povos, sobrinha do tal Vicente da Costa, homem poderoso, e amigo do Poeta. Era viúva muito honesta, e formosa; e assim se resolveu a pedi-la a seu Tio por esposa, o qual como homem de bem, atalhando as venturas da sobrinha pobre, persuadia à seu amigo, que não se despenhasse em maior abatimento de pobreza; e nestas lidas se dilatavam os desposórios: a propósito do que, fez a seguinte obra.

Manuel Pereira Rabelo, licenciado.

Mas eu não me queixo delas

*que de nenhuma mulher
má, ou boa há de queixar-se
homem, que juízo tem*

À SUA MULHER ANTES DE CASAR.

- 1 Os dias se vão,
os tempos se esgotam,
para todos trotam,
só para mim não:
tanta dilação
quem há de curtir?
O tempo a não vir,
e eu por meu pesar
sempre a esperar,
o que tanto foge;
casemo-nos hoje,
que amanhã vem longe.

- 2 O tempo sagrado
vem com tal vagar,
que deve de andar
manco, ou aleijado:
eu com meu cuidado
morto por vos ver,
e o tempo a deter
a dita, que espero,
da qual eu não quero,
que ele me despoje;
casemo-nos hoje,
que amanhã vem longe.

- 3 Por uma hora mera,
que Píramo andara,
e à Fonte chegara,
onde Tisbe o espera,
nunca acontecera
colar-se de emboque
no seu mesmo estoque,
deixando uma ponta,
onde a Moça tonta
a morrer se arroje;
casemo-nos hoje,
que amanhã vem longe.

- 4 Por uma hora avara,
por um breve instante,
que Leandro amante
no mar se arrojara,
nunca se afogara,
e Eros de tão alto
não dera tal salto;
porque quis o fado,
que ela, e o afogado
a praia os aloje:
casemo-nos hoje,
que amanhã vem longe.

5 Hoje poderei
convosco casar,
e hoje consumir,
amanhã não sei:
porque perderei
a minha saúde,
e em um ataúde
me podem levar
o corpo a enterrar,
porque vos enoje:
casemo-nos hoje,
que amanhã vem longe.

LISONJEIA OUTRA VEZ IMPACIENTE A RETENÇÃO DE SUA MESMA DESGRAÇA,
ACONSELHANDO A ESPOSA NESTE REGALADO SONETO.

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade
Te converta em flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

TERCEIRA VEZ IMPACIENTE MUDA O POETA O SEU SONETO NA FORMA SEGUINTE.

Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
E na rosada face a Aurora fria:

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o zenite da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
É cada dia ocaso da beldade.

RECATAVA-SE PRUDENTEMENTE ESTA BELEZA DAS DEMASIAS DE SEU FUTURO
ESPOSO, MAS ELE AVALIANDO ESTE DESDÉM POR TIRANIA RECORRE
SEGUNDA VEZ AOS MONTES, COMO ESCARMENTADO DE AMOR NO
PRIMEIRO OBJETO.

Montes, eu venho outra vez
aliviar-me convosco,
perdoai, se com meus ais,
vosso silêncio interrompo.
Já sabeis, montes amigos,
que amo, estimo, quero, adoro;
mas de que serve cansar-vos,
já sabeis, montes, que morro.
À conta do que me lembram
aqueles olhos irosos,
que no meu sentir são raios,
e nunca a meu ver são olhos.
Lembra-me o rico cabelo,
que na oficina dos ombros
me reforma estas meninas
de seus anéis preciosos.
Lembra-me o rosto gentil,
e ver eu no gentil rosto
escondido um não sei quê,
que me matou, não sei como.
Lembra-me logo a muita alma,
com que move o airoso corpo,
e nem de balde em o vendo
de ver tanta alma me assombro.
Oh quem pudera dizer-vos
outras mil partes, que escondo
de recatado, podendo
dizê-las de vanglorioso.
Lembra-me Marfida enfim:
mas que digo eu? que vos conto?
porque se dela jamais
me esqueço, como me acordo!
Isto pois venho a dizer-vos,
e a contar, montes, de novo,
que de mil ânsias, que planto,
um só favor não recolho.
Limitar certos favores
com fingidos pressupostos,
se não vai de estorvo alheio,
vai de desapego próprio.
Retorceder as vontades,

e esbulhar da posse os logros
toca em arrependimento,
se acaso não peca em ódio.
Desigualar as ações,
e alterar cad'hora os modos,
se é por acinte, não gabo,
se é por exame, não louvo.
Desdenhar-se a meus carinhos,
quem é afável com todos,
isso é dizer-me na cara,
que é aborrecido seu dono.
Faltar nos prometimentos,
ser pontual nos degostos,
curta nas satisfações,
larguíssima nos opróbrios:
Executar tiranias,
endurecer-se com rogos,
prezar-se de isenções,
enfim matar-me por gosto:
Que há de ser montes amigos,
senão haver feito eu próprio
ingratíssima a Marfida
a puro afeto amoroso.
Que há de ser, se o ser constante
em um fino é desabono,
e assim eu mais me malquisto,
quanto mais fino me mostro?
Que há de ser, se quando as setas
de Amor em Marfida aponto,
ela as solta contra mim,
e em meu próprio amor me corto?
Faz-me mal, o que lhe quero,
dá-me em saber, que a adoro,
e é tarde para escondê-lo
a seu juízo, e seus olhos.
Quisera ingrata chamar-lhe,
porém nem devo, nem ousou,
que em dizer mal do que quero,
desacredito meu gosto.
Tende-me, montes, segredo,
não saibam nestes contornos,
quem é a ingrata Marfida,
e o triste Pastor Ausônio.

DESCREVE COM GALHARDA PROPRIEDADE O LABIRINTO CONFUSO
DE SUAS DESCONFIANÇAS.

Ó caos confuso, labirinto horrendo,
Onde não topo luz, nem fio amando,
Lugar de glória, aonde estou penando,
Casa da morte, aonde estou vivendo!

Ó voz sem distinção, Babel tremendo,
Pesada fantasia, sono brando,

Onde o mesmo, que toco, estou sonhando,
Onde o próprio, que escuto, não entendo!

Sempre és certeza, nunca desengano,
E a ambas propensões, com igualdade
No bem te não penetro, nem no dano.

És ciúme martírio da vontade,
Verdadeiro tormento para engano,
E cega presunção para verdade.

OUTRA IMAGEM NÃO MENOS ELEGANTE DA MATÉRIA ANTECEDENTE.

Horas contando, numerando instantes,
Os sentidos à dor, e à glória atentos,
Cuidados cobro, acuso pensamentos,
Ligeiros à esperança, ao mal constantes.

Quem partes concordou tão dissonantes?
Quem sustentou tão vários sentimentos?
Pois para glória excedem de tormentos,
Para martírio ao bem são semelhantes.

O prazer com a pena se embarça;
Porém quando um com outro mais porfia,
O gosto corre, a dor apenas passa.

Vai ao tempo alterando à fantasia,
Mas sempre com ventagem na desgraça,
Horas de inferno, instantes de alegria.

INCREPA JOCOSAMENTE AO RAPAZ CUPIDO POR TANTAS DILAÇÕES.

Amor, cego, rapaz, travesso, e zorro,
Formigueiro, ladrão, mal doutrinado,
Em que lei achai vós, que um home honrado
Há de andar trás de vós como um cachorro?

Muitos dias, Mancebinho, há, que morro
Por colher-vos um tanto descuidado,
Que à fé que bem de mim tendes zombado,
Pois me fazeis cativo, sendo forro.
Não vos há de valer erguer o dedo
Se desatando a voz da língua muda
Me não dais minha carta de alforria.

Mas em tal parte estais, que tenho medo,
Que alguém poderá haver, que vos acuda,
Sem que pagueis tamanha rapazia.

ROMPE O POETA DESCONFIADO ARDENDO EM LABAREDAS DE AMOR
COM ESTA VENERANDA ANATOMIA D'ALMA.

Morro de desconfianças,
e inda assim, Marfida, morro,
se duvidoso constante,
e se incrédulo devoto.
Indiscretamente acabo,
porque nesciamente troco
a vida, que tu me dás,
pela morte, que eu me tomo.
Morrendo de meus temores
sinto não morrer, meus olhos,
contente da tua mão,
se não triste de mim próprio.
Se foras minha homicida,
morrera eu, meu bem, gostoso,
mas que alegre hei de morrer
sendo o matador, e o morto?
Tu não me matas, Marfida,
que isso é só para ditosos,
dúvidas da fé me matam,
que eu mesmo levanto, e movo.
Mata-me o meu pensamento,
que a meu pesar se tem ódio
os sentidos, e as potências
dentro em meu peito composto.
Se me vejo, me acobardo,
e se te escuto, me cobro,
esforçam-me os meus sentidos,
quando me afrouxam meus olhos.
Quando te escuto, me firmo
em teu cuidado amoroso:
Vejo-me, e tanto descaio,
que de te crer me envergonho.
Ser confiado me alenta,
mata-me o estar duvidoso,
podendo viver, não quero,
querendo viver, não posso.
Se quero viver, te creio,
Se te quero crer, não ousa,
e do meu bem me desvio,
quando a meu mal me acomodo.
Que dissabores padeço,
e que desgostos suporto
por uma idéia, que finjo
num pensamento, que formo!
Morro de cousa nenhuma
mas que monta, se enfim morro?
e se enfim me mata mais
ver, que morro de tão pouco.

Quem me pusera tão longe
a mim mesmo de mim próprio,
que apartado, do que cuido,
só vivera, do que adoro.
Porém inda que me mato,
e em meu discurso me afogo,
de ti, Marfida cruel,
deveras estou queixoso.
Homicídio é dar a morte,
mas eu a ter me acomodo
por mais cruel homicídio
negar à vida um socorro.
E tu, se bem me não tiras
a vida, quando me morro,
podendo a morte estouvar-me,
jamais queres ser estorvo.
Vês-me com a morte lutando,
e em teu duro peito noto,
que à minguá de um teu carinho
fico da morte despojo.
Se tu me deixas morrer
das idéias, que componho,
de mim sem razão me queixo,
e a ti, com razão, me torno.
Quem não receia, não ama,
ser confiado, é ser frouxo,
sempre são loucos os zelos,
mas discretíssimos loucos.
E se os meus zelos te enfadam,
dá-me licença, meus olhos,
para me ter por mofino,
pois perco por amoroso.
Se das potências desta alma
te dei o domínio todo,
porque em minha alma consentes
estas idéias, que formo?
Responderás, que te indignam,
porque servem um falso antojo
ou a teu amor de injúria,
ou a tua fé de opróbrio.
Mas se és Senhora absoluta
de mim mesmo, e de mim todo,
em consentir no meu erro
dás a entender, que é teu gosto.
Marfida, eu morro, eu acabo:
e em tal hora me acomodo,
só por ser, Marfida, teu,
co'a glória de ser teu morto.

QUIS O POETA EMBARCAR-SE PARA A CIDADE E ANTECIPANDO A
NOTÍCIA À SUA SENHORA, LHE VIU UMAS DERRETIDAS MOSTRAS
DE SENTIMENTO EM VERDADEIRAS LÁGRIMAS DE AMOR.

Ardor em coração firme nascido!
Pranto por belos olhos derramado!

Incêndio em mares de água disfarçado!
Rio de neve em fogo convertido!

Tu, que um peito abrasas escondido,
Tu, que em um rosto corres desatado,
Quando fogo em cristais aprisionado,
Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo como passas brandamente?
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai! que andou Amor em ti prudente.

Pois para temperar a tirania,
Como quis, que aqui fosse a neve ardente,
Permitiu, parecesse a chama fria.

ETERNIZA O POETA AQUELAS LÁGRIMAS COM OS PRIMORES
EXCELENTES DO SEU MILAGROSO ENGENHO.

- 1 Lágrimas afetuosas
brandamente derretidas,
o que tendes de afligidas,
tendes de mais poderosas:
sendo vós tão carinhosas,
quão tristes me pareceis,
que muito, que me abrandeis,
quando ausentar-me sentis,
se por me cobrar saís,
e em busca de mim correis?
- 2 Se correis tão descontentes,
onde ides tão apressadas?
e se andais tão recatadas,
como assim sois tão correntes?
Sendo essas vossas enchentes
formosíssimo embaraço,
que muito, que ao descompasso
de um ciúme enfurecido
nessa corrente detido
logo então perdesse o passo?
- 3 De ver, que vos afligistes,
que ufano fiquei então,
que alegre o meu coração,
meus olhos, de ver-vos tristes:
com razão vos persuadistes
de formar-me um novo encanto
no vosso chorar, porquanto
a fé, com que vos adoro,
se alegre no vosso choro,

se banha no vosso pranto.

4 Vendo, que eram desafogo
lágrimas da vossa mágoa,
o que era nos olhos água,
no peito vi, que era fogo:
logo vi, e entendi logo,
que como a um tronco acontece,
que ali arde, e cá umedece,
assim vós num choro brando
saís aos olhos, já quando
incêndios a alma padece.

5 Lágrimas, grande seria
uma dor, que vos condena,
que à custa da vossa pena
comprais a minha alegria:
e pois da melancolia,
que tive em tão tristes horas
haveis sido as redentoras,
do gosto, que me heis comprado
tanto à custa do chorado,
com razão sereis senhoras.

6 Sereis, pelo que agradastes,
lágrimas aljofaradas,
eternamente lembradas
destes olhos, que alegrastes:
se por mim vos derramastes,
e à custa de vossos brios
por entre tantos desvios
me buscais, fora desar,
não ser meus olhos um mar,
para recolher dois rios.

7 Lágrimas, que em vossas dores
dizíeis emudecidas
finezas jamais ouvidas
de nunca vistos amores:
pois que de vossos primores
tão subido é o arrebol,
basta, que do seu crisol
saia esta fineza enfim,
que eu vi triste um serafim,
e choroso o mesmo sol.

8 Eternamente aplaudidas,
sereis, lágrimas formosas,
pois deixais de ser ditosas
só por ser por mim vertidas:
se o valor de agradecidas
bastar a vossos matizes,

contra a nota de infelizes
podeis rir-vos de choradas,
porque de gratificadas
sois no mundo as mais felizes.

AO MESMO ASSUNTO E NA MESMA OCASIÃO.

Corrente, que do peito desatada
Sois por dois belos olhos despedida,
E por carmim correndo desmedida
Deixais o ser, levais a cor mudada.

Não sei, quando caís precipitada
As flores, que regais, tão parecida,
Se sois neves por rosa derretida,
Ou se a rosa por neve desfolhada.

Essa enchente gentil de prata fina,
Que de rubi por conchas se dilata,
Faz troca tão diversa, e peregrina,

Que no objeto, que mostra, e que retrata,
Mesclando a cor purpúrea, e cristalina,
Não sei, quando é rubi, ou quando é prata.

REMETE À SUA ESPOSA A SEGUINTE OBRA, CHOVENDO PRÊMIOS
À AQUELA DEMONSTRAÇÃO DE AMOR.

Não sei, em qual se vê mais rigorosa
A força desta nossa despedida,
Se em mim, que sinto já perder a vida,
Se em vós, a quem contemplo tão chorosa.

Vós com incêndios d'alma piedosa
Mostrais a dor em água convertida,
Eu com ver-me tão longe da partida,
Nem água me deixou dor tão forçosa.

Vós, pelo que entendeis do meu sentido,
Obrais, a causa tendo inda presente;
Pagando-me antemão, quanto mereço.

Eu logo, que me vir de vós partido,
N'alma satisfarei estando ausente
Esse amor, que nos olhos vos conheço.

DESPEDIDO O POETA DE SUA SENHORA, E POSTO COM EFEITO NA CIDADE,
LHE ENCARECE DESDE ELA OS RIGOROSOS TORMENTOS DE AMOR, QUE
PADECE CAUSADOS DE SAUDADE PELA AUSÊNCIA DA SUA VISTA,
NESTAS TÃO CHOROSAS, QUÃO SAUDOSAS DÉCIMAS.

1 Saudades, que me quereis,
que tanto me atormentais?
nunca a morte executais,
sempre a morte prometeis?
sem dúvida pretendeis
minha pena ir dilatando,
porque enquanto vou penando
tendes, onde estar vivendo,
e se acaso eu for morrendo,
por força ireis acabando.

2 Mas nem por isso a meu ver
matais menos sem matar,
que um contínuo suspirar
é um perpétuo morrer:
o bem na lembrança ter,
considerá-lo distante,
um receio a cada instante,
um susto a cada acidente
não são provas do vivente,
senão abonos do amante.

3 Vós sois, tirana saudade,
sendo a memória instrumento
verdugo do entendimento,
e flagelo da vontade:
acabo na realidade,
respiro nas aparências,
pois com tantas evidências
vosso rigor me desalma,
não despojado de uma alma,
afligido em três potências.

4 Oh quanto menor tormento
me deva o perder a vida,
que para dor tão crescida
já não há mais sofrimento:
a pena com tanto alento,
sem alento o coração
parecerá sem razão,
que uma mesma causa ordene,
que viva, para que pene,
e para ter vida não.

ACOMPANHOU ESTAS TÃO SAUDOSAS QUATRO DÉCIMAS
ESTE SONETO.

Nos últimos instantes da partida,
Em que o rigor o golpe executava,
Vi, quando alentos no sentir achava
A morte dilatada, ou repetida.

Obrou a execução na despedida,
Que ali de vossos olhos me ausentava,
E como a vida neles me ficava,
Não pude então viver deixando a vida.

Foi de ausentar-me a morte conseqüência,
Pois estando sem vós, sem vida estive;
Mas direis, que o morrer de alentos priva.

Porém como nas mãos de uma violência,
Quem ausente padece, morre, e vive,
Foi a vida defunta, a morte viva.

CASADO JÁ O POETA, ENTRA AGORA POR RAZÃO DE HONESTIDADE A
MUDAR-LHE O NOME NAS OBRAS SEGUINTE. LISONJEIA-LHE O REPOUSO
EM UM DOS PRIMEIROS DIAS DO NOIVADO NO SÍTIO DE MARAPÉ.

À margem de uma fonte, que corria
Lira doce dos pássaros cantores
A bela ocasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia
O Céu seus horizontes de mil cores;
Dominava o silêncio sobre as flores,
Calava o mar, e rio não se ouvia.

Não dão o parabém à bela Aurora
Flores canoras, pássaros fragrantés,
Nem seu âmbar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,
Tudo à Sílvia festeja, e tudo a adora
Aves cheirosas, flores ressonantes.

SEGUNDA LISONJA EM QUE EXCEDE SUA ESPOSA
A TODA A NATUREZA.

Vês, Gila, aquel farol de cuja fuente
Mana la luz, que al orbe se diriva?
Vês, Gila, aquela antorcha fugitiva,

Que es de la negra noche presidente?

Vês del prado la pompa floreciente?
Miras daquel jasmin la pompa altiva?
Vês la rosa; que en purpuras se aviva?
Vês el clavel, que en granas se desmiente?

Buelve acá, Gila, mira la nevada
Voraz campaña desse mar, que aora
Cristalinos aljofares destila.

Vês essa espuma en nieve transformada?
Vês essas perlas, que lloró la Aurora?
Pues todo es nada con tu rostro, Gila.

PRIMEIRO ARRUF0 DE SUA ESPOSA POR CAUSAS, QUE O POETA
LHE DAVA EM SEUS DESCUIDOS.

Que presto el tiempo, Lise, me ha mostrado
En una quexa sola mil tormentos:
Pues me vuelve en pesares los contentos,
Que siempre duplicó lo venerado.

Dizir, Lise, que falta mi cuydado,
Bien puede industria ser de tus intentos,
Que en mi solo acreditan sentimientos,
Y en ti lo verifica el retirado.

Pero sin essa duda al tiempo dexas
De mis verdades solo las rasones,
De tus retiros tantas experiencias:

Calle mi quexa la rason de quexas,
Y mi obligacion repita obligaciones,
Que amor publicara las evidencias.

A UMA DOR DE DENTES, DE QUE SUA ESPOSA SE
QUEIXAVA TODAVIA DESDENHOSA.

1 Ai, Lise, quanto me pesa,
que da dor, que padeceis,
a ter não vos isenteis
mais piedade, que fereza:
se deste achaque a braveza
entre ambos reparte amor,
tenho por grande favor,
que nesta amante convença
eu sinta a dor da doença,

vós a doença da dor.

- 2 Por razões mui aparentes
devo este mal estimar,
porque sei me há de livrar
de trazerdes-me entre dentes:
mas por causas mais urgentes
quero, que o remedieis,
e se quando o mal venceis,
a morder-me vos provoca,
perdôo o morder de boca
à boca, com que mordeis.

GALANTEIA O POETA AQUELE DESDÉM COM UM RAMILHETE DE
FLORES REMATADO COM UMA FIGUINHA DE AZEVICHE.

Essas flores, que uma figa
levam consigo, meu bem,
grande mistério contêm
contra a fortuna inimiga:
pois deste amor na fadiga
indo as flores sem abrolhos
com tal figa nos refolhos,
bem se vê, que em mil amores
para vós vos mando as flores,
e figas para meus olhos.

REJEITA SUA ESPOSA O RAMILHETE DE FLORES E O POETA PROSEGUE NO
MESMO GALANTEIO TORNANDO-O A MANDAR COM ESTE.

MOTE

*Perdoai-me, meus amores,
do ramilhete a figuinha,
que onde estais vós, vida minha,
uma figa para as flores.*

- 1 Como assim, Clóri divina,
ramilhete rejeitais?
mas é porque imaginais
ser dele a melhor bonina:
Vede bem, que Amor ensina,
a que vos mande essas flores;
não me negueis os favores,
quando desejo acertar;
e se eu erro em vos amar,
Perdoai-me, meus amores.
- 2 Eu, Clóri, tanto que vi,
que o não estimáveis muito,
de que não fizera fruto

pela flor o conheci:
logo me compadeci
da figa por vida minha,
porquanto já certo tinha,
que nesse sol a estalar
era força o acabar
Do ramilhete a figuinha.

3 Dai-me licença, que diga,
que, a quem dá flores a molhos,
meteis a figa nos olhos
em não aceitar a figa:
porém antes que prossiga,
no que a afeição me encaminha,
digo, se dito não tinha,
sem que seja fora d' arte,
que flor não vi em melhor parte,
Que onde estais vós, vida minha.

4 Minha Clóri, e meu amor,
esse ramilhete enfim
peço aceiteis, porque assim
lhe ficais levando a flor:
e então vendo-se, Senhor
à vista de tais favores
em mãos tão superiores,
é certo, vendo-lhe a figa,
que não faltarà, quem diga,
Uma figa para as flores.

SEGUNDO ARRUF0, EM QUE A ESPOSA TEVE NOTÍCIA DE
CERTO DESTRAIMENTO DO POETA E ELE SE DESCULPA
COM DIZER, QUE HOMEM POBRE: NÃO TEM VÍCIOS.

MOTE

*Amar sin temer, que dar
o espreciar-se de muy loco,
o tener hecha la cara
al desayre de andar corto.*

1 Clori, en el prado ante ayer
Vi a Fili, y tam flor estava,
que ni aun el prado dudava,
si era flor, siendo muger:
rendio-me su rocicler,
y al querer le yo en su altar
mi coraçon consagrar,
como era suyo en rigor,
tuvo por desayre Amor
Amar, sin tener, que dar.

2 Fuerça fué el arrepentir,
que es fineza desmentida
tener el alma rendida,
y bolversela a rendir:

fuerça fué entonces huir
a los desayres, que toco,
que quien con acuerdo poco
quiere al Ammor sugetar-se,
o es de loco preciar-se,
O espreciar-se de muy loco.

3 El que de loco se precia,
busca desestimacion,
pues con loca affectacion,
quiere amar, quien le desprecia:
fuera confiança nescia,
si algo de premio esperara,
y fuera, si se repara,
al desprecio, y al baldon
tener hecho el coraçon,
O tener hecha la cara.

4 No es tanto no de admirar,
que consagre a Amor dos aras,
si no que puedan dos caras
una belleza enganar:
nada me puede alterar,
ni dexar-me, Clori, absorto,
que si a galan me reporto,
por mi amor, y tu respeto,
havria de estar sugeto
Al desayre de andar corto.

ENFERMOU ZELOSA A SUA ESPOSA DE UMA DOR DE GARGANTA
E SANGRADA, LHE GALANTEIA O POETA A ENFERMIDADE.

Enfermou Clóri, Pastores,
picadinha de um desdém,
que até pagam as Deidades
tributos ao bem querer.
Mandou chamar o Barbeiro,
para picar-se outra vez,
que uma picada com outra
se vem a satisfazer.
Não quer Clóri, que lhe aplique
no braço, senão no pé,
que quem é tão soberana,
não dá seu braço a torcer.
Tomou-lhe o pé o Barbeiro,
para n'água lho meter,
e sendo a água tão pouca
lhe custou a tomar pé.
Água fria pediu logo,
parecendo-lhe talvez,
que com a quente pudesse
tanta neve derreter.
Desmaiou Clóri sentida
por o golpe lhe doer,
e à fé que custa o seu golpe

gotas de sangue verter.
Com sal na boca diverte
o desmaio desta vez:
mas boca de tanta graça
nenhum sal há de mister.
Que foi remédio supérfluo,
se deixa bem conhecer,
porque, quem é luz do mundo,
sal da terra deve ser.
Logrou aqui o Barbeiro
semelhanças de Moisés,
não da pedra tirar água
da neve em sangue escorrer.
Vingou Clóri no seu sangue
o agravo, que lhe fez,
que assim faz, que tão bom sangue,
se é de ilustre proceder.

CONTINUA O POETA EM LISONJEAR AS SANGRIAS
DE SUA ESPOSA.

- 1 Dizei, queridos amores,
dizei-me, sangrada estais?
Jesus! porque derramais
rubis de tantos valores?
Valha-me Deus! ai que dores
sinto no meu coração;
vós sangradinha, e eu são!
Se tenho a vida ferida,
não sei, como tenho vida,
tendo vós tanta aflição.
- 2 Dizei-me, quem vos sangrou,
Mana do meu coração?
qual foi a atrevida mão,
que assim vos martirizou?
não sei, se vos magoou.
Porém romper um cristal
ninguém pode fazer tal.
Sem penoso detrimento,
que inda que vá muito atento,
sempre lhe há de fazer mal.

ROGA O POETA À SUA ESPOSA, QUE SUSPENDA O REMÉDIO DAS SANGRIAS.

De uma dor de garganta adocestes,
E foram, Tisbe, quando vos sangrastes,
Piques aquela dor, de que enfermastes,
Rosas aquele sangue, que vertestes.

Oh que discretamente discorrestes
No remédio, que à dor logo aplicastes.

Pois por força nas rosas, que lançastes,
Haviam de ir os piques, que tivestes.

Mas ai! que por meu mal desejo agora
Um novo mal em vós, ó Tisbe minha;
E se o pode alcançar, quem vos adora,

Peço, que suspendais essa meizinha,
Que se ainda mais rosas lançais fora,
Receio, que fiqueis posta na espinha.

IMPACIENTE O POETA DE TÃO DEMASIADO RIGOR LANÇA O
RESTO DE SUAS FINEZAS PARA ABRANDAR SUA ESPOSA.

Vão-se as horas, cresce o dia,
meu tormento não se acaba;
a noite chega a meus olhos,
mas o alívio sempre tarda.
Meu coração já de aflito
não sofre tanta tardança:
a cada instante suspiro,
porque o teu rigor me mata.
Meus sentidos elevados
já não dão ascenso a nada,
tu me negas tua vista,
eu sem ti não sei, que faça.
Em um pranto todo o dia
não sossega, nem descansa
este triste, minha vida,
este pobre, minha mana.
As meninas dos meus olhos
já não vivem de esperança,
porquanto o teu coração
não se move, nem se abranda.
Olha tu, que crueldade
por ti padece minha alma,
maltratar, a quem te quer,
não querer, a quem te ama.
Baste já, que mais não posso,
não sejas, meu bem, ingrata,
que por tí vivo morrendo,
tu por mim não fazes nada.
Ai meu bem, quem tal dissera!
mas não quero dizer nada,
tu, que me quiseste muito,
me perdoa por tua alma.

LISONJEIA FINALMENTE A CONVALESCENÇA DE SUA ESPOSA.

Puedes, Rosa, dexas la vanidad;
No presumas, clavel, de enacarado:

Branca Açucena ya, y Jasmin nevado,
Dexe de blazonar vuestra beldad.

Grana purpurea aprissa retirad
Brillante rocicler gala del prado,
Si de la pompa el tiempo está acabado,
Vuestra pompa en retiros minorad.

Porque salió Maricas de un desmayo
Flor en las gallardias más vistosas,
Que brotó Primavera, Abril, y Mayo.

Pero a su vista os quedareis hermosas,
Supplicandole humildes un ensayo
Açucena, Clavel, Jasmin, y Rosas.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

5 — CUSTÓDIA

Graciosa Mulata filha de outra chamada
Maricota

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*que eu não vi Mulata ainda
que me desse tanto abalo*

Oh se verdade fosse, o que sonhava!

UMA GRACIOSA MULATA FILHA DE OUTRA CHAMADA MARICOTA COM QUEM
O POETA SE TINHA DIVERTIDO E CHAMAVA AO FILHO DO POETA SEU MARIDO.

1 Por vida do meu Gonçalo,
Custódia formosa, e linda,
que eu não vi Mulata ainda,
que me desse tanto abalo:
quando vos vejo, e vos falo,
tenho um pesar grande, e vasto
do impedimento, que arrasto,
porque pelos meus gostilhos
fora eu Pai dos vossos Filhos
antes que vosso Padrasto.

2 O diabo sujo, e tosco
me tentou como idiota
a pecar com Maricota,
para não pecar convosco:
mas eu sou homem tão osco,
que a ter notícia por fama,
que lhe mamastes a mama,
e eu tinha tão linda Nora,
então minha sogra, fora,
e não fora minha Dama.

3 Estou para me enforcar,
Custódia, desesperado,
e o não tenho executado,
porque isso é morrer no ar:
quem tanto vos chega amar,
que quer por mais estranheza
obrar a maior fineza
de morrer, porque a confirme,
morra-se na terra firme,
se quer morrer com firmeza.

4 Já estou disposto d' agora
a meter-vos num batel,
e dar convosco em Argel
por casar com minha Nora:
não vos espante, Senhora,
que me vença tal furor,
que eu sei, que em todo o rigor
o mesmo será, e mais é
ir ser cativo em Salé,
que ser cativo do Amor.

A MESMA CUSTÓDIA MOSTRA A DIFERENÇA
QUE HÁ ENTRE AMAR E QUERER.

Sabei, Custódia, que Amor
inda que tirano, é rei,
faz leis, e não guarda lei,
qual soberano Senhor.

E assim eu quando vos peço,
que talvez vos chego a olhar,
as leis não posso guardar,
que temos de parentesco:

Que vossa boca tão bela
tanto a amar-vos me provoca,
que por lembrar-me da boca,
me esqueço da parentela.

Mormente considerada
vossa consciência algum dia,
que nenhum caso faria
de ser filha, ou enteada.

Dera-vos pouco cuidado
então ser eu vosso assim,
e anda hoje para mim
vós, e o mundo concertado.

Mas eu amo sem confiança
nos prêmios do pertendente,
amo-vos tão puramente,
que nem peço na esperança.

Beleza, e graciosidade
rendem à força maior,
mas eu se vos tenho amor,
tenho amor, e não vontade.

Como nada disso ignoro,
quisera, pois vos venero,
que entendais, que vos não quero,
e saibais, que vos adoro.

Amar, e querer, Custódia;
soam quase o mesmo fim,
mas diferem quanto a mim,
e quanto à minha paródia.

O querer é desejar,
a palavra o está expressando:

quem diz quer, está mostrando
a cobiça de alcançar.

Vi, e quis, segue-se logo,
que o meu coração aspira
o lograr o bem, que vira,
dando à pena um desafogo.

Quem diz, que quer, vai mostrando,
que tem ao prêmio ambição,
e finge uma adoração
um sacrilégio ocultando.

Vil afeto, que ao intento
foge com néscia confiança,
pois guia para a esperança
os passos do rendimento.

Quão generoso parece
o contrário amor: pois quando
está o rigor suportando,
nem penas crê, que merece.

Amar o belo é ação
que toca ao conhecimento
ame-se co entendimento,
sem outra humana paixão.

Quem à perfeição atento
adora por perfeição
faz, que a sua inclinação
passe por entendimento.

Amor generoso tem
o amor por alvo melhor
sem cobiça, ao que é favor,
sem temor, ao que é desdém.

Amor ama, amor padece
sem prêmio algum pretender,
e anelando a merecer
não lhe lembra, o que merece.

Custódia, se eu considero,
que o querer é desejar,
e amor é perfeito amar,
eu vos amo, e não vos quero.

Porém já vou acabando,
por nada ficar de fora
digo, que quem vos adora,
vos pode estar desejando.

À MESMA DAMA.

Ai, Custódia! sonhei, não sei se o diga:
Sonhei. que entre meus braços vos gozava.
Oh se verdade fosse, o que sonhava!
Mas não permite Amor, que eu tal consiga.

O que anda no cuidado, e dá fadiga,
Entre sonhos Amor representava
No teatro da noite, que apartava
A alma dos sentidos, doce liga.

Acordei eu, e feito sentinela
De toda a cama, pus-me uma peçonha,
Vendo-me só sem vós, e em tal mazela.

E disse, porque o caso me envergonha,
Trabalho tem, quem ama, e se desvela,
E muito mais quem dorme, e em falso sonha.

*Porque com quatro ditinhos,
De conceitos estudados,
Não podem ser graduados
Em as ciências.*

*que hajam poetas ocultos
na sombra da poesia
fugindo da luz do dia,
e que estes se chamem cultos!*

*no hábito de cacoetes,
que tem o meu amo entre asnetes
de falar agongorado.*

(o cavalo de Pedralvez)

CONTRA OUTROS SATIRIZADOS DE VÁRIAS PENAS QUE O ATRIBUÍRAM AO
POETA, NEGANDO-LHE A CAPACIDADE DE LOUVAR.

- 1 Saiu a sátira má,
e empurraram-ma os perversos
que nisto de fazer versos
eu só tenho jeito cá:
noutras obras de talento
eu sou só o asneirão,
em sendo sátira, então
eu só tenho entendimento.

- 2 Acabou-se a Sé, e envolto
na obra o Sete Carreiras
enfermou de caganeiras,
e fez muito verso solto:
tu, que o Poeta motejas,
sabe, que andou acertado
que pôr na obra louvado
é costume das Igrejas.

- 3 Correm-se muitos carneiros
na festa das Onze mil,
e eu com notável ardil
não vou ver os cavaleiros:
não vou ver, e não se espantem,
que algum testemunho temo,
sou velho, pelo que gemo,
não quero, que mo levantem.

- 4 Querem-me aqui todos mal,
mas eu quero mal a todos,
eles, e eu por nossos modos
nos pagamos tal por qual:
e querendo eu mal a quantos
me têm ódio tão veemente
o meu ódio é mais valente,
pois sou só, e eles são tantos.

- 5 Algum amigo, que tenho,
(se é, que tenho algum amigo)
me aconselha, que, o que digo,
o cale com todo o empenho:
este me diz, diz-me estoutro,
que me não fie daquele,
que farei, se me diz dele,
que me não fie aqueloutro.

- 6 O Prelado com bons modos
visitou toda a cidade,
é cortesão na verdade,

pois nos visitou a todos:
visitou a pura escrita
o Povo, e seus comarcãos,
e os réus de mui cortesãos
hão de pagar a visita.

7 A Cidade me provoca
com virtudes tão comuas:
há tantas cruces nas ruas,
quantas eu faço na boca:
os diabos a seu centro
foi cada um por seu cabo,
nas ruas não há um diabo,
há os das portas a dentro.

8 As damas de toda a cor
como tão pobre me vêem,
as mais lástima me têm,
as menos me têm amor:
o que me tem admirado
é, fecharam-me o poleiro
logo acabado o dinheiro,
deviam ter-mo contado.

A UM IGNORANTE POETA, QUE POR SUAS LHE MOSTROU
UMAS DÉCIMAS DE ANTÔNIO DA FONSECA SOARES.

Protótipo gentil do Deus muchacho,
Poeta singular o mais machucho,
Que no mais levantado do Cartucho
Quis trazer o Pegaso por penacho.

Triunfante ao Parnaso entrou gavacho
Com décimas do métrico Capucho;
Se são suas merece um bom cachucho,
Que por boas conseguem bom despacho.

Mas o Sol, que na Aurora do desfecho
Os párpados abrindo vos viu micho,
Por ser vosso talento de relexo

Logo disse não éreis vós o bicho,
Que vos sente nas ancas este sexo,
Que vos limpe essas barbas cum rabicho.

DESCREVE A VIDA ESCOLÁSTICA.

Mancebo sem dinheiro, bom barrete,
Medíocre o vestido, bom sapato,
Meias velhas, calção de esfola-gato,
Cabelo penteado, bom topete.

Presumir de dançar, cantar falsete,
Jogo de fidalguia, bom barato,
Tirar falsídica ao Moço do seu trato,
Furtar a carne à ama, que promete.

A putinha aldeã achada em feira,
Eterno murmurar de alheias famas,
Soneto infame, sátira elegante.

Cartinhas de trocado para a Freira,
Comer boi, ser Quixote com as Damas,
Pouco estudo, isto é ser estudante.

AO MESMO ASSUNTO.

Devem de ter-me aqui por um Orate
Nascido lá na gema do Lubeque,
Ou por filho de algum triste Alfaqueque
Daqueles, que trabucam lá em Ternate.

Porque um me dá a glosar um desparate,
E quer, que se lhe imprima com crasbeque;
Outro vem entonando como um Xeque,
E fala pela língua de um mascate.

Anda aqui a poesia a todo o trote,
E de mim corre já como um alambique
Não sendo eu destilador brichote.

Outro vem, que casou em Moçambique,
E vive co'a razão de vinho, e brote,
Que o Sogro deu, e o Clérigo Cacique.

A UM FULANO DA SILVA EXCELENTE CANTOR OU POETA.

Tomas a Lira, Orfeu divino, ta,
A lira larga de vencido, que
Canoros pasmos te prevejo, se
Cadências deste Apolo ouviras cá.

Vivas as pedras nessas brenhas lá
Mover fizeste, mas que é nada vê:
porque este Apolo em contrapondo o ré,
Deixa em teu canto dissonante o fá.

Bem podes, Orfeu, já por nada dar
A Lira, que nos astros se te pôs
Porque não tinha entre os dous Pólos par.

Pois o Silva Arião da nossa foz
Dessas sereias músicas do mar
Suspende os cantos, e emudece a voz.

MANDANDO GONÇALO SOARES DA FRANCA SENDO AINDA ESTUDANTE
PEDIR AO POETA UM LIVRO INTITULADO *REPÚBLICA GENTÍLICA* EM
OCASIÃO, QUE AMBOS ESTAVAM DESFAVORECIDOS DE SUAS
DAMAS, O POETA LHO MANDOU COM ESTA DÉCIMA.

Na República, Senhor,
de antigas gentilidades
achareis as Divindades
compadecidas do amor;
com que podereis melhor
desse mal, que padeceis
ter dó de mim, pois sabeis,
(que por meu mal, já se vê)
restaurar as leis da fé,
destruir do Amor as leis.

RESPOSTA QUE MANDOU AO POETA GONÇALO SOARES DA
FRANCA DE REPENTE E PELOS MESMOS CONSOANTES.

Na república, Senhor,
não dessas gentilidades,
mas de vossas divindades,
trunfará o vosso amor:
com que então vereis melhor
no temor, que padeceis,
o quanto vencer sabeis,
que muitas vezes se vê
dos erros da lei da fé,
apurar do amor as leis.

A ESTA DÉCIMA RESPONDEU O POETA COM ESTE SONETO.

De repente, e cos mesmos consoantes
Não o fazem Poetas negligentes,
Um Apolo o fará Mestre das gentes,
E vós, Gonçalo, Sol dos Estudantes.

A princípios tão raros, e elegantes
As Musas já se prostram reverentes,
Querendo duplicar-vos muitas frentes,
Porque um laurel não são lauréis bastantes

Canta pois, doce espírito engenhoso,
Nunca a Lira deponhas, nem suspendas,
Porque das nove o coro soberano

Se põem no Sacro Monte deleitoso
Umas, porque Mecenas as acendas,
Outras, porque as emendes Mantuano.

O DOUTOR ANTÔNIO RODRIGUES DA COSTA CAVALHEIRO DO HÁBITO
CRISTO, CHEGANDO DE PORTUGAL COM UM VESTIDO VERDE E CANHÕES
DE VELUDO, O QUAL SE FEZ ABORRECIDO DO POETA POR MAU LETRADO E
JURISTA INTRUSO.

- 1 Quem vos viu na terra entrar
com libréia de Lacaio
verde cor de papagaio,
que há de vos esperar?
haveis de papagaiar,
e fazer tal garalhada,
que fique a gente pasmada
com raiva, e sem paciência
vendo a Casa da audiência
reduzida em milharada.
- 2 As mangas veludo inteiro,
e a roupeta verde pano
é libréia em todo o ano
da grande casa de Aveiro:
Vós sois tão vil malhadeiro,
que não pode a minha idéia
presumir, que tão má preia
serviu tão alto solar,
salvo vós por vos honrar
lhe furtastes a Libréia.
- 3 Bem é verdade constante,
que éreis na praça, e na feira

um prólogo do Fronteira,
pois lhe feis sempre diante:
que essa Libréia flamante
fez ele para uma tropa
de Lacaios fraca roupa
em uns touros como uns ouros,
e por seres contra os touros,
vos lançou de si Europa.

4 Daqui a gente malvada
vendo-vos na cara um zás,
não cuida, que foi gilvaz,
mas cuida, que foi cornada:
vós fostes na Lacaiada,
quando o Marquês à espanhola
quantos touros vê, degola,
e bem que andastes na praça,
suposto que sois caraça,
contudo não sois carola.

5 E como o parto suposto
é delito atroz, e grave,
tendes na cara esse cabe
por lacaios pressuposto:
dá-me grandíssimo gosto
ver-vos ir peão peão
co'a capa arrastando o chão,
pois a crer, que sois me arrisco
na cinza de São Francisco
São Ivo da procissão.

6 A ver-vos com sobrecéu
fôreis em retrato fiel
Rainha Santa Isabel
sem rosas, mas com chapéu:
ganhais por isso o troféu
aos advogados, porquanto
a todos excedeis tanto,
que ainda dos condenados
os demais são advogados,
contudo vós sois o Santo.

7 Só vós sabeis, quanto a mim,
os prelúdios, que fazeis,
Casus est iste, dizeis,
reverente: é grão Latim!
dissera um vilão ruim
tirado ant'onte das cabras
tais latins, nem tais palavras?
vá lavar-se ao mar Euxino
o latim do Calepino,
e o do Padre Manuel Abrás.

8 Ó lacaio alatinado,
ó macarrônico ilustre,
ó Jurista balaústre
ao machado torneado!
pois sois tão grande Letrado,
vede, que dizem doutores,
que os Rábulas ladradores
por isso cães se chamavam,
porque aos ouvidos ladravam
dos míseros pleiteadores.

9 Cuidais, caraça de broma,
que as Leis dos Imperadores
se hão de levar a clamores,
como a espada as de Mafoma?
se a língua vos dá, que coma,
pode dar-vos, que jejue,
e bem que a pança se atue
com gritos, pode a Bahia
acordar sisuda um dia,
e é força descontinue.

10 Com homens, que têm por pulha
tomar-vos por seu Lacaio,
nem heis de ser papagaio,
nem menos heis de ser grulha:
navegai por outra agulha,
e atai melhor vossos molhos,
porque em chegando aos abrolhos
a ressaca muita, ou pouca,
se não tapares a boca,
há de fechar-vos os olhos.

AO MESMO LETRADO QUE HAVENDO ARTICULADO CONTRA UMA PARTE EM
TOTAL PREJUÍZO DE UMA HERANÇA, ESTA UMA NOITE LHE METEU NA
CABEÇA UMA PANELA DE MERDA, DIZENDO, QUE ERAM CAMARÕES.O
POETA LHE CHAMA AQUI GILVAZ, PORQUE TINHA UMA CUTILADA NA CARA.

1 Estava o Doutor Gilvaz
à margem da livraria,
cuidando, no que faria,
e estudando, o que não faz:
quando uma parte sagaz
lhe entrou com certas questões,
e ao pagar-lhe das razões
lhe transformou no bofete
a panela em capacete,
e em câmara os camarões.

2 Uns camarões em panela
era o mimo, e o presente,

que aquela parte insolente
levava ao Doutor cabrela:
ele arremessou-se a ela,
mas mostrou-lhe o seu pecado,
que do ofício de advogado,
em que estriba o seu sustento,
era aquele um provimento
pela Câmara passado.

- 3 Porque da Câmara era,
diz a Parte, que o levava,
que reverente o beijara,
e na cabeça o pusera:
que a panela se escorrera,
e da cara mascarada
saíra tal enxurrada,
que o Doutor nesta ocasião
não cegou de privação,
ficou cego de privada.

- 4 Deste sucesso infeliz
logo, e a todo o correr
teve notícia a Mulher
por avisos do nariz:
e posto que ver não quis
tal cara com tal salmoura,
viu na cabeleira cara,
que a afeia, e a desdoura,
que adequada a tornara
mais suja, porém mais loura.

- 5 Por evitar maior perda,
água água pediu logo,
senão para tanto fogo,
água para tanta merda:
lavou-lhe cabelo, e cerda,
lavou-lhe roupa, e vestido,
e como o tinha sentido,
disse medrosa, a velhaca,
vede vós toda esta caca,
não me cheira bem, Marido.

- 6 E porque mais água pede,
ela lhe disse, isto basta,
porque esta merda é de casta,
que se a mais bolem, mais fede:
ide para a rua, e vede
a razão, com que vos move,
na história fazei-vos novo,
mostrai-vos leve na perda,
porque esta merda foi merda,
de que gostou todo o povo.

- 7 A Parte andou temerária,
e com sobeja ousadia,
não faria valentia,
mas fez causa necessária:
vós como grande alimária
no pleito lhe dareis perda,
pois um artigo a deserda,
e ela já pode afirmar,
que me intentou deserdar
pela mesma boca merda.
- 8 Que era de engenho notório
dá grandíssima suspeita,
pois deixa câmara feita,
o que foi sempre escritório:
mudai logo o consistório
como Letrado de Lampa,
que já hoje o juízo escampa;
mas diz a gente travessa,
que vós fazíeis-lhe a peça,
mas ele amou-vos a trampa.
- 9 Quem pôs tal merda em tal capa,
tenho por ponto assentado,
que morrerá excomungado,
se não recorrer ao Papa:
vós sois Fidalgo de chapa
desde o Brasil até Europa,
pois quando a merda vos topa,
tanto fedeis, que ao nariz
do Moço da Câmara ides
a Moço de guarda-roupa.
- 10 Se vos não houve respeito
(que é cousa, em que se repara)
nem à cruz da vossa cara,
nem à cruz, que está no peito:
o que presumo, e suspeito,
é, que nunca está seguro
de tanto cabungo impuro
cruzeiro em monturo alçado,
com que o vosso está cagado
por cruz posta em um monturo.
- 11 A Parte não andou lerda
em vir com panela cheia,
porque a mim me coube meia
panela com meia merda:
não quis a fortuna esquerda,
que mos dê tão má maré
desigualar-nos, mais que
no sentimento, e respeito,

pois vós tomaste-la a peito,
porém eu dei-lhe c' o pé.

12 Não temais, que a Parte lusa,
porque leva a mão ganhada,
que se ela fez panelada,
nós faremos garatusa:
ela deu assunto à Musa,
que já dormia, e roncava,
pois quando agora acordava,
viu, que pelo triste caso
té a fonte do Parnaso
com tanta merda inundava.

AO MESMO LETRADO MORDENDO E ABOCANHANDO AS LETRAS
DO POETA; E ELE LHE AMEAÇA SEUS ATREVIMENTOS.

1 Vós não quereis, Cutilada,
tomar emenda, e calar,
morrendo andais por levar
outra na outra queixada:
quereis a cara cruzada,
gilvazada a não quereis,
pois tudo conseguireis,
e se a vossa fé vos salva,
no calvário dessa calva
três cruces postas vereis.

2 Na capinha, ou no capuz,
tendes a cruz de cristão,
na cara a do mau ladrão,
e inda vos falta outra cruz:
eu vos juro por Jesus,
que por fazer o ternário
por modo extraordinário
à outra vos hei de pôr,
porque do monte Tabor
vades ao monte Calvário.

3 Ao Pretório ireis levado,
onde a gentinha vulgar
crucifige há de clamar,
e heis de sair condenado:
um negro Simão chamado
será o vosso Cireneu,
e na fôrma do chapéu
um pau vos há de encaixar,
e então vos hão de jogar
o adivinha, quem te deu.

4 Ireis entre dous Teatinos

vendo o vosso enterramento,
tendo o maior desalento
na cantiga dos Meninos:
que piedosos, e benignos
ora por ele dirão,
e vós nesta ocasião
revirando os bugalhitos,
os Padres serão mosquitos,
e o mais povo confusão.

5 Irá o porteiro diante
pelo seu papel cantando,
e dirá de quando em quando
justiça a este Bargante:
manda El-Rei, que num instante
se lhe tire fala, e vista,
e se lhe faça com vista;
justiça, que manda El-Rei
fazer a um homem sem lei,
por se meter a legista.

6 Não heis de então requerer,
e muito menos gritar,
pois por gritos de advogar
ide-vos a padecer:
deitar pleitos a perder
a puros gritos, e zurros,
botar na terra sussurros,
de que sois grande Doutor
na forca vos hão de pôr
a vós, mais a vossos burros.

A CERTO LETRADO QUE SENDO HOMEM DE NAÇÃO AFETAVA JACOBICES
CORRENDO A VIA SACRA COM OS BRAÇOS ABERTOS.

Deixe, Senhor Beato, a Beati-,
Que se é via do Céu a via sa-
Ninguém o quer já crer nesta cidá-
Porque é você da casta Israeli-.

Quando devoto corre a sacra vi-
E a cada pé de cruz estende os bra-
Parece um entremez da Lei da gra-
Que a toda a cristandade causa ri-.

Deixe-se disso, e trate do escritó-
Que esse lhe dá de render o pão da me-,
E o céu também, se com bom zelo advó-.

Mas se quer, que por Santo o reconhê-

E na paixão de Deus faz o graciô-,
Embolsará as risadas da comé-.

A CERTO LETRADO FULANO COELHO, CASANDO-SE COM UMA MOÇA,
QUE SE DIZIA SER TAL COMO PUBLICA A MESMA SÁTIRA.

- 1 Este, que de Nise conto,
ouçam, que é bem raro caso,
pois dizem, calça seu vaso
(com ser tão grande) um só ponto:
casou com Fábio, que é tonto,
e eu folgo por vida minha,
porque é cousa bem sabida
que andavam com grão cuidado
o Moço por ela assado,
e ela por ele cozida.

- 2 Por dar alívio a seu peito
no mar de amor, lhe convinha
a Fábio passar a linha,
porém não passar o estreito:
mas não haverá conceito,
que repare a Fábio amante,
pois hoje a vela constante
(quando em deleites se arrulha)
o rumo serve de agulha
como astuto navegante.

- 3 Mais direito do que um fuso
Fábio com manha seleta
no vaso por linha reta
lhe encaixou o membro obtuso:
mas de dizer não me escuso,
que nisto tinha interesse,
pois caso estranho parece,
e coisa rara que Fábio
sendo Astrólogo tão sábio
o Virgo não conhecesse.

- 4 Andou prudente, e alentado
nesta empresa, a que aspirava
pois de Nise o vaso estava
com linhas fortificado:
avançou-o denodado,
donde claramente infiro
(não cuide alguém, que isto é conto)
que a Moça lhe pôs o ponto,
para ele fazer o tiro.

- 5 Em casar com Nise bela
nada Fábio se desonra,

que nisto de pontos d'honra
ninguém sabe mais do que ela:
e assim com gentil cautela
que ambos ganharam (suspeito),
a vida num mesmo efeito,
sem que pareça tolice,
com os pontos de honra Nice,
Fábio com os de direito.

6 Se Fábio ocioso alguma hora
de Nise, por ser sandeu
as linhas tristes torceu
alegre as destorce agora:
embainhe o membro embora
no vaso, pois nisto acerta;
mas é bom, que esteja alerta,
não se fira nesta bulha
porque bainha de agulha
é força, que esteja aberta.

7 Bem é, liberal se ostente
em casar-se Nise bela,
dando-se aos mais donzela
pois dando-se a muitos ela
hoje um recebe somente:
ter-me-ão por maldizente,
mas não tenho a culpa eu,
que sou mui cativo seu:
a verdade aqui só conto,
sem lhe acrescentar um ponto
dos que ela no vaso deu.

AO MESMO ASSUNTO E AOS MESMOS SUJEITOS
SUCEDENDO-LHE O QUE DIZ.

Casou-se nesta terra esta, e aquele,
Aquele um gozo filho de cadela,
Esta uma donzelíssima donzela,
Que muito antes do parto o sabia ele.

Casaram por unir pele com pele,
E tanto se uniram, que ele com ela
Com seu mau parecer ganha para ela,
Com seu bom parecer ganha para ele.

Deram-lhe em dote muitos mil cruzados,
Excelentes alfaias, bons adornos,
De que estão os seus quartos bem ornados:

Por sinal, que na porta, e seus contornos

Um dia amanheceram bem contados
Três bacios de merda, e dous de cornos.

AO MESMO LETRADO METIDO EM AMIZADES COM O Pe. DAMASO, A QUEM
PRATICAVA OS TEMPOS DA VOCACIA, SATIRIZA O POETA A AMBOS.

Deu agora o Frisão em requerente
Fiado em seu saber, e boas artes.
Será por essa via homem de partes,
E irá (se for à queima) por agente.

Má hora, que vá ele por paciente,
Sendo agente de tantos Durandartes,
Que atacando-lhe o Ventre a puros fartes,
Come-os ele, mas não lhe põe o dente.

Neste ofício se val da companhia
De um moderno, que em vez de pêlo Louro
Penteia as tranças da carniceria.

Doutor com borla de osso? mau agouro:
Adonde pode achar-se? Na Bahia,
Que de um manso *Coelho* faz um touro.

A MANUEL ROIZ DE FIGUEIREDO, QUE SENDO REQUERENTE
SE PÔS COM PRESUNÇÕES DE LETRADO, A QUEM CONCORRIA
GRANDE PARTE DOS PLEITEANTES.

1 Letrado, que cachimbais,
quando estudais nos Jasões
e assentais as conclusões
com as letras garrafais:
grande riso me causais,
quando no vosso cetial
dais audiência geral,
e as Partes aconselhando,
todas ides defumando
porque tornem ao pombal.

2 Vós graduado a borrões
em uma universidade
que fundou nesta cidade
o braço dos asneirões:
fazeis tais alegações
nas lides, causas, e pleitos,
que vos dão alguns sujeitos,
que afirmam letrados velhos
fedem os vossos conselhos
tanto, como vossos feitos.

3 O que me vira o miolo

é o gabão, que trazeis,
que um Bártolo pareceis,
não sendo senão Bartolo:
comeis a queijada, e o bolo
desde a Baía ao Cairu;
eu vos peço, meu Mandu,
que se usais das vossas artes,
comendo das vossas partes,
que a primeira seja o cu.

4 Não vos culpo, asno barbado,
senão a esta simples gente,
que de um tão mau requerente
quer formar um bom letrado:
vós pondeis todo o cuidado
em manter a vida cara,
e assim eu vos não culpara,
senão ao néscio, que quer
comprar-vos o parecer,
tendo vós tão torpe cara.

5 Irmão, não vos acelere
querer subir de repente,
que o cargo de requerente
vosso talento o requiere:
assim o céu vos prospere,
que da vocacia honrada
torneis à vida passada,
que quem se entrega aos Jasões
comer pode os camarões
que comeu o Cutilada.

6 Não é o advogar de nós,
Santos são, os advogados,
dai ao demo os maus letrados,
e o primeiro sejais vós:
bem vistes o caso atroz,
que depois de Ave-Marias
sucedeu, há quatro dias,
ardendo os vossos papéis,
porque vós, e eles ardeis
pelas vossas heresias.

AO TABELIÃO MANUEL MARQUES TENDO SIDO
ESPADEIRO HAVIA POUCO.

Há cousa, como ver o Sô Mandu
Mui prezado de ser Tabelião
Na Ilha descendente de um vilão,
E cá feito um Monarca do Pegu.

Aspecto reverendo, feio, e cru

Trombeteiro de sua geração,
E encaixando o barrete, e seu roupão
Representa um fatal Jacó Baru.

Que ignore este enfim seu nascimento,
Como o faz no Brasil qualquer Brichote,
Vade em paz, porque imita mais de cento:

Mas que sendo inda há pouco espadeirote,
Queira ser como Bruto grão talento;
Será: que manhas tem de Dom Quixote.

A OUTRO REQUERENTE DA MESMA CIÊNCIA E DA MESMA PRESUNÇÃO, MAS
INFAMADO DE CRISTÃO NOVO E DE MULATO CHAMADO PEDRO DE TAL.

1 Ó Galileu Requerente,
Macabeu solicitante,
quem vos deu tamanho guante,
tendo-vos de gozo o dente?
Se me dais cá por agente,
sois homens de tantas partes,
que me ganhais estandartes:
eu zombo de vossos pleitos,
porque são vossos direitos
de Pedro de malas artes.

2 Latis, e cuidais, que eu morro
de ouvir o vosso latir,
e eu zombo de vê-lo ouvir,
porque quem late, é cachorro:
vós latis, e eu me desforro
dando-vos estas pedradas,
que quando um cão nas estradas
late ao manso caminheiro,
assentando-lhe o cacheiro
deixa as partes sossegadas.

3 Guardais-vos Israelita,
que se me chega a mostarda,
talvez, que a casa vos arda,
porque é casa de mesquita:
se à força da jeribita
tendes a idéia turbada,
com que vos não dais de nada,
vede, que a minha Camena
como vos corta co'a pena
vos pode cortar co'a espada.

4 Dizem, que um Hebreu vos fez
entre o Porto, e entre Judá,

por isso não falais cá
nem hebreu, nem português:
temo, que caiais de vez
neste, ou noutro qualquer porto,
porque culpado no Horto,
e do Egito no desterro,
não me podeis pegar, Perro,
como eu a vós, Perro morto.

5 Quem vos meteu, canzarrão,
co demo, que vos atíça,
a ser membro da justiça,
se não sois membro cristão?
corre de vós opinião,
que bem pouco vos aflige,
que o mais a que se dirige
o vosso negro saber,
é somente o requerer
crucifige, crucifige.

6 Dirigi pois os sapatos
caminho da terra Santa,
onde heis de fincar a planta
no Pretório de Pilatos:
Lá tão sacrílegos tratos,
como em pretório fiel
fareis, Escriba cruel,
porque vejais entre os cães,
que há na Bahia escrivães,
e Escribas em Israel.

A OUTRO REQUERENTE APELIDADO O PERALVILHO, QUE COSTUMAVA
VENDER AS CAUSAS E FURTOU AO POETA UM CAVALO SELADO.

1 Peralvilho: o Peralvilho
pudera de vos tomar
lições de peralvilhar,
para ser reperalvilho:
vós sereis muito bom filho,
como eu entendo em rigor,
mas sois mau procurador,
porque aqui para entre nós,
em procurar para vós
sois contra procurador.

2 Procurastes ao traidor,
e eu fiquei desenganado,
que fostes já procurado
para mau procurador;
lá entregou ao Senhor
um Judas Escariote,
vós, Peralvilho Quixote,

entregastes como acinte
ao vosso constituínte
como a simples sacerdote.

- 3 Judas vendeu por dinheiro
a seu Mestre, a seu Rabi,
a vós nem maravedi
vos rendeu ser mau vendeiro:
Judas teve o paradeiro
da sua dor, e fadiga
numa figueira inimiga,
e vós de puro coitado
para seres enforcado,
nem figueira achais, nem figa.

- 4 As custas me heis de pagar
em ser tido por velhaco,
e por velhaco, e por caco
vos hei de os cacos quebrar:
caco não há de ficar
no vosso casebre inteiro
e por velhaco embusteiro
a vossa casa velhaca
terão por caco de caca,
e a vós por caco, e caqueiro.

- 5 Sois um simples, e um coitado,
e a mim nada me acobarda,
pois furtando-me uma albarda
vós ficastes o albardado:
ficai agora ensinado
a andar pelo barbicho,
com focinho triste, e baixo,
vendo, que como ruim
me furtastes um rocim
para cair dele abaixo.

- 6 Por traidor, e por falsário
a sentença vos condena,
e para dar-vos a pena,
foi curto o vocabulário:
esgotou-se o Calendário
das nossas execuções,
e por encurtar razões
temi, que no caso atroz
cheirasses ao duro algoz
os fundilhos dos calções.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

7 — BÁRBORA OU BABU

Foi Dama mui caprichosa e bela: rematada de notável gênio com engraçada viveza. Teve mais duas Irmãs Eugênia, e Maria. O Poeta jocosamente galanteia os seus desdêns.

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*Nunca meu pai me fizera
branco de cagucho, e cara,
mas não deixes de querer-me,
porque sou branco de casta,
que se me tens cativado,
sou teu negro, e teu canalha*

PEDE O POETA NESTA OBRA CONTA DO SEU PROCEDER
AS SUAS IRMÃS EUGÊNIA E MACOTA.

Eugênia, convosco falo,
e com Macota também,
dai-me novas de Babu,
se acaso dela sabeis.
Que me dizem, que esta noise
a bruxa se foi meter
e ninguém a viu em casa
até que amanheceu.
Dizei-me, se está arranhada,
porque se está, sinal é,
que andou por barro de folha
Carmo aquém, e Carmo além.
Eu não sinto estas mudanças,
e só me queixo, de que
correndo a cidade toda
não chegasse a esse vergel.
Porque pudera eu sair,
e acompanhá-la também
por todo esse Iararipe
e embruxar toda a mulher.
A minha fora a primeira,
e morrendo de uma vez
casar-me-ia com Babu,
para ter cunhadas três.
Qualquer delas me fizera
mil regalos, mil mercês,
e engordando como um Conde
levará vida de rei.
Mas ela me tem tal ódio,
que fugirá té de ser
madrasta do Gonçalves,
que é lindo enteado à fé.
Vós Eugênia, e vós Macota,
vigiai-me essa Mulher,
que é bruxa, e tem-se embruxado
desde a cabeça até os pés.

Porque ou há de resolver-se
a querer, que a queira eu,
ou lhe hei de tirar o sangue,
e o fadário há de perder.
Não quero, que seja a bruxa,
ou hei de sê-lo também
para acompanhar de noite,
e de dia a recolher.
Aliás hei de acusá-la
a seu Pai, quando vier,
porque se em prisões me mata,
em prisões morra também.

PONDERA QUE OS DESDÉNS SEGUEM SEMPRE COMO
SOMBRAS O SOL DA FORMOSURA.

Cada dia vos cresce a formosura,
Babu, e tanto cresce, que me embaça,
Se cresce contra mim, alta desgraça,
Se cresce para mim, alta ventura.

Se cresce por chegar-me à mor loucura,
Para seres mais dura, e mais escassa,
Tal rosto se não mude, antes se faça
Mais firme do que a minha desventura.

De que pode servir, seres mais bela,
Ver-vos mais soberana, e desdenhosa?
Dai ao demo a beleza, que atropela,

Bendita seja a feia, e a ranhosa,
Que roga, que suspira, e se desvela
Por dar-se toda a troco de uma prosa.

UMA TARDE ENTROU O POETA EM CASA DESTA DAMA, QUE ESTAVA NO
INTERIOR ENOJADA PELA MORTE DE SUA MÃE E COMO ERA HOMEM
DIVERTIDO, TANGEU NUMA VIOLA, QUE ACASO VIU, PONDO A VIOLA
OS SENTIMENTOS DE BÁRBORA: E ELA ENFURECIDA LHE DISSE ALGUMAS
INJÚRIAS.

Babu: dai graças a Deus,
que um dia vos vi bonita,
não tendes mais que andar sempre
raivosa para ser linda.

Apareceste na sala
tão fera, e tão raivosinha,
que à fé, que vos tive medo,
sendo homem, e vós menina.

Vi a escarlata co'a neve
tão casada, e tão unida
na face do vosso rosto,
que sangrado o presumia.

Devia de ser vergonha,
que o vosso rosto então tinha
de ver-se ante quem o adora,
sendo vós de ingrata indigna.

Os olhos vibrando raios,
porque sempre raios vibra
o céu incendiado em fogo,
ou encapotado em ira.

Agastastes-vos deveras,
vendo, que ali se tangia
em uma casa enojada
tão enlutada, e sentida.

Deus me não salve a minha alma,
se eu então vos conhecia,
porque vós não sois magreira,

e por ética vos tinha.
Levantei-me da cadeira
sem saber, o que fazia,
que me tinha perturbado
tão supitânea visita.
Destes-me quatro razões,
que eram quatro mil faíscas
do fogo da vossa raiva
em o meu erro incendidas.
Inda assim vos respondi
dois verbos em cortesia,
que a beleza foi respeito,
e a fraqueza é comedida.
Fostes-vos lá para fora
vagarosamente altiva,
paráveis de quando em quando,
e olháveis de travessia.
Eu logo me pus na rua,
e perguntando a Matias
quem era aquela Senhora,
disse, que era minha Tia.
Fiquei entendendo então,
que vós só por seres vista
tomastes do meu cantar
aquele pé de cantiga.
Já não hei de cantar mais,
nem que o mande a minha amiga,
chorareis vossa dureza,
chorarei minha mofina.

COLHE-SE DO ESTILO DESTAS OBRAS QUE O AMOR DESTA
DAMA NÃO INQUIETAVA AO POETA.

Babu: como há de ser isto?
eu já me sinto acabar,
e estou tão intercadente,
que não chegue até amanhã.
Morro de vossa beleza,
se ela me há de matar,
como creio, que me mata,
formosa morte será.
Mas seja formosa, ou feia,
se o Deão me há de enterrar,
por mais formosa que seja,
sempre caveira será.
Todos aqui desconfiam
tudo é já desconfiar
da minha vida os doutores
e eu do vosso natural.
Desconfio, de que abrande
vosso rigor pertinaz,
e a minha vida sem cura
sem dúvida acabará.
Porque se estais incurável,

e tão sem remédio vai
o achaque de não querer-me,
e o mal de querer-me mal:
Que esperança posso ter,
ou que remédio há capaz,
se vós sois a minha vida,
e morreis por me matar?
Amor é união das almas
em conformidade tal,
que, porque estais sem remédio,
por contágio me matais.
Curai-me do mal querer-me,
e do fastio, em que estais
à minha triste figura,
que ao demo enfasiará.
Comei, e seja o bocado,
que com gosto se vos dá,
porque em vós convalescendo,
então me hei de eu levantar.

Assim sararemos ambos,
porque se vós enfermais
pelo contágio, o remédio
por simpatia será.

Vós, Babu, virais-me as costas?

pois eu feito outro que tal,
estou às portas da morte,
e a fala me falta já.

Quero fazer testamento;
mas já não posso falar,
que vós por costume antigo
sempre a fala me quitais.

Mas testarei por acenos,
que tudo em direito há
e se por louco não posso,
posso por louco em amar.

Todos meus bens, se os tivera,
os deixara a vós não mais,
mas deixo-vos para os outros,
que é, o que posso deixar.

Se hei de deixar-me a vós
quantos bens no mundo há,
em vos deixar a vós mesma,
arto deixada ficais.

Em sufrágios da minha alma
não gasteis o cabedal,
que aos vossos rigores feito,
penas não hei de estranhar.

Mas se por minhas virtudes,
ou se por vos jejuar,

ou se por tantas novenas,
que à vossa imagem fiz já:

Vos mereço algum perdão
dos pecados, que fiz cá,
assim em vos perseguir,
como em vos desagradar:

Com as mãos postas vos peço,
que no vosso universal
juízo mandeis minha alma
ao vosso céu descansar.
Não a mandeis ao inferno
que arto inferno passou cá,
Adeus, apertai-me a mão,
que eu já vou a enterrar.

ENFERMOU E O POETA DA VISTA DE BÁRBORA, FEZ O SEU TESTAMENTO, E
ACABOU OS DIAS: MAS APENAS FOI VISTO PELA MESMA DAMA LOGO
RESSURGIU PARA NOVAS FINEZAS: E ISTO É SER LÁZARO DE AMOR. DIZ, QUE
SE HÁ DE CASAR COM BÁRBORA, E EM CONSCIÊNCIA O PODIA FAZER: PORQUE
QUEM RESSURGE, NÃO ESTÁ OBRIGADO AO PRIMEIRO MATRIMÔNIO.

1 Ontem para ressurgir
vos tornei, Babu, a ver,
e tornou-se-me a acender
o gosto de vos servir:
não vos quereis persuadir,
a que eu com todo o primor
mereça o vosso favor,
porque em casando-me absorto
cuida o Brasil, que sou morto
para negócios de amor.

2 O Brasil é um velhaco,
um falso, e um embusteiro,
porque ou casado, ou solteiro
quanto ensaco, desensaco:
e a vez que me desataco,
a pecúnia tanta, ou quanta
deu por pagar mercê tanta;
porque sei, que na Bahia
a coisa por qualquer via
val, conforme se levanta.

3 Se por casado não sigo
a dita de vos servir,
daqui venho a inferir,
que quereis casar comigo:
casemo-nos, que o perigo,
que eu corro, é ser açoutado
por duas vezes casado;
e quando nisto me encoutem,
que me dá a mim, que me açoutem
depois de vos ter logrado?

4 A Cota, que é toda treta,
vendo, que o algoz madraço
me vai limpando o espinhaço
com toalha de vaqueta,

rirá como uma doideta,
e dando um, e outro amém,
alegre dirá, inda bem,
que me deu Deus um cunhado
homem de bem no costado,
e nas costas de rebém.

- 5 Ora sus, minha Senhora,
já me canso de esperar,
dai-vos pressa a me chamar,
e não seja ali a desoras:
que para quem se namora
de vários aventureiros,
se os quer trazer prazenteiros,
há de ter sempre chamados
ao meio-dia os casados,
e à meia-noite os solteiros.

ESTA CANTIGA ACOMODA O POETA COM PROPORÇÃO À BÁRBORA PELO
NOME E TRATO, NÃO DEIXANDO DE FORA OS SEUS AMANTES DESEJOS.

MOTE

*Pobre de ti, Borboleta,
imitação do meu mal,
que ern chegando ao fogo morres,
porque morres, por chegar.*

- 1 Passeias em giro a chama,
simples Borboleta, em hora,
que se a chama te enamora,
teu mesmo estrago te chama:
se o seu precipício ama,
quem o seu mal inquieta,
e tu simples, e indiscreta
tens por formosura grata
luz, que traidora te mata,
Pobre de tí, Borboleta.
- 2 Ou tu imitas meu ser,
ou eu tua natureza,
pois na luz de uma beleza,
ando ardendo por arder:
se à luz, que vejo acender,
te arrojás tão cega, e tal
que imitas ao natural,
com que arder por ti me vês,
me obrigas a dizer, que és
Imitação do meu mal.
- 3 És, Borboleta, comua,
pois a toda luz te botas,

e eu cego, se bem o notas,
sou só, Borboleta, tua:
qualquer segue a estrela sua,
mas tu melhor te socorres,
quando em fogo algum te torres,
porque eu nunca ao fogo chego,
e tu logras tal sossego,
Que em chegando ao fogo morres.

- 4 Tu mais feliz, ao que entendo,
inda que percas a vida,
porque a dá por bem perdida,
quem vive de andar morrendo:
eu não morro, e o pertendo,
porque falta a meu pesar
a fortuna de acabar:
tu morres, e tu sossegas,
e vais morta, quando cegas,
Porque morres por chegar.

AMOROSA HIPOCRISIA DE CONFORMIDADE EM PENAS.

Deus vos dê vida, Babu,
para tirar-me, a que tenho,
que segundo usais comigo,
eu vos não sinto outro jeito.
Todo o bairro sente o dano,
que ides ao bairro fazendo,
só eu não sinto o meu mal,
mas antes vo-lo agradeço.
Porque se a vossa beleza
é causa do meu tormento,
como hei de sentir meu mal,
se é tão forçoso, e tão belo.
Matai-me, embora, contanto
que saibam, que estou morrendo,
Babu, de vossa beleza,
porque entendam, que o mereço.
Quem perder por vós a vida,
e com tal merecimento,
que chegue a morrer por vós,
que mais quer, que merecê-lo?
É verdade, que lastimo,
aos que assim me vêem morrendo,
que a glória do padecer
não pode entendê-la um néscio.
Lástima os néscios me têm,
e poderão ter-me os néscios
de ver-me morrer inveja,
mais de que ver-me vivendo.
Viver, não pode, quem ama,
e eu olvidar-vos não quero,
se hei de morrer, quando amo,

e viver, quando aborreço.
Morra embora de adorar-vos,
que este é formoso tormento,
esta a suave agonia,
este o pesar lisonjeiro.
Dai-me licença, que escolha,
nestes dois contrários meios
antes morrer por amar-vos,
que viver de aborrecer-vos.

DE UMA QUEDA QUE DEU O POETA EM CASA DESTA BÁRBORA,
ERGUE NOVOS CONCEITOS À SUA ROGATIVA.

Fui, Babu, à vossa casa
e indo com sentido em mim,
do sentido combatido
vim finalmente a cair.
Com cair a vossos pés
nenhum resguardo senti,
porque eram vossos sapatos
poucos para me cobrir.
Fui reverente a beijá-los,
e querendo-o conseguir
sobrou boca, e faltou pé,
e assim os beijos perdi.
Que com pé tão pequenino
tão abreviado, e sutil
uma boca desmedida
faz maridagem ruim.
Ergui-me por melhorar,
e então menos consegui,
que se os pés por si me fogem,
vós cos braços me fugis.
Fiquei muito envergonhado,
e em caso tão infeliz
envergonhei-me de ver-vos,
porém não me arrependi.
Mas se o meu sangue, e meus rogos,
vos não podem persuadir,
verta-se o sangue em dilúvios,
e os rogos em frenesi.
Não se quis o meu rogado,
pois no instante, em que vos vi,
se inclinou meu sangue ao vosso,
e rebentou por se unir.
Para queimardes-me o sangue,
me matar, e me afligir
rogos não são necessários,
para admitir-me isso sim.
E tão bom dia, que bastem
para um amor se admitir,
pois rogar, a quem não ama,
é tão mau, como pedir.

Por isso nunca vos peço,
que não sois vós a Beatriz,
que me hei de fazer ditoso
com vossa graça a ceitis.
Pois por dar-vos desenganos
vós, como os dou a mim,
sabei, que hei de sempre amar-vos
uma vez, que bem vos vi.
Pois esse rosto de neve,
esses dedos de jasmim,
esse Maio florescente
de boca, que bota Abris.
Me estão sempre aconselhando,
que vos queira, pois vos quis,
que vos sofra, pois vos amo,
vos busque, pois vos perdi.

AO MESMO ASSUNTO.

1 Babu: o ter eu caído,
nenhum susto me tem dado,
porque a vossos pés prostrado
me julgo então mais subido:
dizeis, que fiquei sentido:
mas sabeis, que não sentira,
inda que me não subira
o cair, onde caí,
se como no chão me vi,
convosco em terra me vira.

2 Porém que isso me suceda,
por mais quedas, que inda dê,
não creio, pois vejo, que
não tenho convosco queda,
vossa crueza me veda
este bem, que entanto abraço:
quem viu semelhante passo,
que encontre meu desvario,
Babu, em vosso desvio
a minha queda embaraço?

3 Confesso, que então caído
fiz tenção de me sangrar,
mas não me quis mais picar,
porque assaz fiquei corrido:
não andei pouco advertido
(falo, como quem vos ama)
porque eu sei, formosa Dama,
que por mais que me sangrasse
livre estou, de que chegasse
a ver-me por vós na cama.

4 E com toda essa desgraça
por satisfeito me dera,
se com cair merecera
sequer cair-vos em graça:
mas porque, Babu, eu faça
desta queda estimação
inda sobeja razão,
se a queda motivo é
de prostar-me a vosso pé,
para beijar-vos a mão.

VENDO-SE FINALMENTE EM UMA OCASIÃO TÃO PERSEGUIDA, ESTA
DAMA DO POETA, ASSENTIU NO PRÊMIO DE SUAS FINEZAS; COM
CONDIÇÃO PORÉM, QUE SE QUERIA PRIMEIRO LAVAR;
AO QUE ELE RESPONDEU COM A SUA COSTUMADA JOCOSERIA.

1 O lavar depois importa,
porque antes em água fria
estarei eu noite, e dia
batendo-vos sempre à porta:
depois que um homem aporta,
faz bem força por entrar,
e se hei de o postigo achar
fechado com frialdade,
antes quero a sujidade,
porque enfim me hei de atochar.

2 Não serve o falar de fora,
Babu, vós bem o sabeis,
dai-me em modo, que atochéis,
e esteja ele sujo embora:
e se achais, minha Senhora,
que estes são os meus senãos,
não fiquem meus gostos vãos,
nem vós por isso amuada,
que ou lavada, ou não lavada
cousa é, de que levo as mãos.

3 Lavai-vos, minha Babu,
cada vez que vós quiseres,
já que aqui são as mulheres
lavadeiras do seu cu:
juro-vos por Berzabu,
que me dava algum pesar
vosso contínuo lavar,
e agora estou nisso lhano,
pois nunca se lava o pano,
senão para se esfregar.

- 4 A que se esfrega amiúdo
se há de amiúdo lavar
porque lavar, e esfregar
quase a um tempo se faz tudo:
se vós por modo sisudo
o quereis sempre lavado,
passe: e se tendes cuidado
de lavar o vosso cujo
por meu esfregão ser sujo,
já me dou por agravado.
- 5 Lavar a carne é desgraça
em toda a parte do Norte,
porque diz, que dessa sorte
perde a carne o sal, e graça:
e se vós por esta traça
lhe tirais ao passarete
o sal, a graça, e o cheirete,
em pouco a dúvida topa,
se me quereis dar a sopa,
dai-ma com todo o sainete.
- 6 Se reparais na limpeza,
ides enganada em suma,
porque em tirando-se a escuma,
fica a carne uma pureza:
fiai da minha destreza,
que nesse apertado caso
vos hei de escumar o vaso
com tal acerto, e escolha,
que há de recender a olha
desde o Nascimento ao Ocaso.
- 7 As Damas, que mais lavadas
costumam trazer as peças,
e disso se prezam, essas
são Damas mais deslavadas:
porque vivendo aplicadas
a lavar-se, e mais lavar-se
deviam desenganar-se,
de que se não lavam bem,
porque mal se lava, quem
se lava para sujar-se.
- 8 Lavar para me sujar
isso é sujar-me em verdade,
lavar para a sujidade
fora melhor não lavar:
do que serve pois andar
lavando antes que mo deis?
Lavai-vos, quando o sujeis,
e porque vos fique o ensaio,
depois de foder lavai-o,
mas antes não o laveis.

A BÁRBORA UMA MULATA MERETRIZ A QUEM CERTOS FRADES LHE
PASSARAM UM GERAL, DO QUAL FICOU TÃO PERIGOSA QUE VEIO A
SACRAMENTAR-SE.

1 Não era muito, Babu,
o sentires dor de madre,
se vos pespegou um Padre,
ou Padres o sururu:
grandes poderes tens tu,
e vigor mais que papal,
que no clima Americal,
onde um Rodela te topa,
estando fora de Europa,
escamastes um geral.

2 A Macotinha, e Jelu,
Luísa, e Inácia levaram
o geral, porém ficaram,
não como ficaste tu:
ou foi o caralho açu,
que o interno te burniu,
porque jamais ninguém viu,
que molestasse um caralho,
havendo tanto escorralho,
como o teu vaso cumpriu.

3 Se fora a primeira vez,
seria por fraca via,
mas a tua serventia
mil velhacarias fez:
e se tu tão puta és,
e sentisse o tal baldão,
qualquer era fradigão,
dos que dão treze por dúzia,
e já que foste brandúzia,
sente a dor do madrigão.

4 Chegaste do caso tal,
a tomares o Senhor,
e fora muito melhor
dar-te Berzabu bestial:
que quem pecado mortal
comete, e dele enfermou,
logo o diabo o levou,
e quem se serve do demo,
navegando a vela, e remo
nos infernos ancorou.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

8 — ANTÔNIA

Mulata livre e travessa

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*Dai-me licença, Antonica
para eu ir à vossa casa
para beijar-vos as mãos
e para: não digo nada.*

MULATA LIVRE E TRAVESSA POR CUJA ESPERTEZA LHE CHAMAVAM
MARIBONDA. MORAVA NA RUA DA POEIRA NAQUELE TEMPO QUASE
DESERTA E SE ACHAVA DE PRESENTE EM CASA DE UMA AMIGA NO CAMPO
DA PALMA, ONDE O POETA IA DIVERTIR-SE: E ALI EMBARAÇOU COM ELA.
COMO DIZ A METÁFORA.

1 Fui hoje ao campo da Palma,
onde com súbito estrondo
me investiu um maribondo,
que me picou dentro n'alma:
era já passada a calma,
e eu me sentia encalmado,
sentido, e injuriado,
porque sendo obrigação
meter-lhe eu o meu ferrão,
eu fui, o que vim picado.

2 Fiz por fechá-lo na mão,
mas o Maribondo azedo
me picava em qualquer dedo,
e escapava por então:
desesperada função
foi esta, pois me foi pondo
tão abolido em redondo
por cara, peitos, vazios,
que estou em febres, e frios
morrendo do Maribondo.

3 Dizem, que a vingança está
em lhe saber eu da casa,
porque deixando-lhe em brasa,
o fogo mitigará:
temo que não arderá
por mais que toda uma mata
lhe aplique com mão ingrata,
porque eu, o que lhe hei de pôr
há de ser fogo de amor,
que inda que abrasa não mata.

4 Nesta aflição tão penosa
donde me virá socorro?
morrerei, que o por que morro,
faz uma morte formosa:
esta dor tão temerosa
me livrará de maneira,
que ou ela queira, ou não queira,
em chegando à sua rua,
se acaso se mostrar crua,
tudo irá numa poeira.

NEGOU-SE TOTALMENTE ANTONICA DE MEDO, QUE À TODAS

FAZIA A SOLTURA DO POETA E ELE A PRETENDE REDUZIR
COM ESTA REGALADA POESIA.

Agora que sobre a cama
Antonica me inquieta,
muito rnais estando ausente,
que se na cama estivera:
Agora que o meu cuidado
dentro dalma me desvela,
e o verdugo da memória
em saudades me atormenta:
Agora que o brando leito,
qual duro potro me espera,
porque o cordel da lembrança
execute as leis da ausência:
Agora que a muda noite
no silêncio, que professa,
como quem soube os meus gostos,
mos representa na idéia:
Entre o passado e presente
não distingue a paciência,
se é mais ativa a fortuna,
nos logros ou se nas perdas:
Quero queixar-me, Antonica,
de vós, da vossa beleza,
rigores, desatenções,
esquivanças, e inclemências.
Quero queixar-me de mim
sobre padecer a ofensa,
pois que não soube agradar-vos
para forrar estas queixas.
Acaso vos vi uma tarde
debaixo de uma urupema
por meu mal, porque entre nuvens
o sol mais ativo queima.
Indo ao campo buscar fresco
topei, sendo pela fresca,
muito calor, que me abrasa
de raios da vossa esfera.
Vi-vos, e rendi-me logo,
e em duas ações diversas
de ver-vos, e de render-me
eu não sei, qual foi primeira.

Permitiu minha ventura
(desgraça quero eu, que seja)
que não cegasse com ver-vos,
para padecer mais penas.
Que sempre em ódio de um triste
faz mudança a natureza,
pois cheguei a ver um sol,
não tendo de águia as potências.
Movido da mão de Amor,
que as liberdades sujeita,
Fênix dei a meus cuidados
berço em amante fogueira.
Tornei outra vez a ver-vos,

e a segunda diligência,
claro está, que era nascida
dos acasos da primeira.
De novo não me rendi,
que era encontrada fineza
ter ainda, que render-vos,
quem a sua alma vos dera.
Mas por dobrar rendimentos,
e igualar correspondências,
as almas multipliquei
por sentidos, e potências:
Tantas almas era justo,
que a tantas prendas rendera,
por não ficar sem triunfo
a menor das vossas prendas.
Favoreceste-me então,
e a memória o representa,
por me tirar com pesar,
o que com gosto me dera.
Logo vos arrependestes
de uma culpa tão pequena,
como é pagar com favores
amantes correspondências.
Estes são os meus pesares,
estas, digo, as minhas queixas,
que por serem de um mofino
temo que soem a ofensas.
E pois molesta por força
estar escutando queixas,
de quem finezas enfadam,
já Amor nos queixumes cessa.
De vós mesma me dai novas;
dai-mas de vossas durezas,
pois quanto mais me acrisolam,
tanto mais o amor as preza.

TARDAVA ANTONICA COM A RESOLUÇÃO E O POETA
EXORTA SUA NEUTRALIDADE.

Mando buscar a resposta
Antonica à vossa casa,
e queira Deus não se torne
a resposta em respostada.
Com temor a solícito,
bem que a desejo com ânsia,
que uma cousa é meu amor,
e outra a minha pouca graça.
Vós sois esquivada e cruel,
tão dura e desapegada,
que tirais de ser querida
as razões de ser ingrata.
Que vos rende a ingratidão,
que assim vos tem inclinada?
acaso vos faz mais linda,
mais Senhora, ou mais bizarra?

A ingratidão é delito
tal, que se se castigara,
não se pagara co' a vida,
por isso nunca se paga.
Ser benévola que custa?
que gasto é de uma palavra?
dai-me um sim, que custa pouco,
e muitas finezas ganha.
Sede mercador de amor,
onde um favor, que se gasta,
rende quinhentos por cento
em finezas de ouro, e prata.
Fazei comigo negócio:
e se heis medo, à minha barca,
quem não se arrisca não perde
mas no risco está a ganância.
E mais vós, que sabeis, que
comigo ninguém naufraga,
porque sou nesta cidade
um dos berrantes de fama.
Quem pode matar de linda,
de esquiva para quem mata?
morra da vossa beleza,
mas não da vossa esquivança.
Deixar as armas de bela,
e usar de tirana as armas,
é suspender a beleza
o ofício, que tem na cara.
Entre o piço, e o feitiço
vai muita grande distância,
o esquivo pica as vontades,
o belo enfeitiça as almas.
Dai-me licença, Antonica,
para eu ir à vossa casa,
para beijar-vos as mãos,
e para: não digo nada.

QUEIXA-SE DE QUE LHE NÃO VALESSEM FINEZAS PARA QUE
ANTÔNIA O ADMITISSE.

MOTE

*Fui por amante ferido,
por firme fui maltratado,
por constante desprezado,
e por leal ofendido.*

1 Quando esperava gozar
favores de uma tirana,
o tempo me desengana,
para dela me queixar:
portanto não quero amar
porque já tenho entendido,
que amar é tempo perdido:
bem o tenho experimentado,
pois em vez de ser amado,

Fui por amante ferido.

2 Mostrei-lhe minha firmeza,
de mostrá-la resultou,
que logo também mostrou
de seu amor a dureza:
se bem disto me não pesa,
nem me sinto magoado,
mas fico bem emendado,
para mostrar-lhe com fé
minha firmeza, porque
Por firme fui maltratado.

3 Além de mostrar-me amante,
em constâncias lhe mostrei,
mas bem conheço, que errei,
em mostrar-me tão constante:
não serei mais ignorante,
que o Amor me tem mostrado
os males, que me há causado:
nem constância quero ter,
para que não venha a ser
Por constante desprezado.

4 Lealdade sem respeito
nunca teve bom lugar,
porque não soube guardar
a lealdade defeito:
eu me dou por satisfeito,
e aceito por bom partido
ser por amante ferido,
por firme ser maltratado,
por amante desprezado,
E por leal ofendido.

CHEGANDO ALI O POETA COM TOMÁS PINTO BRANDÃO CONTA,
O QUE PASSOU COM ANTONICA UMA
DESONESTA MERETRIZ.

Chegando à Cajaíba, vi Antonica,
e indo-lhe apolegar, disse-me caca,
gritou Tomás em tono de matraca
Bu bu pela mulher, que foge à pica.

Eu, disse ela, não sou mulher de crica,
que assomo como rato na buraca,
quem me lograr há de ter boa ataca,
que corresponda ao vaso, que fornica.

Nunca me fez mister dizer, quem merca,

porque a minha beleza é mar que surca
alto baixel, que traz cutelo, e forca.

E pois você tem feito, com que perca,
diga essas confianças à sua urca,
que eu sei, que em cima de urca é puta porca.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

9 — BRIGA, BRIGA

*pois sabe, que hás de apanhar
mais de quatro bordoadas*

Pe. Lourenço Ribeiro, vigário de Passé

*Ilustre e reverendo Frei Lourenço,
Quem vos disse, que um burro tão imenso,
Siso em agraz, miolos de pateta
Pode meter-se em réstia de poeta?*

ESTA SÁTIRA DIZEM QUE FEZ CERTA PESSOA DE AUTORIDADE AO
POETA, PELO TER SATIRIZADO, COMO FICA DITO, E A PUBLICOU EM
NOME DO VIGÁRIO LOURENÇO RIBEIRO.

- 1 Hoje a Musa me provoca,
a que bem pelo miúdo
nada cale, e diga tudo,
quanto me vier à boca:
como digo, hoje me toca
meter minha colherada,
que nem sempre ter calada
a boca parece bem:
mas não o saiba ninguém.

- 2 Parece, que já começo
a dizer alguma cousa,
e para que o mundo me ouça,
já mil atenções lhe peço:
que não sou sábio, confesso,
para falar elegante;
porém digo, andando avante,
que vejamos o desdém;
mas não o saiba ninguém.

- 3 Conheça toda a Bahia,
quem é o sátiro magano,
que lhe há feito tanto dano
desonrando-a cada dia:
pois sem ser de estrebaria,
mais do que um burro esfaimado,
se jacta de grão letrado,
sendo asninho parlafrém:
mas não o saiba ninguém.

- 4 Ser a todos preferido
no saber, é, o que pretende:
porém quem se não entende,
mal pode ser entendido:
mas se é sábio, e advertido,
como em vez de achar ventura
foi topar na cornadura,
que demasiada tem:
mas não o saiba ninguém.

- 5 Quis por ser em tudo novo,
que é somente o que ele quer,
ter consigo uma mulher,
que é também de todo o povo:
eu só nesta parte o louvo
de discreto, e de entendido,
pois que quis ser seu marido
juntamente com mais cem;

mas não o saiba ninguém.

6 Como cão, que acha dinheiro,
se contentou da consorte,
que merecendo-lhe a morte,
existe a puta em viveiro:
imaginou ser primeiro,
porém outros antes dele
lhe tinham surrado a pele,
que ele rói d'aquém d'além:
mas não o saiba ninguém.

7 Por segundo caracol
se deve já conhecer,
porque lhe há posto a mulher
os cornos, que deita ao sol:
por tal o tenho em meu rol
para o meter em dous fornos,
porque lhe aqueçam os cornos,
e se lhe contem também:
mas não o saiba ninguém.

8 De Vulcano sei, que herdou
o saber mui bem malhar,
não a Bártolo ensinar,
como sei, que se gabou:
se dissera; que o forjou
seu Avô estando malhando,
crédito lhe iria dando,
segundo aqui se contém:
mas não o saiba ninguém.

9 Nunca soube fazer verso,
senão como tiririca,
porque como ela é, que pica,
e corta todo o universo:
pica a todos por perverso;
mas foi ele bem picado,
conforme nos hão contado,
os que de Lisboa vêm:
mas não o saiba ninguém.

10 Com levar tantos vaivéns
ficou com cara mui leda
letrado de três a moeda,
ou de três por dous vinténs:
só lhe dão os parabéns
outros asnos como ele,
como se ele fosse alguém:
mas não o saiba ninguém.

- 11 Que fora Juiz, se alista
este burro, este asneirão,
e com tal jurisdição
nada teve de Jurista:
e por mais que ser insista
Juiz, como significa,
então maior asno fica,
dos que vão, e dos que vêm:
mas não o saiba ninguém.
- 12 Mui contente, e muito ledo
mostra, que não tem mais trato,
do que arranhar como gato
no Parnaso de Quevedo:
traz o mundo em um enredo
com sátiras tão malditas,
que achando-as em livro escritas
se admiram todos, que as vêem:
mas não o saiba ninguém.
- 13 Todas as tenho contadas
neste Parnaso das Musas,
que ficaram mui confusas,
vendo, que as tinhas furtadas:
ao português retratadas
no castelhano as acharam,
e como mudas ficaram
posto que não vai, nem vem:
mas não o saiba ninguém.
- 14 A todos sátiras fez,
sem ninguém excetuar,
porém não lhe há de faltar,
quem lhe faça desta vez:
se eu estou bem nos meus três,
agora fica talhado,
pois o corte, que lhe hei dado,
parece, que lhe está bem:
mas não o saiba ninguém.
- 15 Que fora Juiz de fora,
diz, que passa na rivera,
mas que fora de Juiz era,
afirmarei eu agora:
porque em seu peito não mora,
nem justiça, nem razão,
pois não está em sua mão
jamais poder falar bem:
mas não o saiba ninguém.
- 16 Mui caro lhe tem custado
o mais do que tem escrito,

pois o não livrou seu dito,
dos que lhe haviam jurado:
o muito, que tem falado,
(se acaso me não engano)
me fez ouvir, que a Fulano
mataram, e eu direi quem:
mas não o saiba ninguém.

17 Por debaixo de uma amarra
na Nau, em que se embarcou,
este magano escapou
té sair fora da barra:
e por ver já cousa charra,
o não ter ele vergonha,
é razão, que o descomponha
de quanto à boca me vem:
mas não o saiba ninguém.

18 Boca, que males há feito,
bem é, que males se faça,
boca, que para mordança
só parece, que tem jeito:
eu se isto tomar a peito,
juro a Deus onipotente,
não lhe deixar um só dente,
pois que morde, e diz a quem:
mas não o saiba ninguém.

19 Já que a todos descompõe,
quis agora por meu gosto,
que ele fosse o descomposto,
para ver se se compõe:
mil males sobre si põe,
quem de todos fala mal,
e assim que já cada qual
me pode dizer amém:
mas não o sabia ninguém.

20 De Cristão não é, senão
de herege, tudo, o que obra,
pois nele a heresia sobra,
e lhe falta o ser cristão:
remetê-lo à Inquisição
já uma vez se intentou,
mas bem veis, quem atalhou,
senhores, tão grande bem:
mas não o saiba ninguém.

21 Digo-te já de enfadado,
que se fores atrevido,
não só te há de ver perdido,

mas sim de todo acabado:
olha, que o que tens falado,
é mui bastante motivo
para te não deixar vivo,
do teu falar mal te vem:
mas não o saiba ninguém.

22 Não cuides me hás de escapar
por mais oculto que estejas,
para que magano vejas,
há, quem te possa ensinar:
emenda esse teu falar,
corta essa língua mordaz,
vê, que este aviso te faz,
quem ela mordido tem:
mas não o saiba ninguém.

ESCANDALIZADO O POETA DA SÁTIRA ANTECEDENTE, E SER PUBLICADA EM
NOME DO VIGÁRIO DE PASSÉ LOURENÇO RIBEIRO HOMEM PARDO, QUANDO
ELE ESTAVA INOCENTE NA FATURA DELA E CALAVA PORQUE ASSIM
CONVINHA: LHE ASSENTA AGORA O POETA O CACHEIRO COM ESTA
PETULANTE SÁTIRA.

- 1 Um Branco muito encolhido,
um Mulato muito ousado,
um Branco todo coitado,
um canaz todo atrevido:
o saber muito abatido,
a ignorância, e ignorante
mui ufano, e mui farfante
sem pena, ou contradição:
milagres do Brasil são.
- 2 Que um Cão revestido em Padre
por culpa da Santa Sé
seja tão ousado, que
contra um Branco ousado ladre:
e que esta ousadia quadre
ao Bispo, ao Governador,
ao Cortesão, ao Senhor,
tendo naus no Maranhão:
milagres do Brasil são.
- 3 Se a este podengo asneiro
o Pai o alvanece já,
a Mãe lhe lembre, que está
roendo em um tamoeiro:
que importa um branco cueiro,
se o cu é tão denegrado!
mas se no misto sentido
se lhe esconde a negridão:
milagres do Brasil são.

- 4 Prega o Perro frandulário,
e como a licença o cega,
cuida, que em púlpito prega,
e ladra num campanário:
vão ouvi-lo de ordinário
Tios, e Tias do Congo,
e se suando o mondongo
eles só gabos lhe dão:
milagres do Brasil são.
- 5 Que há de pregar o cachorro,
sendo uma vil criatura,
se não sabe da escritura
mais que aquela, que o pôs forro?
quem lhe dá ajuda, e socorro,
são quatro sermões antigos,
que lhe vão dando os amigos,
e se amigos tem um cão:
milagres do Brasil são.
- 6 Um cão é o timbre maior
da Ordem predicatória,
mas não acho em toda história,
que o cão fosse pregador:
se nunca falta um Senhor,
que lhe alcance esta licença
a Lourenço por Lourença,
que as Pardas tudo farão:
milagres do Brasil são.
- 7 Já em versos quer dar penada,
e porque o gênio desbrocha,
como cão a troche-mocha
mete unha e dá dentada:
o Perro não sabe nada,
e se com pouca vergonha
tudo abate, é, porque sonha,
que sabe alguma questão:
milagres do Brasil são.
- 8 Do Perro afirmam Doutores,
que fez uma apologia
ao Mestre da poesia,
outra ao sol dos Pregadores:
se da lua aos resplandores
late um cão a noite inteira
e ela seguindo a carreira
luz sem mais ostentação:
milagres do Brasil são.

9 Que vos direi do Mulato,
que vos não tenha já dito,
se será amanhã delito
falar dele sem recato:
não faltará um mentecapto,
que como vilão de encerro
sinta, que dêem no seu perro,
e se porta como um cão:
milagres do Brasil são.

10 Imaginais, que o insensato
do canzarrão fala tanto,
porque sabe tanto, ou quanto,
não, senão porque é mulato:
ter sangue de carrapato
ter estoraque de congo
cheirar-lhe a roupa a mondongo
é cifra de perfeição:
milagres do Brasil são.

RESPOSTA DO VIGÁRIO LOURENÇO RIBEIRO ESCANDALIZADO
DE QUE O POETA O SATIRIZASSE DO MODO QUE FICA DITO.

1 Doutor Gregório Guaranha,
pirata do verso alheio,
caco, que o mundo tem cheio,
do que de Quevedo apanha:
já se conhece a maranha
das poesias, que vendes
por tuas, quando as empreendes
traduzir do Castelhana;
não te envergonhas, magano?

2 Cuida o mundo, que são tuas
as sátiras, que acomodas,
suponho que a essas todas
pode chamar obras suas:
os rapazes pelas ruas
o andam publicando já,
e o mundo vaia te dá,
quando vê tal desengano
não te envergonhas, magano?

3 O soneto, que mandaste
ao Arcebispo elegante
é do Gôngora ao Infante
Cardeal, e o furtaste:
logo mal te apelidaste
o Mestre da poesia
furtando mais em um dia,
que mil ladrões em um ano:
não te envergonhas, magano?

- 4 Cuidas, que os outros não sabem?
O que sabes, é mui pouco,
e assim te gabas de louco
temendo, que te não gabem:
só nos ignorantes cabem
as asneiras, que em ti vemos,
pelas quais te conhecemos
seres das honras tirano:
não te envergonhas, magano?
- 5 Não há no mundo soldado,
cavalheiro, homem ciente,
que tu logo maldizente
não deixes vituperado:
porém dizes mal do honrado
ou por ódio, ou por inveja,
ou porque o teu gênio seja
fazer aos honrados dano:
não te envergonhas, magano?
- 6 Dizes mal alguma vez,
dos que não procedem bem;
mas dirás, que não convém,
por serem, como tu és:
dize do Pai, que te fez,
que bem tens, que dizer dele
o mal, que há na tua pele,
já que ninguém te acha humano:
não te envergonhas, magano?
- 7 Se com sátiras tu só
a todos desacreditas,
trazendo sempre infinitas
no forge de teu Avô:
como não temes, que o pó
te sacuda algum bordão:
pois sabes, que a tua mão
não pega obras de Vulcano!
não te envergonhas, magano?
- 8 Sendo Neto de um Ferreiro
trazes espada de pau,
nisso fazes, berimbau,
o adágio verdadeiro:
porém se em nada és guerreiro,
para que te chamas guerra,
e a fazes a toda a terra
co' a língua, que é maior dano?
não te envergonhas, magano?

- 9 Tua Avó, de quem tomaste
de Guerra o falso apelido
a um, e a outro marido
lhe fez de cornos engaste:
se temes, que te não baste
por agora, o que ela fez,
na tua cabeça vês
milhares deles cada ano:
não te envergonhas, magano?
- 10 Sendo casado em Lisboa,
achava logo qualquer
remédio em tua mulher,
e se provou, era boa:
a fama desta outra soa
não menos que na Bahia;
sendo tua não podia
deixar de ter gênio humano:
não te envergonhas, magano?
- 11 Pois é cousa bem sabida,
que o teu casamento sujo
veio por um Araújo,
que a tinha bem sacudida:
casou contigo saída
da casa dele, onde esteve
por sua amiga, e não deve
dizer alguém, que te engano:
não te envergonhas, magano?
- 12 Fazes, o que fez teu Pai,
porque a mesma fama cobres,
que por fazer bem a pobres
amou muito à tua Mãe:
na tua progênie vai
herdado como de ofício,
pois toma por exercício
dar carne ao gênero humano:
não te envergonhas, magano?
- 13 Tuas Irmãs se casaram
publicamente furtadas,
e há, quem diga, que furadas
d'outros, que se não declaram:
oh se as paredes falaram!
inda hoje bem poderias
ouvir várias putarias
de tanto caminho lhano:
não te envergonhas, magano?
- 14 Teu Pai foi outro Gregório
no pouco asseio, e limpeza,

de cuja muita escareza,
se lembra este território:
que andou roto com notório
escândalo, até fazer
o luto, que quis trazer
por certo Rei em tal ano:
não te envergonhas, magano?

15 De teus Irmãos te asseguro,
que têm sido na Bahia
um labéu da companhia,
outro sequaz do Epicuro:
mas ambos juntos te juro,
que em nenhum vício te igualam;
oh que de causas se falam,
e todas tanto em teu dano!
não te envergonhas, magano?

16 Dizes, que dos Pregadores
o sol é teu Irmão, quando
Vieira está-se aclamando
pelo melhor dos melhores?
dizes, que aos esfregadores
pode dar ele lições;
não sabes quantos baldões
tem sofrido pelo cano?
não te envergonhas, magano?

17 Diga esse Frade maldito,
se injuriado ficou,
quando co'a negra se achou
na mesma cama do Brito:
sei, que se ria infinito,
quando o Pintor lhe quis dar
depois de o injuriar,
vendo-o com a amiga ufano:
não te envergonhas, magano?

18 O que se riu numa festa,
dando ele satisfação
d'alma daquele sermão
publicou, que era mui besta:
e se tudo isto não presta,
para maior glória sua,
veja-se amando a Perua
que diz, que Eusébio é seu mano:
não te envergonhas, magano?

19 Se teu Irmão este é,
como é sol dos Pregadores?
e se tens erros maiores,
que nome é bem, que te dê?

lembra-te o quanto na Sé
escandalizou a todos
o pícaro dos teus modos,
amando sempre o profano:
não te envergonhas, magano?

20 Por não querer confessar-te,
o Cura te declarou,
e esta Quaresma tornou
o Vigário a declarar-te:
da Igreja o vi lançar-te
em uma solene festa;
mas tu de uma acção como esta
não te corres, sendo humano:
não te envergonhas, magano?

21 Tens mudado mais estados,
que formas teve Proteu,
não sei, que estado é o teu,
depois de tantos mudados:
sei, que estamos admirados
de te vermos rejeitar
a murça capitular,
para casar como insano:
não te envergonhas, magano?

22 A nenhum jurista vês
que logo não vituperes,
chamando-lhe néscio, e queres
contradizer, quanto lês:
eu sei, que mais de uma vez
disseste já na Bahia,
que Bártolo não sabia,
e que era um asno Ulpiano:
não te envergonhas, magano?

23 Arrezoando em um feito,
por mofar do Julgador,
fizeste do mal pior,
fazendo torto o direito:
porém se no teu conceito
todos os mais sabem nada,
tua ciência é palhada,
se se vê com desengano:
não te envergonhas, magano?

24 Lembra-te, quando o Prelado
pelas tuas parvoices
decretou, que te despises
do hábito atonsurado:
não ficaste envergonhado,
porque não há, quem te ponha

na cara alguma vergonha
ante o Povo Baiano:
não te envergonhas, magano?

25 Vieste de Portugal
acutilado, e ferido,
e do Burgo socorrido,
a quem pagaste tão mal:
essa sátira fatal
te desterrou a esta terra,
mas cutiladas em guerra
sempre as de o valor humano:
não te envergonhas, magano?

26 Admira excessivamente,
que mandando-te apear
certo homem para te dar
disseste “não sou valente”:
mas se és galinha entre gente,
assim havias fazer,
cacarejar, e correr,
que em ti é ofício lhano:
não te envergonhas, magano?

27 Fala de ti, que bem tens,
que falar de ti, Gregório,
e a todo o mundo é notório,
que tens males, e não bens:
não queiras pôr-te aos iténs,
com quem sobre castigar-te
sei, que há de esbofetear-te,
e com este desengano,
não te envergonhas, magano?

28 Vê, que te quero cascar
por outra sátira agora,
pois nem a ver o sol fora,
queres à porta chegar:
pois sabe, que hás de apanhar
mais de quatro bordoadas,
e com maiores pancadas,
que as do teu papel insano:
não te envergonhas, magano?

A CERTO FRADE QUE SE METEU A RESPONDER À UMA SÁTIRA,
QUE FEZ O POETA, ELE AGORA LHE RETRUCO COM ESTOUTRA.

Ilustre, e reverendo Frei Lourenço,
Quem vos disse, que um burro tão imenso,
Siso em agraz, miolos de pateta
Pode meter-se em réstia de poeta?

Quem vos disse, magano,
Que fará verso bom um Franciscano?
Cuidais, que um tonto revestido em saco
O mesmo é ser poeta, que velhaco?
Seres mestre vós na velhacaria
Vos vem por reta via
De trajar de burel essa libréia,
E o ser poeta nasce de outra veia;
Não entreis em Aganipe mais na barca,
Porque nela co'a mesma vossa alparca
Apolo tem mandado,
Que vos espanquem por desaforado.

Não sabeis, Reverendo Mariola,
Remendado de frade em salvajola,
Que cada gota, que o meu sangue pesa,
Vos poderá a quintais vender nobreza?
Falais em qualidade,
Tendo nessas artérias quantidade
De sangue vil, humor meretricano,
Pois nascestes de sêmen franciscano,
E sobre vossa Mãe em tempos francos
Caíram mil tamancos,
De sorte que não soube a sua pele,
Se vos fundiu mais este, do que aquele:
E nem vós, Frei Monturo, ou Frade Cisco,
Sabeis se filho sois de São Francisco,
Porque sois, vos prometo,
Filho do Santo não, porém seu neto.

Quem vos meteu a vós, vilão de chapa
A tomares as dores do meu mapa,
Se no mapa, que fiz não se esquadrinha
Linha tão má, como é a vossa linha?

Mas como comeis alhos,
Vos queimais, sem chegares aos burralhos;
E se acaso vos toca a putaria,
Que ali pintou a minha fantasia,
Não vos canseis em defender as putas,
Pois sendo dissolutas,
Não vos querem soldado aventureiro,
Querem, que lhe acudais com bem dinheiro;
E querem pelo menos, Frei Bolório,
Que os sobejos lhe deis do refeitório,
Que as dádivas de um Frade
sobejos são da leiga caridade.

E se acaso esforçastes a ousadia
À vista de uma larga companhia,
Ides, Frei Maganão, muito enganado,

Que o capitão pretérito é passado:
Não é cousa possível,
Que vos livre de trago tão terrível;
Tornai em vós, Frei Burro, ou Frei Cavalo,
Que cair sobre vós pode o badalo
De algum celeste signo, que vos abra,
E sem dizer palavra
Vos leve em corpo, e alma algum demônio
Por mau imitador de Santo Antônio;
Confessai vossas culpas, Frei Monturo,
Que anda a morte de ronda pelo muro,
E se na esfera vos topar a puta,
Vos heis de achar no inferno a pata enxuta.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

10 — TERESA

[Moça tão graciosa, como sem hipérbole de Musas se encarece por tão delicados versos, foi recatada com a fidalguia, que basta a reproduzir empenhos, sem violentar afetos. Bem o mostram as cláusulas suavíssimas deste galanteio: onde a namorada Citara regala os ânimos sem lastimar as potências.](#)

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*Formosa sem invenção
e bela sem cerimônia*

RETRATA O POETA COM GRACIOSO MIMO AS
MIMOSAS GRAÇAS DESTA DAMA.

Olá digo: ó vós Teresa,
que vós sois bizarra em forma,
formosa sem invenção,
e bela sem cerimonia.
Sois linda, como há de ser,
e Brites, que é tão formosa,
será vossa irmã em sangue,
na beleza, são histórias.
O mimo da vossa cara
é tal, que crê, quem a olha,
que as mais ao buril são feitas,
e a vossa vazada em fôrma.
O papinho, que se enxerga
por baixo da barba airosa,
me está dizendo — comei-me,
só vós me dizeis, não coma.
Logo me encolho de medo
talvez, talvez de vergonha,
que um grito na mesa alheia
põe o apetite em cóspias.
Não sei, que diga Teresa,
acerca da vossa boca;
mas que mais posso dizer
depois de dizer, que é vossa?
Sei dizer, que dentro nela
tal riqueza se entesoura,
que não sei, se são diamantes,
se pérolas; se outra coisa.
Bem apoda uns brancos dentes,
que a aljôfar os apoda,
e eu fizera o mesmo aos vossos,
mas quando o sonhou aljôfar?
Não sei, que tem vossa cara
de polida, e de mimosa,
que as outras são como as mais,
e a vossa não como as outras.
Quando a vossa cara vejo,
logo me vem à memória,
o melindre do jasmim,
e a natazinha da rosa.
Cuido, que se vem a unha
o carão, que a cara enforma,
e a medo lhe emprego a vista,
porque cuido, que a transtorna.
Não sou basilisco olhando,
mas essa fineza vossa,
como a qualquer unha cai,
a qualquer vista se volta.
Por isso tomara ver-vos
sempre de vidraças posta,
porque vos não ofendera,
quem vos fala, e quem vos olha.
A minha alma então prostrada

diante da imagem vossa,
não só, quem vos ama, víreis,
mas também quem vos adora.
Tal novena vos fizera,
que durara a vida toda,
um penhor da vossa glória,
por ver se vos merecia.

OUTRA PINTURA EM SOMBRAS DESTA DAMA.

- 1 Seres formosa, Teresa,
sendo trigueira, me espanta,
pois tendo beleza tanta,
é sobre isso milagrosa:
como não será espantosa,
se o adágio me assegura,
que, quem quiser formosura,
a há de ir na alvura ver,
e vós sois linda mulher
contra o adágio da alvura.

- 2 Mas o nosso adágio mente,
e eu lhe acho a repugnância,
de que a beleza é substância,
e a alvura é acidente:
se na esfera tão luzente
dessa cara prazenteira
o sol como por vidreira
se duplica retratado,
sendo vós sol duplicado,
que importa seres trigueira.

- 3 Eu melhor coisa não vi
de olhos, do que vossos olhos,
no ferir almas abrolhos,
no caçar almas nebli:
cos vossos olhos aqui
me sinto tão arriscado,
que me dá menos cuidado,
e fora a melhor partido
dos vossos olhos mordido,
que da vossa vista olhado.

- 4 Se todo o mundo pisara,
não vira no mundo inteiro
nem riso mais feiticeiro,
nem mais agradável cara:
tinha-vos por coisa rara,
notável, e prodigiosa;
mas acho, que artificiosa
em vós natureza obrou
pois sobre sombras pintou

uma cara tão formosa.

PINTA O POETA ENTRE AMOROSOS ACIDENTES O GARBO DE
TERESA EM OCASIÃO, QUE LHE PASSOU PELA RUA.

Por esta rua Teresa,
e co lencinho na trunsa,
apostarei, que são mortos
os meus vizinhos da rua.
Apostarei, que passando
de Teresa a formosura,
não viu pessoa, que então
não ficasse moribunda.
Apostarei, que pediam
confissão por essas ruas,
onde ela empregava os olhos
por portas, e por adufas.
Deus a Teresa perdoe,
e a demais gente defunta,
a Teresa os seus delitos,
aos demais as suas culpas.
Porque se ela não passava
airosa, galharda, e pulcra,
como garbo de mais da marca,
que é pior, que espada nua:
Não morreram meus vizinhos
de tão suave olhadura,
que era uma peste agradável
de lisonjeiras angústias.
E porque se meus vizinhos
quando ela dos olhos puxa,
cada qual fugira então
do perigo, a que se expunha:
Se fugiram das janelas,
se fecharam as adufas,
não foram mortos agora
de ver Teresa na rua.
De nenhum eu me lastimo,
antes tenho inveja suma,
de que de tal morte morram
tão incapazes criaturas.
Eu só quisera morrer
por Teresa, e é injúria,
que todos morram, e eu só
por seu amor me consuma.
Que eu morra, porque me mata
desdenhosa, ingrata, e dura,
passe, que é morte discreta,
passe, que a causa o desculpa.
Mas que morra a vizinhança
não mais de porque ela punha
os olhos, quando passava
pela gatinha da rua!
É mui grande atrevimento,
é desaforo, é injúria,

que se faz a uma beleza
tão soberana, e tão culta.
Eu não lhe posso sofrer,
nem hei de sofrê-lo nunca,
porque não é para todos
morrer de uma formosura.

REALÇA O POETA AS PERFEIÇÕES DE TERESA NA MORTE COR DE UMA
ENFERMIDADE, QUE PADECEU, DA QUAL AGORA CONVALESCIA.

Na roça os dias passados
vi a Senhora Tetê
tão linda, como achacosa,
tão fraca, como cruel.
Não sei, que força escondida
sobre os meus sentidos tem,
que estando fraca a beleza,
não resisto a seu poder.
Se a doença é tão formosa,
como em Teresa se vê,
quem não trocara a saúde
pelos seus males? e quem,
seja púrpura no campo,
seja rubi no vergel,
não trocará o encarnado
por tão linda palidez?
As flores da laranjeira
vendo assentar-se-lhe ao pé,
todas ao chão se arrojaram
desesperadas de a ver.
Uma colheu ela as mãos;
outras pisou com seu pés,
e qual era a mão, a flor,
não soube enxergar ninguém.
Fez-se de flores um monte
a par da linda Tetê,
que por deixá-las luzir,
a tratavam de esconder.
De todo o monte de flores,
um ramilhete se fez
elas ao pé eram flores
e em cima era flor Tetê.
Os pássaros lhe cantaram
o seu lá sol fá mi ré,
crendo, que segunda aurora
lhes tornava a amanhecer.
A fonte parou seu curso,
porque a fonte, nem ninguém
pode ser corrente à vista
de uma Dama tão cortês:
Eu quis descobrir-lhe o amor
que a seus olhos consagrei,
como em aras de beleza,
onde se holocausta a fé.
Fui curto, não me atrevi,

temi, emudeci, calei;
sempre amor difere mal,
a quem não se explica bem.
De mim me queixo somente,
e do adágio português,
que diz, que o calar não dana;
e eu perdi, porque calei.
Se os Malmequeres do campo
por rainha aquela vez
a aclamaram, e elegeram
pela cor, e o mal me quer:
Eu dessa eleição apelo,
e fiado em minha fé,
dará volta o mal me queres,
e parará em querer bem.

DESTAS ZOMBARIAS COM QUE O POETA COMEÇOU A GALANTEAR
A ESTA DAMA EM DESPIQUE DE SUA IRMÃ, SE PRESUMEM AGORA
AMOROSAS VERAS NESTA OBRA.

- 1 Tetê sempre desabrida
mostra um dia entranhas gratas,
pois sabem todos, que matas,
saibam que podes dar vida:
sendo tu minha homicida,
com morte tão desumana
dás a entender, que és humana;
porém se a vida me dás,
então, Tetê, mostrarás,
que és divina, e soberana.

- 2 O dar morte é de mulheres
propensas a crueldades,
dar vida é de divindades,
com soberanos poderes:
dando-me tu desprazeres,
a morte, a dor, e o pesar
hás de ficar com desar,
de que em ti tais males caibam,
e te está melhor, que saibam,
que tens mil vidas, que dar.

- 3 Deixai-me viver não mais,
que por vossa, e minha glória,
vós tereis nossa vanglória,
e eu folgarei, que a tendeis:
e se a vida me não dais,
porque enfada, quem adora,
não temais, minha Senhora,
que eu sei da vossa porfia,
que dando-me cada dia,
ma tirareis cada hora!

4 Vida, que tão pouco dura,
liberalmente se dá,
vosso enfado a tirará,
se a de vossa formosura:
e porque fique segura
morte tão apetecida,
dai-ma vós tão escondida,
que eu a não sinta chegar,
porque o gosto de acabar
não me torne a dar a vida.

FILOSOFIA, E RETÓRICA DIZ AQUI O POETA, QUE LEU, E COMO
RETORICAMENTE FILÓSOFO SEMPRE TEM QUE RESPONDER AOS
CASOS MENOS PENSADOS, COMO VEREMOS.

Que todo o bem se faria
dissestes, falsa Tetê,
o todo eu o perdoara,
basta-me parte do bem.
Quem não merece o bem todo,
com parte se satisfaz,
todo o bem, ou parte dele,
pouco, ou muito é mesmo bem.
Na boa filosofia,
e na retórica sei,
e li, que entre pouco, e muito
jamais distinção se fez.
Pouco mal, e muito mal
o mesmo mal vem a ser,
com que o mesmo bem será
pouco bem, e muito bem.
Distingue-se em quantidade,
não na espécie, nem no ser,
na substância é sempre o mesmo,
se em quantidade não é.
Basta ser da vossa mão,
para ser mui grande bem,
se é pouco, estima-se muito,
e em muito, se muito é.
Com pouco um pobre se alegra,
e quem tão pobre se vê,
Tetê, dos vossos favores,
se alegrará com qualquer.
Mas vós sois uma traidora,
falsa, fingida, infiel,
aleivosa, e fementida,
sobretudo sois mulher.
Prometeis mui largamente,
no dar vos arrependeis,
como se fora pecado
o dar sobre o prometer.
O arrepender é virtude,
mas se acaso o arrepender
é de dar o prometido,

vício, e vilania é.
Mas isso é para os ditosos;
isso é para aqueles, que
vos enganam com embustes,
coisa, que eu não sei fazer.
Praza a Amor, Tetê ingrata,
que tanto embuste encontreis,
que vos lembrem as verdades,
que enjeitais em minha fé.
Praza a Amor, que os desenganos
vos cheguem a estado, que
me vingue em vossos pesares
de vossos termos cruéis.
A Deus, Tetê, que eu me vou
para Sergipe d'El-Rei,
a viver de me ausentar,
e a morrer de vos não ver.

DESCULPA-SE ESTA DAMA EM CERTA OCASIÃO QUE TEVE DE CONVERSAR
COM O POETA, DEPOIS DE VÁRIAS PETIÇÕES, COM A OBJEÇÃO FRÍVOLA DE
QUE NÃO SATISFAZIA SEU DESEJO POR SER CASADO: AO QUE
ELE RESPONDE GRACIOSAMENTE.

- 1 Graças a Deus, que logrei,
Teresa, uma ocasião
da vossa conversação,
por que tanto suspirei:
e posto que me ausentei
de vós tão desenganado,
pois me enjeitas por casado,
confio em vosso primor,
que há de alcançar-vos Amor
ou casado, ou descasado.

- 2 Coração tão inimigo
mostrais ao casado ser,
que às claras venho a entender
que quereis casar comigo:
não se perca um bom amigo
por tão leve impedimento:
casemos, se vos contento,
e segunda vez casado
se me virdes açoutado,
isso mesmo é casamento.

- 3 Se a Justiça me açoutar
por casar segunda vez,
açoutado, em que me pes,
vos hei de alegre gozar:
quero as ruas passear
arrastando mil baraços
entre os alcaides madraços,

e o algoz após de mim
antes, que de um serafim
perder os doces abraços.

4 E se por disciplinante
for tido de toda a gente,
que mau é ser penitente,
para ser santo bribante:
e se o algoz falseante
me puser por mais rigor
alguma marca ao traidor
por duas vezes casado,
dirão, que é vosso estreado
homem de marca maior.

5 Enfim que de qualquer sorte,
que vós me queirais a mim,
vos hei de dar sempre o sim,
e um sim que dure até a morte:
no maior mal, e mais forte,
ao mais infame desdouro
hei de desprezar o agouro,
porque sendo vós tão grata
sobre ser moça de prata
sois Teresa um pino de ouro.

PEDE O POETA ZELOS A TERESA, E ELA LHE RESPONDEU, QUE SERIA
MUI PONTUAL EM LHOS DAR; E ADMIRAVELMENTE O POETA
DEFINE ESTE TERMO DAS ESCOLAS DO AMOR.

Os zelos, minha Teresa,
não sabe entender ninguém,
quem os não tem, esse os dá,
e pede-os, quem os não quer.
Eu chego a pedir-vos zelos,
e não quero, que mos deis,
mas vós mos dais, e os não tendes,
quem zelos há de entender?
Pela razão natural
ninguém dá, o que não tem,
e pela mesma razão
ninguém pede, o que não quer.
E assim enleia o juízo,
que os não tendes, e mos deis,
que eu, que os peço, os não quisera,
que é pedir, e não querer.
E suposta esta advertência,
vos peço, Teresa, que,
quando zelos vos pedir,
mais que os peça, mos não deis.
Porque eu peço, o que não quero,
e este pedir, é querer,
não que vós mos concedais,

senão sim que mos negueis.
Como amor é entendimento,
e como amar é entender,
vós como amante entendida,
vós, que como amais, sabeis.
Deveis das minhas palavras
tomar discreta, e cortês
não aquilo, que elas dizem,
mas o que querem dizer.
Não entendais, que vos peço
ciúmes, pelos querer,
antes sim pelos deixar
vos peço uma, e outra vez.
Pedir zelos é queixar-me,
e se eu amante, e fiel,
com finezas vos enfado,
com queixas que vos farei?
Teresa eu não peço zelos,
que quem tão mofino é,
que fino vos desagrada,
triste que há de parecer?
A beleza, que se adora,
tão privilegiada é,
que se há de mister licença
para sentir seus desdêns.

ALCANÇOU O POETA OCASIÃO DE LOGRAR OS FAVORES DE TERESA,
E A UM DESMAIO, COM QUE O RECEBEU, FEZ ESTE SONETO.

Desmaiastes, meu bem, quando uma vida
Recuperais no logro da ventura,
Mostrando, que é delito à formosura
Deixar de amor a posse tão valida.

Parece-vos, amores, que corrida
Vos mostrasse a fineza, se a doçura
Não deixara o carinho da brandura
Na confusão do gosto suspendida.

Ora não, minha vida, não consiste
O melindre da Dama nos desmaios,
Com que agora a vergonha vos assiste.

Que Amor só vive, quando em seus ensaios
Ao incêndio do gosto se resiste,
E aos fulgores do sol fomenta os raios.

PELO MESMO CASO E PELOS MESMOS CONSOANTES.

Se a gostos tiras, Clóris, uma vida,

Que de amor teve o logro por ventura,
Por que trocas em sombra a formosura,
Que foi no mundo todo tão valida?

Glória, que passa tanto de corrida,
Onde apenas se vê breve doçura,
Acredita o melindre da brandura
Nos extremos, que a deixam suspendida.

Não desmaies, meus olhos, pois consiste
O gosto em suspender feros desmaios,
Que dão tormento, a quem amante assiste.

São da morte cruel tristes ensaios,
E o coração, que adore, não resiste,
Sendo d'alma em rigor funestos raios.

FINAL ENCARECIMENTO DE TERESA, E SUAS DELICADAS PRENDAS.

1 Teresa, muito me prezo
de vos amar, e querer,
porque sei, que sois mulher
de conta, medida, e peso:
as demais por vós desprezo,
quer belas, quer entendidas,
e entre as mais presumidas,
juro-vos, e passa assi,
que nunca beleza vi,
que mais me enchesse as medidas.

2 Se da bela Felizarda
a formosura contemplo,
não lhe posso achar exemplo
senão no garbo da Anarda:
em louvar-vos se acobarda
o discurso mais valente,
e inda no mesmo acidente
de iluminados desmaios
ao manancial dos raios
vos considero eminente.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

11 — MARIA JOÃO

[A Mãe de Maria João chamada Izabel não levava em](#)
gosto as amizades de sua Filha com o Poeta.

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*As damas de toda a cor
Como tão pobre me vêem,
as mais lástima me têm,
as menos me têm amor*

E a ceia se acabou, jantar, e almoço

DIVERTIA-SE O POETA COM MARIA JOÃO E PERSUADE AGORA A
OUTRA CHAMADA MARIQUITA, QUE A VENHA VISITAR SOMENTE POR
TRAÇA DE A VER.

1 Vossarcê senhora Quita,
para quem ama, já tarda
a uma dama galharda,
que por você se esganita:
e quem de saudades grita,
e de tristeza emudece,
sobre o pouco que merece,
justifica o meu dizer,
que você a quem bem lhe quer,
foge, que desaparece.

2 Se não há lá uma canoa,
poremos de cá uma prancha,
e por falta irá a Lancha
cos esteiros da camboa:
Antonica venha à toa
sobre um esteiro em castigo
de ficar com seu amigo,
e deixar de ver a Irmã,
que da noite até a manhã
te mói como o bom trigo.

A MÃE DE MARIA JOÃO CHAMADA IZABEL NÃO LEVAVA EM GOSTO AS
AMIZADES DE SUA FILHA COM O POETA, OU SE TEMIA DE MARIQUITA,
E OCASIONANDO ENREDOS O POETA LHE CANTA A MOLIANA.

1 Já que a puta Zabelona
anda morta por me ouvir,
eu lhe corto de vestir,
que anda despida a putona:
se eu disse, que a sua cona
trazia a borda desfeita,
já creio, que a tem perfeita,
que estando dos eixos fora,
quem nela bateu agora,
agora lha pôs direita.

2 Em uma direita porta
feita por bom capinteiro,
quem nela bateu primeiro
esse primeiro a entorta:
mas depois de estar já torta,
e depois que se entortou,
o malho, que ali malhou,
se malhar, e porfiar,
ou a porta há de quebrar,
ou o malho a endireitou

- 3 Tudo isto à Zabel se ajeita:
a borda ia desvairada,
deram-lhe tanta pancada,
que isso mesmo a pôs direita
e a Filha é moça escorreita,
e basta, que o dissesse eu,
mas como o mesmo correu,
e os mesmos passos andou,
se transes a Mãe passou,
o mesmo lhe sucedeu.
- 4 Se falam de Bibiana,
tudo Bibiana fora,
a preta é muito Senhora,
mas branca, amorosa, humana:
Maria é mui desumana,
sacudida, e pespegada,
e esta cansada jornada,
que faz ao rio das pedras,
se faz pelas suas medras
sei que me deixa por nada.
- 5 Por nada, e menos de nada,
pois por um negro cueiro
mui negro, e mui lamareiro
se faz sua camarada:
o Preto é porra tisonada
mas sobre ser porra dura,
é porra dura, que atura,
o Branco mais lindo, e belo
é porra de caramelo,
desfaz-se na cozedura.
- 6 O medo de vir à Ilha
foi mui bem considerado,
pretexto se dá ao pecado,
da má Mãe nasce a má Filha:
a mim, não me maravilha,
que do Branco fuja a Preta;
mas se a Mãe é tão discreta,
como não lhe entra no peito,
que aqui se me tem respeito,
ou por branco, ou por poeta.
- 7 Quem olhos levantaria
para Maria João,
vendo, que no coração
trago a João, e a Maria?
escusas de cada dia
são sempre, as que dá uma puta,
e por dar fim à disputa,

vão embora por seu pé
aos montes de Gelboé,
que cá não me falta fruta.

8 Siris nem moles, nem duros
tocam a tão alta saia,
que isto de ir servir à praia,
são serviços de monturos:
lavar serviços impuros,
como é serviço do mar,
isto mesmo é mariscar,
e as negrinhas desta Ilha
mariscam por maravilha
só por nos maravilhar.

9 Se quis esses bons siris,
que não lhes nego a bondade,
bem sabe a minha vontade,
que os há cá muito gentis:
e se por lisonja o fiz,
e os pedi por agradar,
a quem tem gosto de os dar,
agora me emendarei,
e jamais os pedirei
às Negras de mariscar.

10 Esta Maria João
de conselhos bem guiada
está bem aconselhada
mas põe sempre a mão no chão:
se os conselhos, que lhe dão,
lhos dá, quem os há mister,
triste da pobre mulher,
que há de obrar pelo conselho
do pobre cueiro velho,
que não tem, o que há mister.

RETIRA-SE O POETA E DESCREVE POR CONSOANTES FORÇADOS DE QUE MANEIRA.

Depois de consoarmos um tramoço,
A noite se passou jogando a polha,
Amanheceu, e pôs-se-nos a olha
De que não sobejou caldo, nem osso.

Reinou, por não ficar-lhe nada, o Moço,
De um berro, que lhe dei, fiz-lhe uma bolha,
Rasguei-lhe uma camisa ainda em folha,
E a ceia se acabou, jantar, e almoço.

O Moço tal se despediu por isso,
E eu fiquei a beber vinho sem gesso
Sobre ovos moles, que me pus um uço.

Neste tempo topei com amor e enguiço,
Tive com Antonica o meu tropeço,
E parti de carreira no meu ruço:

OS SEUS DOCES EMPREGOS

12 — ADÃOS DE MASSAPÊ

*Que é fidalgo nos ossos, cremos nós,
Que nisto consistia o mor brasão
daqueles, que comiam seus avós.*

Faça medidas de A com pé direito.

A CERTO HOMEM PRESUMIDO; QUE AFETAVA
FIDALGA POR ENGANOS MEIOS

Bote a sua casaca de veludo,
E seja Capitão sequer dous dias,
Converse à porta de Domingos Dias,
Que pega fidalguia mais que tudo.

Seja um magno, um pícaro abelhudo,
Vá a palácio, e após das cortesias
Perca quando ganhar nas mercancias,
E em que perca o alheio, esteja mudo.

Sempre se ande na caça, e montaria,
Dê nova locução, novo epíteto,
E digo-o sem propósito à porfia;

Que em dizendo: “facção, pretexto, efecto”
Será no entendimento da Bahia
Mui fidalgo, mui rico, e mui discreto.

AO MESMO SUJEITO PELOS MESMOS ATREVIMENTOS.

Faça medidas de A com pé direito,
Os beija-mãos de gafador de péla,
Saiba a todo o cavalo a parentela,
O criador, o dono, e o defeito.

Se o não souber, e vir rocim de jeito,
Chame o lacaio, e posto na janela,
Mande, que lho passeie a mor cautela,
Que ainda que o não entenda, se há respeito.

Saia na armada, e sofra paparotes,
Damas ouça tanger, não as fornie,
Lembre-lhes sempre a Quinta, o potro, o galgo:

Que com isto, e o favor de quatro asnotes
De bom ouvir, e crer se porá a pique
De um dia amanhecer um grão fidalgo.

AS PRINCIPAIS DA BAHIA CHAMADOS OS CARAMURUS.

Há cousa como ver um Paiaíá
Mui prezado de ser Caramuru,
Descendente de sangue de Tatu,
Cujo torpe idioma é cobé pá.

A linha feminina é carimá
Moqueca, pititinga caruru
Mingua de puba, e vinho de caju
Pisado num pilão de Piraguá.

A masculina é um Aricobé
Cuja filha Cobé um branco Paí
Dormiu no promontório de Passé.

O Branco era um marau, que veio aqui,
Ela era uma Índia de Maré
Cobé pá, Aricobé, Cobé Paí.

AO MESMO ASSUNTO

Um calção de pindoba a meia zorra
Camisa de Urucu, mantéu de Arara,
Em lugar de cotó arco, e taquara,
Penacho de Guarás em vez de gorra.

Furado o beijo, e sem temor que mora,
pai, que lho envazou cuma titara,
Senão a Mãe, que a pedra lhe aplicara,
A reprimir-lhe o sangue, que não corra.

Animal sem razão, bruto sem fé,
Sem mais Leis, que as do gosto, quando erra,
De Paiaia virou-se em Abaeté.

Não sei, onde acabou, ou em que guerra,
Só sei, que deste Adão de Massapé,
Procedem os fidalgos desta terra.

A COSME MOURA ROLIM INSIGNE MORDAZ CONTRA OS FILHOS DE PORTUGAL

Um Rolim de Monai Bonzo Bramá
Primaz da Greparia do Pegu,
Que sem ser do Pequim, por ser do Açú,
Quer ser filho do Sol nascendo cá.

Tenha embora um Avô nascido lá,
Cá tem três para as pastes do Cairu,
Chama-se o principal Paraguaçu

Descendente este tal de um Guinamá.

Que é fidalgo nos ossos, cremos nós,
Que nisto consistia o mor brasão
Daqueles, que comiam seus avós.

E como isto lhe vem por geração,
Tem tomado por timbre em seus teirós
Morder, aos que provêm de outra Nação.

OS SEUS DOCES EMPREGOS

13 — A FREIRA: RALO, RODA E GRADE

*No dia em que o Poeta empreendeu galantear uma Freira
no mesmo convento se lhe pegou o fogo na cama.*

Manuel Pereira Rabelo, licenciado

*Alto: vou- me meter Frade
na ordem de Fr. Tomás,
serei perpétuo lambaz
do ralo, da roda, e grade:
mamarei paternidade,
Deo gratias se me dará,
e apenas se me ouvirá
o estrondo do meu tamanco,
quando a Freira sobre o banco
no ralo me aguardará.*

ÀS RELIGIOSAS QUE EM UMA FESTIVIDADE, QUE CELEBRARAM,
LANÇARAM A VOAR VÁRIOS PASSARINHOS.

Meninas,
não
que
se
fizei-me
de
e
que
pois
passarinhos

hoje
um
não
é
falando
pois
nisto
espero
dia,
aos
concede
passarinho
o
em
a
por
vossos
a
me
deveis
não
que

verdade,
brinquinhos,
passarinhos
liberdade:
vontade
dar,
negar,
concedais,
deitais
voar.

A D. MARTA DE CRISTO PRIMEIRA ABADESSA DO DESTERRO
GALANTEIA O POETA OBSEQUIOSAMENTE.

Ilustríssima Abadessa,
generosa Dona Marta,
que inda que nunca vos vi,
vos conheço pela fama.
Um ludfíbrio da fortuna,
epílogo de desgraças
se oferece a vossos pés,
para beijar-vos as plantas.
E bem, que a tão breve pé
sobra uma boca tamanha,
que mal me estará fazer-vos
as adorações sobradas.
Que dissera eu, se vos vira
a beleza dessa cara,
dos corações doce enleio,
suave encanto das almas?
Mas já que nunca vos vi,
por não ter dita tão alta,
a informação, que tirei,
para desejar-vos basta.
Vós sois, Senhora Abadessa,
fruto de tão nobre planta,
que se não nascêreis vós,
mal pudera outro imitá-la.
O que vos peço, é querer-vos
ou que me désseis palavra
de consentir, que vos queira,
que é dom, que não custa nada.
Eu sou um conimbricense
nascido nestas montanhas,
e sobre um ovo chocado
entre gemas, e entre clara.
Servi a Amor muitos anos,
e como sempre mal paga,
tenho a alma sabichona
já de muito escarmentada.
Não tenho medo de vós,

que não sois das namoradas,
dadas a mui pretendidas
pelo meio de falsárias.
Sois uma Freira mui linda,
bem nascida, e bem criada
e o gabo não vos assuste,
que ninguém gorda vos chama.
A este pobre fradulário
dai qualquer favor por carta,
porque no tardar do prêmio
não perigue a esperança.

CELEBRA O POETA O CASO, QUE SUCEDEU A U' A FREIRA DO MESMO
CONVENTO A QUEM OUTRAS FREIRAS TRAVESSAS LHE MOLHARAM O
TOUCADO, COM QUE PRETENDIA FALAR À SUA AMANTE.

- 1 Pelo toucador, clamais,
e em confusão me meteis,
porque se enxuto o quereis
como sobre ele chorais?
quanto mais suspiros dais,
novos extremos fazendo,
vai vosso dano crescendo,
e é mui mal desperdiçado
sobre a perda do toucado
andar pérolas perdendo:

- 2 Mas um peito lastimado,
que tem pouco essas sobras,
dirá, pois chora por dobras,
que o deixem chorar dobrados:
ditoso o vosso toucado
nas lágrimas, que chorastes,
pois tão bem desempenhastes
as vezes, que vos omou,
que se até aqui vos toucou,
de pérolas o toucastes.

- 3 Porventura, Nise, achais,
que mais bela a touca estava
ao tempo, que vos toucava,
do que agora a toucais?
não vedes, não reparais,
que aqueles vãos ornamentos
umedecidos, e lentos
de aljôfares derretidos,
o que estão de mui caídos,
isso têm de mais alentos?

- 4 Chorais com razão tão pouca,
que estão todos murmurando,
que andais as toucas lançado
não mais que por uma touca
se por Sívio ides louca,

porque amante vos anele,
e mais por vós se desvele,
vinde à grade destoucada,
e verá, que de empenhada
botais as toucas por ele.

5 Inundais as escarlatas
à guisa da bela aurora,
como se mui novo fora,
que n'água se banhem patas:
se as Professoras, ou Donatas,
que as patas vos mergulharam
tanto a peça celebraram,
zombai das suas invejas,
não se gabem malfazejas,
que de patas nos viraram.

A D. CATARINA PRELADA, QUE FOI NO MOSTEIRO DE ODIVELAS,
E AGORA PORTEIRA PEDE O POETA UMA GRADE.

Parabém seja à Vossa Senhoria
Ser da Chave dourada dessa glória,
Que há de dar-nos sem obra meritória
Por graça só da sua fidalguia.

Se, quando o céu monástico regia,
Deixou de seu juízo tal memória,
Quanto mais, que o reger, dará vã glória
Estar abrindo a glória cada dia.

Qualquer alma, que à glória se avizinha,
Contente aceita, alegre se acomoda
Com toda glória não: cuma casinha.

Não dê Vossenhoria a glória toda,
Mas bem vê, que à crueldade se encaminha,
Que, sendo Catarina, dê a roda.

REPETIU O POETA A MESMA ROGATIVA DEPOIS DE
ALGUM TEMPO.

Minha Senhora Dona Catarina,
Posto que montam pouco os meus engodos,
Agora os junto, e os engrazo todos,
Chamando a minha Mãe minha Menina.

Já sabeis, que me faz fome canina
Lise, de cujos agradáveis modos
Não são para servir de seus apodos

Os astros dessa esfera cristalina.

Tratai de me fartar esta vontade
em uma grade, como em uma boda,
Que é pouco em cada mês uma só grade.

Pois toda a Mãe seus Filhos acomoda,
Adverti, que parece crueldade,
Que sendo Catarina deis a roda.

NO DIA EM QUE O POETA EMPRENDEU GALANTEAR U'A FREIRA
DO MESMO CONVENTO SE LHE PEGOU O FOGO NA CAMA,
E INDO APAGÁ-LO, QUEIMOU UMA MÃO.

Ontem a amar-vos me dispus, e logo
Senti dentro de mim tão grande chama,
Que vendo arder-me na amorosa flama,
Tocou Amor na vossa cela o fogo.

Dormindo vós com todo o desafogo
Ao som do repicar saltais da cama,
E vendo arder uma alma, que vos ama,
Movida da piedade, e não do rogo

Fizestes aplicar ao fogo a neve
De uma mão branca, que livrar-se entende
Da chama, de quem foi despojo breve.

Mas ai! que se na neve Amor se acende,
Como de si esquecida a mão se atreve
A apagar, o que Amor na neve incende.

QUEIXA-SE UMA FREIRA DAQUELA MESMA CASA, DE QUE SENDO
VISTA U'A VEZ DO POETA, SE DESCUIDAVA-SE DE A TORNAR A VER.

Quem a primeira vez chegou a ver-vos,
Nise, e logo se pôs a contemplar-vos,
Bem merece morrer por conversar-vos,
E não pode viver sem merecer-vos.

Não soube ver-vos bem, nem conhecer-vos
Aquele, que outra vez deseja olhar-vos,
Pois não caiu nos riscos de tratar-vos,
Quem quer, que lhe queirais por já querer-vos.

Essas luzes de amor ricas, e belas

Vê-las basta uma vez, para admirá-las,
Que vê-las outra vez, será ofendê-las.

E se por resumi-las, e contá-las,
Não se podem contar, Nise, as estrelas,
Nem menos à memória encomendá-las.

**A UMA FREIRA QUE NAQUELA CASA SE LHE APRESENTOU
RICAMENTE VESTIDA, E COM UM REGALO DE MARTAS.**

De uma rústica pele, que antes dera
A um bruto monte, fez regalo Armida,
Por ser na fera a gala conhecida,
Como na condição já dantes era.

Menos que Armida já se considera
Ser a fera, pois perde a doce vida
Por Armida cruel: e esta homicida
Por vestir a fereza, despe a fera.

Se era negra, e feroz por natureza,
Com tal mão animada a pele goza
De um cordeirinho a mansidão, e a alvura.

Oh que tal é de Armida a mão formosa!
Que faz perder às feras a fereza,
E trocar-se a fealdade em formosura.

**A OUTRA FREIRA, QUE SATIRIZANDO A DELGADA
FISIONOMIA DO POETA LHE CHAMOU PICA-FLOR.**

Se Pica-flor me chamais,
Pica-flor aceito ser,
mas resta agora saber,
se no nome, que me dais,
meteis a flor, que guardais
no passarinho melhor!
se me dais este favor,
sendo só de mim o Pica,
e o mais vosso, claro fica,
que fico então Pica-flor.

**QUEIXA-SE O POETA DAS FUNDADORAS, QUE VIERAM DE ÉVORA, POR
NÃO PODER CONSEGUIR ALGUM GALANTEIO NAQUELA CASA, E
SEREM SOMENTE ADMITIDOS FRADES FRANCISCANOS.**

sofrer se há isto em Argel,
que um convento tão novel
deixe um leigo por um Frade?
que na roda, ralo, ou grade
Frades de bom, e mau jeito
comam merenda e eito,
e estejam a seu contendo
feitos papas do convento,
porque andam co papo feito?

2 Se engordar a fradaria
a esta cidade os trouxeram,
melhor fora, que vieram,
sustentar a Infântaria:
que importa, que cada dia
façam obras, casas fundem,
se os Fradinhos as confundem
por modo tão excrando,
que quando elas vão fundando,
tudo os Frades lhes refundem.

3 Pelo jeito, que isto leva,
cuidam, que em Évora estão,
onde de Inverno, e Verão
se põem os marrões de ceva:
nenhuma jamais se atreva
sob pena de excomunhão
a cevar o seu marrão,
que se em tais calamidades
me asseguram, que são Frades
arto em cevá-los lhe irão.

4 Sirvam-se do secular,
que ali está o garbo, o asseio,
o primor, o galanteio,
a boa graça, o bom ar:
a este lhe hão de falar
à grade, ao pátio, ao terreiro,
que o secular todo é cheiro,
e o Frade a mui limpo ser,
sempre há de vir a feder
ao cepo de um Pasteleiro.

5 Em chegando à grade um Frade
sem mais carinho, nem graça,
o braço logo arregaçã,
e o trespassa pela grade:
e é tal a qualidade
de qualquer Frade faminto,
que em um átomo sucinto
se vê a freira coitada
como um figo apolegada,
e molhada como um pinto.

6 O secular entendido,
encolhido e mesurado
não pede de envergonhado,
não toma de comedido:
cortesmente de advetido,
e de humilde cortesão
declara a sua afeição,
e como se agravo fora,
chama-lhe sua Senhora,
chama-lhe, e pede perdão.

7 Mais o Frade malcriado,
o vilão, o malhadeiro
nos modos é mui grosseiro,
nos gostos mui depravado:
brama, qual lobo esfaimado,
porque a Freira se destape,
e quer, porque nada escape,
levar logo a causa ao cabo,
e fede como o diabo
ao budum do trape-zape.

8 Portanto eu vos admoesto,
que o mimo, o regalo, o doce
o secular vo-lo almoce,
que a um Frade basta um cabresto:
toda Freira de bom gesto
se entregue em toda a maneira
a um leigo, que bem lhe queira,
e faltando ao que lhe pedem,
praza a Deus, que se lhe azedem
os doces na cantareira.

REPETE A QUEIXA INCREPANDO AS CONFIANÇAS DE FR. TOMÁS
D' APRESENTAÇÃO, QUE SE INTROMETIA SOFREGAMENTE NAQUELA CASA,
ONDE O POETA JÁ TINHA ENTRADA COM D. MARIANA, FREIRA, QUE
BLASONANDO SUAS ESQUIVANÇAS LHE HAVIA DITO, QUE SE CHAMAVA
URTIGA.

1 Nenhuma Freira me quer
de quantas tem o Desterro,
porque todas são do ferro
de Fr. Burro de Almister:
que me dá do seu querer,
se eu também nenhuma quero:
mas o rostinho severo
de Soror Madama Urtiga,
porque me há de dar fadiga,
se tão rendido o venero.

2 Que tem Freirinhas tão belas
cos pobres dos seculares,
que a todos lançam azares,

e nunca a sorte cai nelas:
deve de vir das estrelas
de algum signo peçonhento,
que abaixo do firmamento,
onde jaz o Escorpião,
lhos influi um Fradalhão,
que lhes domina o convento.

3 Alto: vou-me meter Frade
na ordem de Fr. Tomás,
serei perpétuo lambaz
do ralo, da roda, e grade:
mamarei paternidade,
Deo gratias se me dará,
e apenas se me ouvirá
o estrondo do meu tamanco,
quando a Freira sobre o banco
no ralo me aguardará.

4 Daí para a grade iremos,
e apenas terei entrado,
quando o braço arregaçado
aos ofícios nos poremos:
e quando nos não chegemos
(porque o não consentirá
a grade, que longe está)
o seu, e o meu coração,
porque vá de mão em mão,
irá na barca da pá.

5 Pela pá irá o meu zás,
e o seu pela pá virá,
e à força de tanta pá
viveremos sempre em paz:
serei o maior mangaz,
que passou de leigo a demo,
e a Frade, que é mor extremo,
e será por meu sojorno
a pá para ela de forno,
e pá para mim de remo.

6 Então me virá buscar
a Senhora Dona Urtiga,
Deo gratias, meu Fr. Fustiga,
Deo gratias Sor Rosalgar:
então me hei de pôr a olhar,
e tão grave me hei de pôr,
que quando me diga Amor,
esta é a Freira, que dei,
dir-lhe-ei, já me purguei,
e evacuei esse humor.

7 A fé Soror Mariana,
que tanto me hei de vingar,
que eu mesmo hei de perguntar
pela Freira soberana:
e há de dizer vossa Mana
(digo Soror Florencinha)
Senhor Doutor, esta é minha
Irmã, a quem você quis,
e hei de dizer-lhe, mentis,
que esta é uma coitadinha.

8 Não sabeis, Soror Florença
não sabeis diferencar
um Frade de um secular?
pois é esta a diferença:
tendo o leigo a capa imensa
como homem racional
nada lhe parece mal,
toda a Freira é uma flor:
mas em sendo Frei Fedor,
a melhor é um cardal.

A MESMA FREIRA D. MARIANA PELO MESMO CASO DE SE
HAVER APELIDADO URTIGA.

1 Como vos hei de abrandar,
se dizeis, que sois Urtiga
salvo se vos açoutar,
porque então heis de ficar
mais branda que uma bexiga.

2 Outro remédio melhor
sei eu para a formosura,
que faz gala do rigor,
e é não a querer, que amor
se vê, que vos faz mais dura.

3 Mas se isto de não querer-vos,
a dureza há de abrandar-vos,
sempre hei de vir a perder-vos,
que o mesmo é morrer de ver-vos,
que morrer de não falar-vos.

4 Com que a cura de meu mal
é amar, calar, sofrer,
que quando o mal é mortal,
se à vida é prejudicial,
será remédio o morrer.

5 Eu morro de vos querer,
e tanto em morrer persisto,

que podereis vos fazer,
que não ficasse malquisto
o venturão de vos ver.

6 Pois sabida a minha morte,
e a sua causa sabida,
fugindo vós de corrida,
todos terão por má sorte
ver-vos, e perder a vida.

7 Mas eu, que do mal de amor
faço tanta estimação,
não hei de queixar-me não
de tão formoso rigor,
nem de tão bela afeição.

8 Antes morte tão luzida
com tal gosto a ela corro,
que temo, minha homicida,
que me torne dar a vida
o prazer, com que me morro.

QUEIXA-SE O POETA A MESMA FREIRA DE SUAS INGRATIDÕES
DESPRIMOROSAS, IMITANDO A D. TOMÁS DE NORONHA EM UM SONETO,
QUE FEZ A CERTA FREIRA, QUE PRINCIPIA “SOROR

DONA BÁRBARA”.

Senhora Mariana, em que vos pes,
Haveis de me pagar por esta cruz,
Porque nisto de cornos nunca os pus,
E sei, que me pusestes mais de três.

Não sei, quem vos tentou, ou quem vos fez
Cruel, que rigor tanto em vós produz,
Pois convosco não val, e em mim não luz
Fé de Tudesco, e amor de Português.

Se contra vós algum delito fiz,
Que do vosso favor fora me traz,
Vós não podeis ser Parte, e mais Juiz.

Não queirais dar contudo a trasbarrás,
Nem vos façais de mim xarrisbarris,
Que me armeis por diante, e por detrás.

À MESMA FREIRA JÁ DE TODO MODERADA DE SEUS ARRUFOS
E CORRESPONDENDO AMANTE AO POETA.

A bela composição
dos dous nomes, que lograis,
bem explica, o que cifrais
nessa rara perfeição:
porque sendo em conclusão
por Maria Mar, e sendo
Graças por Ana, já entendo,
que quem logra a sorte ufana
de estar vendo a Mariana
um mar de graça está vendo.

À MESMA FREIRA EM OCASIÃO, QUE O POETA A OUVIU CANTAR
COM AQUELA ESPECIAL GRAÇA QUE PARA ISSO TINHA.

Oh quem de uma Águia elevada
tivera uma pena! eu creio,
que só então com fortuna
descrevera a sol tão belo.
Porém se tenho de Fênix
as penas dentro em meu peito
pelo abrasado, em que vivo
sejam chamas, quanto escrevo.
Mas não: sejam lavaredas
à vista desse luzeiro,
que a vista de sol tão claro
escurece um vivo incêndio.
Contudo se o desafogo
se permite a todo o peito,
por não estalar esta alma,
coração, desabafemos.
Convosco falo, Senhora,
de minhas atenções centro,
que a voz de um vale humilhado
também chega ao monte excelso.
Recebi o sacrificio
de um profundo rendimento,
que as Deidades soberanas
aceitam toscos obséquios.
Não culpeis esta ousadia,
nem crimineis tanto excesso
que o destino de alta estrela
me influi um amante excesso.
Vi esse pasmo, que adoro,
ouvi a voz, que venero,
de ver fiquei sem sentido,
e de ouvir sem pensamentos.
Por ouvir fico enlevado,
e por ver fico suspenso,
se o ver me prendeu o corpo,
o ouvir a alma me tem preso.
Um pasmo de formosura
do corpo é somente enleio,
e a voz mais doce, e canora
é só d'alma firme emprego.

Mas ser cantora suave,
e ser gentil com portento
é ser labirinto, e pasmo
d'alma, e corpo ao mesmo tempo.
Porém se em laços tão doces
for eterno prisioneiro,
não terão prêmio mais alto
meus firmíssimos intentos.
No nome sois mar de graça,
de prendas sois mar imenso,
não permitais, que naufrague
meu arnor sem ter remédio.
Concedei-me um mar bonança,
porto seguro, e sereno,
que a esperança de servir-vos
é âncora de querer-vos.
Na firmeza sou penhasco,
mas pronto a qualquer aceno,
por isso as ondas mais brandas
desse mar serei ligeiro.
O vento do vosso agrado
sopra sobre mim preceitos,
serei baixel, que obediente
voe como um pensamento.
Seguirei o vosso norte,
e por navegar direito,
só esse sol seja o astro,
que eu observe com empenho.
Não haverá tempestade,
por brabo que sobre o vento,
que obrigue a mudar de rumo,
quando em vosso mar navego.
Venham pois de vossas luzes
os mais brilhantes reflexos,
porque possa encher a altura
da viagem dos afetos.
Mandai, que a vossa presença
chegar possa a salvamento,
pois ao mar dessas ternuras
com vento em popa navego.

À MESMA FREIRA MANDANDO-LHE UM PRESENTE DE DOCES.

1 Um doce, que alimpa a tosse,
cousa muito grande era,
se eu não trocara, e pudera
a doçura pelo doce:
se quisera Amor, que eu fosse
tão digno, e tal me fizera,
que juntos vos merecera
ora o doce, a doçura ora,
maldita a minha alma fora,
se tudo vos não comera.

2 Mas há grande distinção.
e discrímen temerário
entre os doces de um almário,
e as doçuras de uma mão:
e quem é tão sabichão
destro no ré mi fá sol
mal pode errar, em seu prol,
quando sabe, que a doçura
se se come, é por natura,
e os mais doces por bemol.

3 O que enfim venho a dizer,
é, que se à minha ventura
negais comer da doçura,
doces não hei de comer:
não hei de troca fazer,
mais que a palos me moais,
e se comigo apertais,
que os vossos doces almoce,
é fazer-me a boca doce,
quando a mim é por demais.

4 Trocai o doce em favor,
e curai meu mal tão grave
co'aquela ambrósia suave,
com que foi criado o Amor:
o néctar será melhor,
que destilam vossas flores,
que são tão secos favores
são de amor efeitos pecos,
tão mais são amores secos,
como são secos amores.

AO MESMO ASSUNTO.

Senhora minha: se de tais clausuras
Tantos doces mandais a uma formiga,
Que esperais vós agora, que vos diga,
Se não forem muchisimas doçuras.

Eu esperei de amor outras venturas:
Mas ei-lo vai, tudo o que é de amor, obriga,
Ou já seja favor, ou uma figa,
Da vossa mão são tudo ambrósias puras.

O vosso doce a todos diz, comei-me,
De cheiroso, perfeito, e asseado,
E eu por gosto lhe dar, comi, e fartei-me.

Em este se acabando, irá recado,

E se vos parecer glutão, sofrei-me,
Enquanto vos não peço outro bocado.

A OUTRA FREIRA QUE ESTRANHOU AO POETA SATIRIZAR AO PE. DAMASO
DA SILVA, DIZENDO-LHE QUE ERA UM CLÉRIGO TÃO BENEMÉRITO, QUE JÁ
ELA TINHA EMPRENHADO, E PARIDO DELE.

Confessa Sor Madama de Jesus,
Que tal ficou de um tal Xesmeninês,
Que indo-se os meses, e chegando o mês,
Parira enfim de um Cônego Abestruz.

Diz, que um Xisgaravis deitara à luz
Morgado de um Presbítero montês,
Cara frisona, garras de Irlandês
Com boca de cagueiro de alcatruz.

Dou, que nascesse o tal Xisgaravis,
Que o parisse uma Freira: vade in paz,
Mas que o gerasse o Senhor Padre! arroz

Verdade pois o coração me diz,
Que o Filho foi sem dúvida algum trás,
Para as barbas do Pai, onde se pôs.

A UMA FREIRA QUE IMPEDIU A OUTRA MANDAR UM VERMELHO
AO POETA DE PRESENTE, DIZENDO, QUE A
HAVIA SATIRIZAR.

1 Ó vós, quem quer que sejais,
que nem o nome vos sei,
Freira, a quem nunca falei,
e tão mal de mim falais:
porque à fome me matais,
sem vos dar motivo algum?
pois querendo mandar-me um
vermelho uma Freira guapa,
vós me destes sem ser paga
esse dia de jejum.

2 Não quisestes porfiosa,
que se me mandasse o peixe,
formando para isso um feixe
de razões de bem má prosa:
a Freirinha era medrosa,
e vós, que o peixe intentastes
livrar de tantos contrastes,
de sátiro me arguístes,
e satírica não vistes,
que então me satirizastes.

3 Sendo o conselho tão tosco,
tão bem a Freira o tomou,
que o peixe me não mandou,
por não se espinhar convosco:
mas vós que tendes conosco,
comigo, e minha talia?
e se o peixe vos doía,
em que eu agora me escaldo,
se o fazíeis pelo caldo,
o caldo eu vo-lo daria.

4 Oh: faz a um cuspir no chão
uma sátira o Doutor:
satiriza um Pica-flor,
quanto mais a um peixarrão:
homem de tal condição
não se lhe dá de comer,
e tem pouco que entender,
que o Doutor já fraco, e velho
se há de comer o vermelho
por força o há de morder.

5 Pois destes tão mal conselho,
rogo ao demo, que vos tome,
por deixar morrer à fome
um pobre faminto velho:
rogo ao demo, que ao seu relho
vos prenda com força tanta,
que nunca arredeis a planta,
e que a espinha muita, ou pouca,
que me tirastes da boca,
se vos crave na garganta.

6 Assim como isto é verdade,
que pelo vosso conselho
perdi eu o meu vermelho,
percai vós a virgindade:
que vo-la arrebate um frade;
mas isto que praga é?
praza ao demo, que um cobé
vos plante tal mangará,
que parais um Paiaiaí,
mais negro do que um Guiné.

A CERTA FREIRA QUE EM DIA DE TODOS OS SANTOS MANDOU A SEU
AMANTE GRACIOSAMENTE POR PÃO POR DEUS UM CARÁ.

1 No dia. em que a Igreja dá
pão por Deus à cristandade,
tenho por má caridade

dares vós, Freira, um cará:
se foi remoque, oxalá,
que vos dêem a mesma esmola,
que não há mulher tão tola,
que por mais honesta, e grave,
não queira levar o cabe,
se pôs descoberta a bola.

2 Descobristes a intenção,
e o desejo revelastes,
quando o cará encaixastes,
a quem vos pedia o pão:
como quem diz: meu Irmão,
se quem toma, se obrigou
a pagar, o que tomou,
vós obrigado a pagar-me,
ficais ensinado a dar-me
o cará, que vos eu dou.

3 Levado desta seqüela
promete o mancebo já
de dar-vos o seu cará,
porque fique ela por ela:
se consiste a vossa estrela
em dar, o que heis de tomar,
cará não há de faltar,
porque o Moço não repara
em levar a cópia, para
o original vos tornar.

4 Se assim for, que assim será,
fareis um negócio raro,
porque um cará não é caro
se por um outro se dá:
e pois o quer pagar já
sem detença, e com cuidado,
se o quereis ver bem pagado,
há de ser com tal partido,
que por um cará cozido
leveis o meu, que anda assado.

5 Vós pois me haveis de dizer
(assentado este negócio)
se quereis fazer socrócio,
porque comigo há de ser:
de carás heis de cozer
uma boa caldeirada,
e de toda esta tachada
tal conserva heis de tomar,
que vos venhais a pagar
do cará co caralhada.

UM CHOURIÇO DE SANGUE.

- 1 Conta-se pelos corrilhos
que o Pelicano às titelas
sustenta como morcelas
a puro sangue a seus filhos:
vós, Dona Fábria Carrilhos,
se bem cuidado, e não me engano,
deveis de ser Pelicano,
que enchestes este chouriço
com o sangue alagadiço
desse pássaro magano.

- 2 Com que este chouriço gordo,
tão gordo, e especiado
um filho vosso é criado
co sangue do vosso tordo:
porém tomou mau acordo,
quem quer que o empapelou,
e a dar-mo vos obrigou,
pois não tem caminho enfim,
mandares-me o filho a mim,
que outro Pai vos encaixou.

- 3 O que me dita o toutiço,
é, que o paio se mediú;
e por onde este saiu,
pode entrar qualquer chouriço:
direis, que vos não dá disso,
e eu creio, se vos não dá,
mas alguém vo-lo dará,
e que fora o meu quisera,
porque se fartara, e enchera
do sangue, que vai por lá.

- 4 Comi o chouriço cozido
com sossego, e sem empenho,
porque outro chouriço tenho
para pagar o comido:
vós tendes melhor partido,
mais liberal, e mais franco,
pois como em real estanco
tal seguro vos prometo,
que por um chouriço preto
heis de levar o meu branco.

- 5 Sobre vos aventejar
nas cores desta trocada,
vós destes-me uma talhada,
e eu todo vo-lo hei de dar:
se cuidais de mo cortar,
ele é duro de maneira

que a faca mais cortadeira
não fará cousa, que importa,
que o meu chouriço o não corta,
salvo um remoque de Freira.

6 Eu o dou por bem cortado
deste primeiro remoque,
que ao vosso mais leve toque
fique de todo esgotado:
então o vosso cuidado
vendo, que tanto me emborco,
e inda assim vos não emporco,
terá por cousa do Olimpo,
que a tripa de um homem limpo
se dê por tripa de porco.

7 Muito me soube atalhada
do chouriço inda que preto,
e a ser todo vos prometo,
que a ceia fora dobrada:
mas fora mais acertada
cousa, e de menos trabalho
que dando-vos nisto um talho,
uma lingüiça vos cangue,
que o chouriço coalha o sangue,
e a lingüiça leva o alho.

8 Eu sou tão bom conselheiro,
que heis de escolher, o que digo,
porque quem fala comigo,
escolhe em um tabuleiro:
se vos for mais lisonjeiro
o chouriço, que a lingüiça,
dou gosto, e faço justiça:
mas bem sabe quem se abrocha,
que o chouriço a boca atocha,
e a lingüiça o fogo atiça.